

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**ESTRUTURA E FUNÇÕES PRAGMÁTICAS DA NEGAÇÃO NO SUL DO BRASIL**

LUANA LAMBERTI NUNES

PORTO ALEGRE

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ESPECIALIDADE: GRAMÁTICA E SIGNIFICAÇÃO

**ESTRUTURA E FUNÇÕES PRAGMÁTICAS DA NEGAÇÃO NO SUL DO BRASIL**

LUANA LAMBERTI NUNES

Orientador: Prof. Dr. Marcos Goldnadel

Dissertação de mestrado em Gramática e Significação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

PORTO ALEGRE

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Nunes, Luana Lamberti  
ESTRUTURA E FUNÇÕES PRAGMÁTICAS DA NEGAÇÃO NO SUL  
DO BRASIL / Luana Lamberti Nunes. -- 2017.  
113 f.

Orientador: Marcos Goldnadel.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de  
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Dupla Negação. 2. Pragmática. 3. Sul. 4.  
VARISUL. I. Goldnadel, Marcos , orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ESPECIALIDADE: GRAMÁTICA E SIGNIFICAÇÃO

**ESTRUTURA E FUNÇÕES PRAGMÁTICAS DA NEGAÇÃO NO SUL DO BRASIL**

LUANA LAMBERTI NUNES

Orientador: Prof. Dr. Marcos Goldnadel

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Scott A. Schwenter

Department of Spanish and Portuguese – The Ohio State University

---

Prof. Dr. Gabriel Othero

Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr. Luisandro Mendes de Souza

Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

PORTO ALEGRE

2017

Para meus pais, Almerinda Lamberti Nunes e Roni Pereira Nunes.

## AGRADECIMENTOS

i thank the universe  
for taking away  
everything it has taken  
and giving to me  
everything it is giving

*balance* - rupi kaur



Eu gostaria de agradecer, em primeiro lugar, aos meus pais, pois eles são os responsáveis por todas as minhas realizações profissionais e pessoais. Eu estou nessa trajetória acadêmica há 7 anos, e só eles sabem o quão difícil ela vem sendo para mim. Tudo iniciou quando eu ingressei na UFRGS em 2010. Eles estavam lá no dia do vestibular com as suas cadeiras de praia me esperando no sol do lado fora, para que eu me sentisse confiante e protegida. Eu passei.

Depois, quando ingressei na universidade, eles também estavam lá, meu pai acordando comigo às 5 horas da manhã para me acompanhar até a parada de ônibus, por morarmos em um bairro perigoso, e minha mãe fazendo café da manhã, para que eu não saísse de casa sem comer. Além desses gestos, eles sempre me apoiaram emocionalmente, porque durante os cinco anos que estive na graduação sempre trabalhei e viajava 5 horas por dia para me deslocar da minha casa até universidade/trabalho.

Quando ingressei no mestrado, eles também estavam lá, na porta do Instituto de Letras, enquanto eu fazia a prova de admissão. Entrei no programa de mestrado. Após um ano cursando, eu fui aprovada em um doutorado nos Estados Unidos e vivo aqui há um ano. Agora, eles não estão mais perto de mim. Mas eu sei que a preocupação e o zelo continuam iguais, mesmo de longe. Mãe e pai, vocês são o meu mundo, tudo que eu faço e farei será por vocês, nenhum amor do mundo se compara com o que eu sinto por vocês. Obrigada por serem a razão da minha vida.

Eu também gostaria de agradecer ao professor Marcos Goldnadel por me aconselhar, orientar e estar ao meu lado nessa trajetória de pesquisa sobre a dupla negação. Eu nunca serei o, suficientemente, grata pelo apoio do senhor, pois através de seu grupo de pesquisa que eu estou construindo uma carreira acadêmica e profissional que me deixa muito realizada. Além do professor Marcos, eu gostaria de agradecer ao professor Scott Schwenter, meu novo orientador aqui nos Estados Unidos. Estou aprendendo muito sobre a academia e pesquisa na Ohio State e, apesar de ter ainda uma longa trajetória pela frente, nada disso seria possível sem o apoio e ensinamentos do professor Schwenter, muito obrigada.

Por fim, e não menos importante, eu gostaria de agradecer o apoio dos meus amigos, Jéferson, Mayara, Junior, Daniela, Líciele e Jacqueline, vocês, de perto ou de longe, me dão forças para continuar. Além deles, sou muito grata ao meu namorado Christopher e sua família, eu realmente não acredito que a força e felicidade que tenho aqui nos Estados Unidos seria possível sem vocês, muito obrigada por fazerem parte da minha vida.

## RESUMO

Em português, existem diferentes possibilidades de expressão da negação sentencial. Reconhece-se que o português brasileiro (PB) apresenta três estratégias de negação:

- (1) Negação pré-verbal (Neg1): **Não** gosto dele.
- (2) Dupla Negação (Neg2): **Não** gosto dele **não**.
- (3) Negação pós-verbal (Neg3): Gosto dele **não**.

Os motivos para o surgimento dessas formas alternativas de negação têm sido o objetivo de algum debate na Pragmática. Para alguns autores (Hoeksema, 2009; Auwera, 2009; etc.) a Neg2 aparece como uma estratégia discursiva para expressar ênfase. Em uma série de trabalhos, Schwenter (2005, 2006) defendeu a hipótese de que a dupla negação (DN) surge como uma estratégia para indicar conteúdo ativado no discurso. Lima (2013), elaborando as ideias de Schwenter, considera que a dupla negação no Sul do Brasil cumpre a função pragmática de sinalizar a manutenção de tópico. Seixas e Alkmin (2013) encontraram outra função pragmática na ascensão da Neg2 nos séculos VIII e XIX: a denegação. Este estudo investiga as possíveis funções pragmáticas e tipos de oração da Neg2 e Neg1 encontradas em 36 entrevistas sociolinguísticas com falantes nativos provenientes de três cidades representativas do Sul do Brasil (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre) nos anos 90. Os resultados mostraram que a dupla negação do Sul do Brasil se encontra, em seus primeiros estágios de desenvolvimento, uma vez que foram encontradas entre 1% e 2% de ocorrências de Neg2 no corpus. Além disso, os enunciados com dupla negação foram utilizados para sinalizar duas funções pragmáticas principais: denegação e manutenção tópica. Ambas apresentam a condição de uso de ativação proposta por Schwenter (2005, 2006). Verificou-se, também, que a DN ocorre, principalmente, em orações simples. Em conclusão, observou-se que há um corte pragmático entre as duas estratégias negativas, Neg1 e Neg2. Ou seja, a negação canônica não é restrita pelos mesmos contextos pragmáticos que a dupla negação em PB.

**Palavras-chave:** Dupla negação, Português Brasileiro, Sul do Brasil, Pragmática.



## ABSTRACT

In Portuguese, there are different possibilities of sentential negation expression. It is acknowledged that Brazilian Portuguese (BP) presents three strategies of denial:

- (1) Pre-verbal negation (Neg1);  
e.g.: *Não gosto dele.*  
I do not like him.
- (2) Double negation (Neg2);  
e.g.: *Não gosto dele não.*  
I do not like him (not).
- (3) Post-verbal negation (Neg3).  
e.g.: *Gosto dele não.*  
I do not like him.

The reasons for the emergence of those alternative forms of negation have been the objective of some debate in Pragmatics. For some authors (Hoeksema, 2009; Auwera, 2009; etc.) Neg2 appears as a discursive strategy to express emphasis. In a series of papers, Schwenter (2005, 2006) has defended the hypothesis that the double negation (DN) arises as a strategy to indicate activated content in the discourse. Lima (2013), elaborating on the Schwenter ideas, takes the view that, in its early stages of use, the double negation in Southern Brazil meets the pragmatic function of signaling sentence topic maintenance. Seixas & Alkmin (2013) found a pragmatic function of denial on the rising of Neg2 in the 18<sup>th</sup> and 19<sup>th</sup> centuries. This study investigates the possible pragmatic functions and sentence types of double negation and Neg1 utterances found in 36 sociolinguistics interviews of native speakers from three representative cities from South Brazil (Curitiba, Florianópolis and Porto Alegre) in the 90s. The results showed that Southern Brazilian double negation in its first stages of development, since it was found between 1% and 2% of Neg2 occurrences in the corpus. Moreover, double negation utterances were used to signal two main pragmatic functions named denial and topic maintenance that present the use condition of activation proposed by Schwenter (2005, 2006). It was also found that DN occurs, mainly, in simple clauses. Therefore, there is a pragmatic cut between the two negative strategies, Neg1 and Neg2, i.e. the canonical negation is not constrained by the same pragmatic contexts as Neg2 is.

**Keywords:** Double Negation, Brazilian Portuguese. South of Brazil, Pragmatics.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Estudos sobre o Ciclo de Jespersen	17
Tabela 2: Resultados Wallage (2016) 1	35
Tabela 3: Resultados Wallage (2016) 2	35
Tabela 4: Distribuição das negativas em PE, Nunes (2014)	41
Tabela 5: Dados de Furtado da Cunha (2007)	42
Tabela 6: Dados de Cavalcante (2007)	44
Tabela 7: Análise de Dados de Cavalcante (2007)	44
Tabela 8: Dados de Sousa (2007)	46
Tabela 9: Funções pragmáticas e estrutura sintáticas dos três tipos de negação proposta por Sousa (2015)	48
Tabela 10: Dados em Camargos 2001)	49
Tabela 11: Faixa Etária nos Dados em Camargos 2001	49
Tabela 12: Análise da Negação em PB por Schwenter 2005	52
Tabela 13: Estudos sobre Estratégias Negativas em Português: Resumo	53
Tabela 14: Resultados de Seixas & Alkmin (2013)	55
Tabela 15: Resultados de Goldnadel et al. 2013	59
Tabela 16: Estudos sobre DN em PB: Comparação com os Dados do Sul	71
Tabela 17: Número Total de Palavras no Corpus	74
Tabela 18: Número Total de Negações no Corpus	76
Tabela 19: Tipos de Oração Pesquisados no Corpus	80
Tabela 20: Resultados das Ocorrências de Neg1 e Neg2 no Corpus	81
Tabela 21: Resultados das Ocorrências de Neg1 e Neg2 nas 3 Cidades	81
Tabela 22: Distribuição da Função Pragmática da Neg2: Curitiba/PR	82
Tabela 23: Distribuição do Tipo de Oração da Neg2: Curitiba/PR	83
Tabela 24: Distribuição da Função Pragmática da Neg2: Florianópolis/SC	83
Tabela 25: Distribuição do Tipo de Oração da Neg2: Florianópolis/SC	84
Tabela 26: Distribuição da Função Pragmática da Neg2: Porto Alegre/RS	84
Tabela 27: Distribuição do Tipo de Oração da Neg2: Porto Alegre/RS	85
Tabela 28: Distribuição da Função Pragmática da Neg1: Curitiba/PR	86
Tabela 29: Distribuição do Tipo de Oração da Neg2: Curitiba/PR	87
Tabela 30: Distribuição da Função Pragmática da Neg2: Florianópolis/SC	87
Tabela 31: Distribuição do Tipo de Oração da Neg2: Florianópolis/SC	88
Tabela 32: Distribuição da Função Pragmática da Neg2: Porto Alegre/RS	89
Tabela 33: Distribuição do Tipo de Oração da Neg2: Porto Alegre/RS	90

## LISTA DE QUADROS, GRÁFICOS E FIGURAS

Quadro 1: Etapas do Ciclo (van der Auwera, 2009)	21
Quadro 2: Etapas do Ciclo (Kiparsky & Condoravdi 2006)	22
Quadro 3: Perspectiva do Falante (Detges & Waltereit 2002)	24
Quadro 4: Exemplo de Denegação, Seixas & Alkmin 2013	56
Quadro 5: Exemplo em Seixas & Alkmin 2013	57
Gráfico 1: Funções Pragmáticas da Dupla Negação na Região Sul do Brasil	91
Gráfico 2: Tipos de Oração da Dupla Negação na Região Sul do Brasil	91
Gráfico 3: Comparação das 3 cidades: Função Pragmática	103
Gráfico 4: Comparação dos Tipos de Oração	103
Gráfico 5: Comparação das Funções Pragmáticas	104
Figura 1: Estrutura de Questão-Resposta em van Kuppevelt (1995)	66

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
1 FUNÇÕES PRAGMÁTICAS DE ESTRATÉGIAS NEGATIVAS VARIÁVEIS .....	15
Introdução .....	15
1.1 Panorama Geral de Estudos de Estratégias Negativas Variáveis.....	15
1.2 Ênfase.....	19
1.3 Ativação .....	25
Conclusão.....	38
2 FORMAS INOVADORAS DE NEGAÇÃO EM PORTUGUÊS .....	40
Introdução .....	40
2.1 O sistema de negação em português: estudos prévios .....	40
2.2 Hipóteses Pragmáticas para a Dupla Negação em PB: Denegação .....	53
2.3 Hipóteses Pragmáticas para a Dupla Negação em PB: Manutenção Tópica .....	58
Conclusão.....	62
3 A DUPLA NEGAÇÃO NO SUL DO BRASIL – ANÁLISE DE DADOS DO VARSUL .....	64
Introdução .....	64
3.1 Conceito de Tópico: van Kuppevelt (1995).....	64
3.2 Motivação e Objetivos .....	70
3.3 Descrição dos Dados da Pesquisa .....	72
3.4 Metodologia .....	744
3.5 Resultados .....	80
3.5.1 Análise Pragmática .....	92
3.6 Desenvolvimento da Hipótese Central.....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	106
REFERÊNCIAS.....	109

## INTRODUÇÃO

A negação manifesta-se de diversas formas nas línguas do mundo e, em uma única língua, pode haver diferentes estratégias negativas. Entre elas, há o fenômeno denominado dupla negação (DN), que pode ser caracterizado pela ocorrência de dois itens negativos que, geralmente, são interpolados pelo verbo principal da frase. A dupla negação, no sentido tratado neste trabalho, não anula o sentido negativo da proposição, como pode acontecer em inglês. Por exemplo, na frase “*I am not doing nothing<sup>1</sup>*”, que deve ter uma prosódia específica, há dois elementos negativos, porém eles se anulam e o sentido da frase se torna afirmativo, significando “*I am doing something<sup>2</sup>*”. Além disso, a DN pode ser expressa de duas maneiras: primeiramente, quando as duas negações não apresentam a mesma forma, isto é, o item pré-verbal é, geralmente, manifestado por um advérbio de negação, enquanto que o pós-verbal é derivado de um item de polaridade negativa. E, a segunda forma é caracterizada pela repetição do mesmo item negativo nas posições pré e pós-verbais.

Algumas das línguas que recorrem a essa estratégia na expressão da negação são: o africâner, atestado por Biberauer & Cyrino (2009) com o aparecimento de dois itens negativos repetidos; o grego, que já passou por diversos ciclos de mudança com itens de polaridade negativa (Kiparsky & Condoravdi, 2006); e algumas línguas africanas da família nigero-congolesa como o Congo, Ewe e Youruba Ìkálè, que expressam a negação com dois itens negativos em diferentes posições sintáticas (Nurse et al., 2010 e Fábùnmi, 2013).

No domínio das línguas Românicas, a dupla negação é um fenômeno comum e aparece das duas formas mencionadas. O francês é um exemplo clássico de uma língua que passou por um processo de mudança linguística em relação à forma de sua expressão negativa, apresentando, atualmente na fala, preferência pela negação pós-verbal, manifestada por um item de polaridade negativa (Larrivé, 2010). Outros exemplos de línguas românicas que possuem negação por elementos de polaridade negativa são o italiano e o catalão (Schwenter, 2006). Ainda dentro desse panorama, algumas variedades do espanhol (a falada na República Dominicana e as colombianas Chocó e Palenquero) apresentam o fenômeno da dupla negação, que é manifestada por dois itens negativos repetidos (Lipski, 2001). Além desses casos, o português falado em Angola (Lipski, 2001) e em Portugal (Nunes, 2014 e Hagemeijer, 2003)

---

<sup>1</sup> Eu não estou fazendo nada.

<sup>2</sup> Eu estou fazendo algo.

apresentam a estratégia de DN. Por fim, o português brasileiro (PB) também manifesta sua negação de forma dupla (atestado por vários estudos: Schwegler (1991), Roncarati (1996), Furtado da Cunha (2001, 2007), Schwenter (2005) etc.). A dupla negação em PB é parte de um sistema de negação que se manifesta de três maneiras:

**1) Negação canônica (Neg1):**

Ex: Eu não gosto dele.

**2) Dupla Negação (Neg2):**

Ex: Eu não gosto dele não.

**3) Negação Pós-Verbal (Neg3):**

Ex: Gosto dele não.

No universo de estudos referidos sobre a dupla negação, existem duas principais linhas de investigação que se propõem a tratar da explicação para o fenômeno: uma que se ocupa em abordá-lo por uma perspectiva que considera aspectos formais e outra que discute as diversas motivações pragmáticas para o surgimento da estrutura. Nos estudos de caráter formal, há uma hipótese amplamente difundida, proposta por Jespersen (1917), na qual a DN seria uma etapa de um processo de mudança da negação, denominado ciclo de Jespersen.

A sua ideia principal é a de que as línguas passam por ciclos de mudança das partículas negativas, na qual, em seus estágios iniciais, a negação original perderia a força negativa (geralmente por um processo de erosão fonética) e, então, um item negativo inovador surgiria para suprir essa perda. Nesse momento, haveria a coocorrência de dois elementos negativos, que com o passar do tempo, perderia frequência, dando lugar ao uso único da negação inovadora. Jespersen (1917) ilustrou essa hipótese com exemplos do francês que, de fato, seguiu os passos referidos no ciclo. No âmbito dos estudos sobre o português brasileiro, autores como Furtado da Cunha (2007) e Sousa (2007) alinham-se com essa proposta ao sugerir que a dupla negação surge como uma estratégia para suprir um desequilíbrio do sistema, causado pelo enfraquecimento fonético da partícula pré-verbal *não*.

Por outro lado, na literatura especializada, há investigações que se preocupam em entender as motivações para o surgimento do fenômeno ao sugerir explicações funcionalistas

baseadas na estrutura do discurso. Nesse âmbito de estudos, há duas correntes principais. Uma utiliza noções relacionadas à ênfase ou reforço (Detges & Waltereit 2002, Kiparsky & Condoravdi 2006, van der Auwera 2009, Larrivé 2010), e outra considera a ideia de conteúdo ativado no discurso (Schwenter 2005, 2006, Godard & Marandin 2006, López 2007, Wallage 2016).

Este trabalho segue a última proposta e procura desenvolvê-la com dados da região do Sul do Brasil no início da década de 90. Essa localização geográfica apresentava usos incipientes do fenômeno da dupla negação, em contraste com outras regiões brasileiras que, atestadamente, a utilizam mais frequentemente (Camargos 2001, Cavalcante 2007, Sousa 2007, Furtado da Cunha, 2007). Sendo assim, o Sul se caracteriza como ideal para a investigação das motivações iniciais para o surgimento do fenômeno. Para tal, serão analisadas as ocorrências de negações distribuídas em três cidades: Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. Serão feitas análises que consideram o tipo oracional e as funções pragmáticas exercidas por ambas negações canônicas e duplas, a fim de compreender o fenômeno da DN em comparação com a forma negativa mais frequente em português, a Neg1.

No primeiro capítulo serão apresentados estudos que tratam da dupla negação em diversas línguas sobre duas principais linhas de argumentação: uma que trata do fenômeno por uma perspectiva histórica (seção 1.1) e outra que considera questões pragmáticas para explicar as motivações do fenômeno (seções 1.2 e 1.3).

No segundo capítulo será apresentado o panorama geral de pesquisas sobre DN em português brasileiro. Já no terceiro capítulo serão apresentados o detalhamento dos dados analisados, a metodologia de pesquisa e os resultados da análise.

# 1 FUNÇÕES PRAGMÁTICAS DE ESTRATÉGIAS NEGATIVAS VARIÁVEIS

## Introdução

Neste capítulo serão introduzidos o panorama geral de estudos sobre estratégias negativas e duas principais noções que consideram questões discursivas e pragmáticas para a explicação do fenômeno da dupla negação: ênfase e ativação. Essas últimas propostas consideram as limitações da perspectiva fonética. O presente capítulo é dividido da seguinte maneira: a primeira seção trata, detalhadamente, de vários estudos que analisam a dupla negação em diversas línguas. Por fim, as seções 1.2 e 1.3 descrevem as propostas que consideram questões pragmáticas para a explicação fenômeno, além disso, as referidas seções seguem uma lógica de apresentação de uma hipótese (ênfase) e, em seguida, estudos que a contradizem (ativação).

## 1.1 Panorama Geral de Estudos de Estratégias Negativas Variáveis

A existência de diferentes estratégias da negação sentencial propulsionou estudiosos à investigação das motivações para a ocorrência dessas estruturas. Na literatura especializada, um dos primeiros linguistas a propor uma análise e descrição dos diferentes tipos de negação foi Otto Jespersen (1917). Este autor trata o fenômeno em uma perspectiva que leva em consideração o enfraquecimento fonético e semântico de um item negativo original:

“O histórico de expressões negativas em diversas línguas nos faz testemunhos da seguinte curiosa variação: o advérbio original de negação é, primeiramente, enfraquecido, então, ele se torna insuficiente e, logo mais, é fortalecido, geralmente, através de outra palavra adicional e essa mudança pode ser sentida como uma alteração na propriedade negativa e, então, com o passar do tempo estar sujeito ao mesmo desenvolvimento como a palavra original”. (Jespersen 1917 apud van der Auwera 2009: 4)<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Tradução livre do original: “*The history of negative expressions in various languages makes us witness the following curious fluctuation: the original negative adverb is first weakened, then found insufficient and therefore strengthened, generally through some additional word, and this in turn may be felt as the negative proper and may then in course of time be subject to the same development as the original word*”.



Esse processo cíclico denominado então, Ciclo de Jespersen, descreve um processo de gramaticalização da negação que seria comum em diferentes línguas. De acordo com Goldnadel (2015), a mudança em processos gramaticais se configuraria, primeiramente, com o surgimento de uma forma alternativa de expressar um aspecto funcional da linguagem; depois, haveria um período de perda da marcação dos efeitos originais dessa marcação; então, um período de demarcação e aumento de uso da forma alternativa; e por fim, uma fase de apagamento total da forma gramatical original que pode ser seguida de mudanças formais em diversos níveis da gramática na nova expressão.

Frequentemente referida como ilustrativa, a língua francesa estaria passando pelas etapas do Ciclo de Jespersen. Após realizar uma análise reformulada das etapas propostas por Jespersen, van der Auwera (2009) propôs seis estágios para o Ciclo dessa língua:

(1)

Estágios	Estratégias
1	<i>non</i> <sub>NEG</sub>
2	<i>ne</i> <sub>NEG</sub>
3	<i>ne</i> <sub>NEG</sub> ... <i>pas</i> <sub>X</sub>
4	<i>ne</i> <sub>NEG</sub> ... <i>pas</i> <sub>NEG</sub>
5	<i>ne</i> <sub>X</sub> ... <i>pas</i> <sub>NEG</sub>
6	<i>pas</i> <sub>NEG</sub>

(Retirado de van der Auwera 2009:6)

Nesta proposta, haveria, inicialmente, uma mudança do elemento negativo *non* originário do latim para o ainda encontrado em francês moderno *ne*. Já na etapa 3, o minimizador *pas* (passo) teria sido inserido em uma posição pós-verbal como uma estratégia de ênfase discursiva, ou como um reforço negativo. Ainda nessa etapa, *pas* era uma partícula enfática, com uso não obrigatório e restrito contextualmente. Na etapa 4, entretanto, há uma mudança no status desse elemento enfático e ele começa a concorrer com a negação canônica *ne*, adquirindo uma condição obrigatória de uso. Neste momento, há uma coocorrência dos dois elementos que se tornam indispensáveis para a formação da negação em francês. Então, na

etapa 5 a partícula *ne* pré-verbal perde a obrigatoriedade e é enfraquecida semanticamente. Finalmente, na última etapa descrita, *pas* se tornaria a única negação canônica possível, resultando no desaparecimento total de *ne*.

Em linhas gerais, vários autores fizeram análises reformuladas das etapas dessa mudança, que variam em número e classificação. Essas investigações levam em consideração descrições das funções pragmáticas e semânticas de cada elemento, nos dados períodos descritos, além das mudanças sintáticas provocadas pela introdução do novo elemento *pas*. van der Auwera (2009) apresentou uma tabela contendo o número de etapas propostas por diferentes autores que elaboraram hipóteses que concernem ao ciclo de Jespersen em francês, mostrada abaixo:

**Tabela 1: Estudos sobre o Ciclo de Jespersen**

<b>Três Estágios</b>	Burridge (1983: 36); Bernini & Ramat (1996: 33), Haspelmath (1997: 203), Zanuttini (1997: 11–14), Horn (1989: 455), Hoeksema (1997: 140), Horn (2001: 190), Roberts and Roussou (2003: 154–155), van der Auwera & Neuckermans (2004: 458), Mazzon (2004: 5), Willis (2005), Lucas (2007), Jäger (2008)
<b>Quatro Estágios - A</b>	Dahl (1979: 88), Muller (1991: 206), Lenz (1996: 183–4), Larrivé (2004: 18–19), van Gelderen (2008: 210)
<b>Quatro Estágios - B</b>	B Schwegler (1988), Schwegler (1990: 158), Schwenter (2006: 327)
<b>Cinco Estágios</b>	Donhauser (1996), Honda (1996: 207), Beukema (1999), Anderwald (2002), van der Auwera & Neuckermans (2004: 458), Zeijlstra (2004), Willis (2005)

(Baseado em van der Auwera 2009:9)

Como apresentado acima, existe uma vasta literatura que discute as etapas do Ciclo. Dentre as linhas de discussão acerca desse tema, há uma que vai ao encontro das motivações apresentadas por Jespersen para a justificativa do apagamento do elemento negativo *ne* durante as etapas da mudança, referida como a hipótese de apagamento fonético. De acordo com o autor, a introdução da partícula *pas* foi necessária, porque a canônica *ne* estava sofrendo um enfraquecimento fonético. O segundo elemento, então, surgiria como uma estratégia de reforço de negação, o que resultaria no apagamento total da negação pré-verbal.

Por outro lado, essa proposta é criticada, principalmente, por não considerar elementos discursivos nesse processo de mudança. Dentre os autores que contrariam a ideia de Jespersen acerca das razões para a existência da mudança de estruturas negativas, Schwenter (2006) em seu artigo *Fine-Tuning Jespersen's Cycle* considera que fatores baseados na estrutura informacional do discurso que motivariam o surgimento de diferentes estratégias de negação. Ele defende que o status de conteúdo discursivamente ativado exerceria um papel definidor nesse processo de mudança.

Além dessa hipótese, amplamente testada, outros autores como Schwegler (1991), Roncarati (1996), Furtado da Cunha (2001, 2007), Hoeksema (2009), van der Auwera (2009), Seixas & Alkmin (2013), Goldnadel et al (2013), Larrivé (2010, 2011) e Visconti (2009) descartam que o enfraquecimento fonético e o apagamento de uma forma não marcada seriam a causa do aparecimento de um elemento inovador negativo. Goldnadel (2015) acrescenta que, nessa concepção, o Ciclo teria início com o surgimento de uma forma diferente de expressar negação, em função da necessidade de manifestar alguma função discursiva particular. Então, após esse primeiro estágio, que seria discursivo, prosseguiriam outros estágios. Já nos estágios finais do processo, a partícula negativa que foi adicionada perderia suas funções pragmáticas primitivas e seria sentida como o operador efetivo de negação. Com isso, se daria o desaparecimento gradual do elemento inicial de negação, até o momento em que o novo elemento assumiria o status de operador negativo efetivo.

A seguir serão discutidas duas funções pragmáticas frequentemente atribuídas na descrição das motivações para o surgimento de formas variáveis de negação que são as ditas: ênfase e ativação.

## 1.2 Ênfase

O termo ênfase é vastamente utilizado para a classificação de itens de polaridade negativa ou mesmo na descrição das motivações pragmáticas das etapas do Ciclo de Jespersen. Nesta seção serão discutidos trabalhos que utilizam esse termo para conduzir hipóteses relacionadas às formas variáveis de negação em diversas línguas. Além disso, será apresentada uma crítica ao uso do termo na classificação desse fenômeno que foi amplamente difundida por Schwenter em uma série de trabalhos.

Primeiramente, ênfase é um conceito pouco definido em termos formais na literatura que trata de termos discursivos, apesar de ser muito utilizado. Alguns autores, como Goldnadel (2015), assumem que, apesar do termo apresentar uma limitação teórica, ele não deveria ser totalmente descartado, e sim admitido intuitivamente. Um exemplo apresentado pelo referido autor é seguinte:

(2) A: Quem quer chocolate?

B: Eu quero.

B': Eu quero. Eu quero. Eu quero.

(Retirado de Goldnadel 2015:2)

De acordo com a sua análise, ninguém negaria que o enunciado em B' seja uma expressão mais enfática do desejo de ganhar chocolate que o enunciado B. Ou seja, a repetição de elementos teria uma evidente função de expressar ênfase e ainda, se as respostas B e B' fossem dadas por duas crianças distintas ao adulto A, não restaria dúvida de que ele escolheria a criança que expressou seu desejo com maior ênfase, mostrando, assim, desejo maior. Além dessa perspectiva, grande parte dos autores que trata do termo não o define em suas análises, assumindo uma visão intuitiva como a referida por Goldnadel.

Por outro lado, Israel (1998) em sua tese sobre polaridade apresenta algum tipo de refinamento do termo. O autor defende que ênfase é uma expressão de intensidade e de alto envolvimento do falante, marcando assim “camaradagem” e solidariedade com o ouvinte. O autor apresenta, então, uma classificação de norma escalar como: “Se uma proposição implica a norma, sua declaração é informativa porque excede o que seria normalmente esperado para

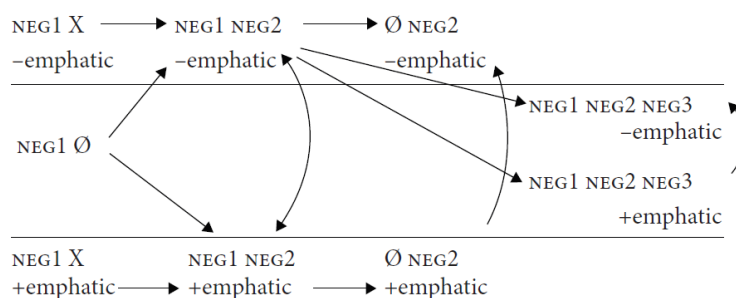
ser declarado” (Israel 1998:47)<sup>4</sup>. A negação sentencial não marcada nessa classificação seria o “normalmente esperado para ser declarado”. Sendo assim, o valor informativo de uma negação marcada com um item de polaridade negativa como em “Ele não tem um pingo de consideração” implica a negação não marcada “Ele não tem consideração”, mas não vice-versa. Portanto, a negação marcada é enfática em relação a não marcada.

Apesar do número reduzido de definições da noção de ênfase, como já foi referido, ela é amplamente utilizada na elucidação das etapas do Ciclo de Jespersen na literatura que trata de estruturas negativas inovadoras. van der Auwera (2009), em seu artigo *Jespersen’s Cycles*, avalia o papel da ênfase no processo de reanálise da negação em línguas como o francês, holandês, brabantês belga, português brasileiro, flamengo e etc. O autor analisa diversas estruturas inovadoras de negação que incluem estágios com negação dupla, tripla e em diferentes posições em relação ao verbo. Além disso, são consideradas mudanças que envolvem repetição do mesmo elemento negativo, como acontece em português brasileiro, e também quando um item de polaridade negativa é adicionado, como no caso clássico do francês.

A principal contribuição do trabalho de van der Auwera (2009) é a proposta de uma abordagem alternativa, mais elaborada, do Ciclo de Jespersen. Nessa perspectiva defendida pelo autor, o operador negativo não marcado entra em competição com uma construção que é originalmente enfática, ou “reforçada”, e sofre enfraquecimento em um processo natural de gramaticalização. Sendo assim, o autor não descarta totalmente a hipótese de Jespersen acerca das motivações para a ocorrência desse processo. Ele concorda que a negação do francês *ne*<sub>NEG</sub> era de fato fraca por ser multifuncional, isto é, ela servia como um operador negativo enfático e neutro ao mesmo tempo. Ademais, embora a dupla negação possa ter uma origem enfática, ela também pode ter uma origem não enfática. No segundo caso, se compararmos as estratégias Neg1 e Neg2 para a expressão da negação neutra, então a primeira é “mais fraca”, em termos triviais, do que a segunda. Logo, após uma série de análises e recolha de exemplos, o autor propõe o seguinte quadro explanatório, considerando um parâmetro que prioriza a ênfase nos estágios do Ciclo de Jespersen:

---

<sup>4</sup> Tradução livre do original: “*if a proposition entails the norm, its assertion is informative because it exceeds what one would normally expect to be asserted.*”

**Quadro 1: Etapas do Ciclo (van der Auwera, 2009)**

(Retirado de van der Auwera 2009:12)

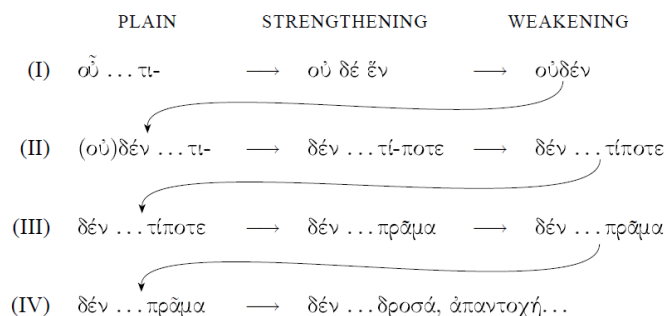
Kiparsky & Condoravdi (2006), no artigo “Tracking Jespersen’s Cycle”, ilustram e discutem o Ciclo de Jespersen no grego, que estaria completando o quarto processo de mudança da negação. Os autores afirmam que a análise do fenômeno nessa língua não suporta a hipótese de erosão fonética defendida por Jespersen, e isso se daria porque essa suposição seria muito geral para explicar as propriedades específicas de um processo não usual de mudança como o Ciclo. Além disso, eles afirmam que a causa do fenômeno geralmente percorre um sentido oposto em relação ao defendido por Jespersen: a redução fonológica dos operadores negativos plenos (não-marcados) seriam morfosintaticamente condicionados e contingentes de um enfraquecimento semântico e não o contrário.

A análise dos autores considera central o papel da ênfase no processo de mudança. A negação enfática (marcada) é definida como uma estrutura bipartida que consiste em um núcleo negativo mais um NP ou advérbio focalizado e, também, serviria para: contradizer uma declaração (possivelmente implícita), negar uma presunção ou uma expectativa e reforçar uma declaração negativa. Feitos esses esclarecimentos acerca da negação enfática, os autores defendem que a força motivadora para a ocorrência do ciclo seria de natureza semântico-pragmática, ou seja, a negação enfática tende a aumentar em frequência devido a um uso excessivo pragmaticamente motivado.

Sendo assim, a hipótese central de Kiparsky & Condoravdi (2006) é a de que o Ciclo é estimulado pelo uso expressivo da língua e apresentaria, centralmente, os dois seguintes processos: um enfraquecimento morfológico/sintático no qual uma negação plena é enfatizada com um indefinido focalizado e um enfraquecimento semântico no qual a negação enfática se torna não composicional e perde seu significado inerente, se tornando, assim, uma negação

plena. Abaixo há um resumo dos processos já completos pelo grego e a apresentação de um quarto Ciclo pelo qual essa língua estaria passando:

### Quadro 2: Etapas do Ciclo (Kiparsky & Condoravdi 2006)



(Retirado de Kiparsky & Condoravdi 2006:9)

Desse modo, os autores concluem que as fases de enfraquecimento e reforço da mudança são baseadas em funções retóricas de expressões avaliativas escalares, apresentando diferentes causas. O enfraquecimento da negação expressiva a uma negação comum é causada pela frequência de uso e o resultado final é uma perda de um recurso expressivo necessário na língua, já o reforço é uma consequência da necessidade desse recurso expressivo.

Larrivé (2010) em seu artigo “The pragmatic motifs of the Jespersen cycle: Default, activation, and the history of negation in French”, em uma linha de autores que trata do caso clássico do francês, faz uma descrição das etapas do Ciclo e testa algumas hipóteses baseadas no conceito de negação enfática (que assume ser um termo intuitivo) e de ativação (proposto por Schwenter, 2006)<sup>5</sup>.

O trabalho considera a oposição entre expressões marcadas e defaults na constituição dos estágios do Ciclo de Jespersen, e que essa contrapartida de paradigmas e suas consequentes mudanças resultam na troca do status default de uma expressão para outra. A expressão default na negação sentencial no francês sofreu uma mudança dos itens negativos *ne...pas* para um único item *pas*. O autor argumenta que em cada estágio do Ciclo a emergência e o declínio das expressões marcadas adquirem um papel especializado. Tal especialização corresponde a valores pragmáticos, nessa perspectiva, fazendo com que o referido trabalho se contraponha,

<sup>5</sup> A proposta de Schwenter (2006) sobre ativação será apresentada com detalhe nas linhas a seguir deste trabalho.

também, a hipótese de erosão fonética proposta por Jespersen. De um modo geral, são avaliadas as quatro etapas do ciclo em dados originários do francês antigo ao moderno.

Logo, as conclusões do referido trabalho asseveram que os paradigmas gramaticais são modulados pela relação entre expressões marcadas e default, além disso, aprofundam a ideia de que expressões marcadas estão associadas com motivações pragmáticas. Ao testar as hipóteses de ativação e ênfase nos dados, a investigação traz as seguintes conclusões: há evidência que ativação explícita é o valor pragmático dos contextos como item negativo pré-verbal *non* em francês antigo, já os dados de francês contemporâneo invalidaram a hipótese de ativação com os itens *ne* e *pas* e, por fim, a intervenção da ênfase (sua afinidade com a negação e incompatibilidade com fronteiras) e ativação na emergência e declínio de expressões que figuram o Ciclo. O processo de mudança envolvendo o Ciclo é caracterizado, então, pela relação entre expressões marcadas e default, reanálise da expressão marcada como default, a contribuição especializada de outras expressões que justificaria sua subsistência, e, conseqüentemente, a possível, mas não obrigatória obsolescência da expressão default original. Logo, a principal contribuição do artigo é a asseveração do papel da pragmática no enfraquecimento, reforço e competição de itens negativos como base para a contribuição especializada de expressões marcadas.

Detges & Waltereit (2002) no trabalho intitulado “Grammaticalization vs. Reanalysis: a Semantic-Pragmatic Account of Functional Change in Grammar” realizam uma discussão sobre processos de mudança de gramaticalização e sua relação com a reanálise. O principal argumento do artigo é mostrar que a reanálise é, essencialmente, um procedimento baseado no ouvinte, ou seja, o objetivo do destinatário é entender o que o falante diz. A gramaticalização, por outro lado, é um fenômeno baseado no emissor, isto é, os falantes criam técnicas discursivas expressivas com o objetivo de satisfazer necessidades básicas comunicativas como “dizer a verdade”, “ser relevante” e, então, como consequência de rotinização, estas técnicas perderão saliência e suas remanências acabarão sendo parte da gramática. Logo, como qualquer outro tipo de mudança, a gramaticalização é retificada pela reanálise pelos ouvintes, fazendo com que gramaticalização e reanálise tenham uma relação intrínseca.

No que concerne ao Ciclo de Jespersen e sua associação com a ênfase, o referido trabalho cita exemplos do francês, espanhol, latim e inglês para ilustrar casos de gramaticalização, introduzindo a ideia de negação enfática como parte desse processo. O raciocínio apresentado acerca dessa relação é que as marcas de negação enfática são ativadas toda vez que os falantes querem agir contra alguma expectativa inferida pelos ouvintes. Sendo



assim, a mudança é provocada quando os marcadores de negação enfática são repetidamente utilizados como marca de negação declarativa, esse processo, então, vai enfraquecer o valor enfático destes itens, tornando-os marcadores de negação simples. Consequentemente, os ouvintes reduzem a expressividade que foi construída pelos falantes. No quadro abaixo, há a ilustração da perspectiva do falante na construção da expressividade que faz parte do processo de mudança:

### Quadro 3: Perspectiva do Falante (Detges & Waltereit 2002)

a. *Speaker's perspective: building up expressivity*

	<i>non vado passum</i>	NOT A STEP	NOT AT ALL
expressive means (thing said)	'I do not walk a step'	<i>figure</i>	ground
thing meant	'I don't walk at all'	ground	<i>figure</i>

(Retirado de Detges & Waltereit 2002:179)

No quadro acima o exemplo do latim *non vado passum* denota “nem um passo”, mas conota “de jeito nenhum” e há uma comparação do que é dito (*thing said*) com o que é expresso (*thing meant*). Essa comparação caracteriza um tipo de estratégia dos falantes que dizem mais do que deveriam com o objetivo de atingir algum efeito retórico. Portanto, a mudança de uma construção de negação enfática para um marcador de negação simples requer que os falantes descubram o potencial retórico inerente em um uso excessivo sistemático da negação enfática e que outros falantes instalem uma “nova maneira” de falar baseada nessa estratégia retórica.

Em contrapartida às hipóteses que levam em consideração o conceito de ênfase para classificar o tipo de negação que supostamente perderia força expressiva, Schwenter (2006) em seu artigo “Fine-Tuning Jespersen’s Cycle” considera esse tipo de análise fraca, por considerar o termo ênfase que é pouco definido, e em sua opinião, insuficiente para discutir o Ciclo de Jespersen nas línguas em geral. Nesse artigo, a principal ideia é problematizar a perspectiva que considera as negações pós-verbais nas línguas românicas tanto como enfáticas no estágio 2 do Ciclo ou como obrigatórias no estágio 3 do Ciclo. Ao invés de assumir essa posição amplamente defendida, Schwenter (2006) argumenta que há claramente um estágio no qual o elemento de negação pós-verbal é fortemente regulado por fatores de estrutura informacional, especificamente pelo status de discurso previamente proferido (inferido ou expresso) da

proposição negada. A próxima seção tem como objetivo descrever essa hipótese e sumarizar alguns trabalhos que a testaram.

### 1.3 Ativação

A noção de ativação pragmática, proposta por Dryer (1996), condiz com a ideia da relação de uma proposição com o discurso precedente. Ou seja, a proposição deve estar acessível à atenção dos participantes do discurso. Em outras palavras,

Uma proposição ativada é aquela cujo conteúdo pode ser identificado a partir do discurso anterior, seja porque o conteúdo da proposição ativada já foi explicitamente declarado, ou porque ele pode ser inferido. No primeiro caso, o conteúdo da proposição ativada é estabelecido por uma relação de identidade com uma proposição anterior. A proposição ativada pode confirmar ou refutar a proposição anterior cujo conteúdo é compartilhado. No último caso, a proposição ativada visa uma implicatura estabelecida pelo discurso precedente, ou declarando explicitamente a implicatura, ou cancelando-a explicitamente. Estas implicaturas podem surgir através de uma implicatura semântica (não podem ser canceladas), ou de uma implicatura conversacional. (Dryer 1996 apud Wallage 2016:200)<sup>6</sup>

Lidando com essa noção de ativação, Schwenter (2006) argumenta que o termo ênfase, apesar de ser extremamente usado na literatura que trata das formas alternativas de negação, é ainda pouco definido, não importa qual o seu nível de aplicação. Além disso, a ênfase, mesmo se assumida, seria um termo com difícil aplicação. Em seu artigo “Fine Tuning Jespersen Cycle” o autor constrói uma crítica ao uso do termo e propõe uma análise baseada na estrutura informacional (ativação), que considera o status do discurso nas motivações para o uso de formas inovadoras de negação. Embora trate com maior detalhe o caso do português brasileiro nesse e em outros artigos<sup>7</sup>, há também o teste de sua hipótese em catalão e italiano, línguas que apresentam estruturas com dupla negação sentencial.

---

<sup>6</sup> Tradução livre do original: “An activated proposition is one whose content can be identified from the preceding discourse either because the content of the activated proposition has already been explicitly stated, or because it can be inferred. In the former case, the content (although not necessarily the form) of the activated proposition is established by an identity relation with an earlier proposition. The activated proposition may confirm or refute the earlier proposition whose content it shares. In the latter case, the activated proposition targets an implicature established by the preceding discourse, either stating the implicature explicitly, or cancelling it explicitly. These implicatures may arise through semantic entailment (in which case they cannot be cancelled), or conversational implicatures.

<sup>7</sup> SCHWENTER, S. A. 2005. The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese; SCHWENTER, S. A. 2015. Some Issues in Negation in Portuguese; SCHWENTER, S. A, ARMSTRONG, M.E. 2009. Prosody, Accessibility and Sentential Negation in Brazilian Portuguese.

O autor apresenta alguns casos de minimizadores do inglês como *a crumb* e *a jack*, em comparação com o a partícula *pas* do francês para introduzir sua crítica ao termo de ênfase. Fazendo referência ao Ciclo de Jespersen, afirma que um dos elementos minimizadores se torna generalizado em negação sentencial (como o caso do *pas*) estendendo o seu domínio de aplicação para todos os tipos de predicados, e então há uma opacidade no seu significado original (passo), fazendo com que sua referência original desapareça. Esse minimizador, então, acaba combinando-se com qualquer tipo de verbo, e não apenas com os de movimento, que inicialmente foram afetados, fazendo com que seu domínio de aplicação semântica aumente.

Em contrapartida, o caso do inglês *a crumb* ainda é controlado pelo seu significado inerente, não se combinando com verbos de movimento, como em: *not eating a crumb*<sup>8</sup> sendo possível, mas *not walking a crumb*\*<sup>9</sup> uma construção não possível na língua. Esses exemplos são apresentados como polos opostos em um espectro semântico de elementos negativos pós-verbais, pelo fato de *pas* ter perdido sua relação de significado com o tempo e *a crumb* ainda ser combinado com verbos que demonstrem similaridade semântica. Ainda como um exemplo que estaria em uma posição mais intermediária nesse espectro, o autor introduz o minimizador *a jack*, que é mais geral que *a crumb* por conservar um significado de “quantidade mínima” aplicável a um número maior de verbos, como em: *He doesn't know a jack*<sup>10</sup>, *My son won't eat a jack anymore*<sup>11</sup> são construções possíveis, já *I don't sleep a jack*<sup>12</sup>? sendo improvável. Os exemplos, então, mostrariam que *a jack* é mais geral que *a crumb*, mas não aplicável com todos os verbos, ainda estando preso, de alguma forma, a um significado mais específico.

Sendo assim, essa análise demonstra que há um *continuum* semântico/pragmático de elementos negativos pós-verbais, fazendo com que uma classificação dos mesmos como enfáticos se mostrasse insuficiente para tratar dos estágios do Ciclo de Jespersen e o processo de mudança pelo qual esses elementos podem passar. Considerando, então, as limitações do tratamento do termo ênfase, Schwenter (2006) apresenta casos do fenômeno em outras línguas para construir uma nova hipótese.

De acordo com o autor, o catalão é uma língua que apresenta uma estrutura alternativa de negação com *no V pas*, que compartilha um caminho de mudança similar com o do francês (por razões geográficas e linguísticas). O autor propõe que ela estaria no estágio 2 do Ciclo por

<sup>8</sup> Não comer uma migalha (tradução livre).

<sup>9</sup> Não caminhar uma migalha (tradução livre).

<sup>10</sup> Ele não sabe nada (tradução livre).

<sup>11</sup> Meu filho não vai comer nada mais (tradução livre).

<sup>12</sup> Eu não durmo nada (tradução livre).

ter formas alternativas de negação coocorrendo, atualmente, e também por ter se desenvolvido da mesma forma que o francês no Ciclo até o presente momento. Entretanto, a principal diferença entre a construção de dupla negação do francês e do catalão é que *pas* ainda não é um elemento obrigatório nesta língua. Isso se daria pela situação de bilinguismo que vivem os falantes de catalão com o espanhol, língua que não apresenta uma forma com Neg2 predominante, como o francês, fazendo com que o processo de mudança seja mais gradual. O autor apresenta, então, com os seguintes exemplos que a distribuição de *no V pas* é estritamente controlada por fatores baseados em estrutura informacional:

(3a) [saindo de casa em um dia ensolarado, depois de vários dias de frio não usual]

*Avui no fa (#pas) fred!*

‘Hoje não faz frio!’

(3b) [falante B para A; B acredita que A acredita que o tempo frio vai continuar]

B: *Avui no fa (#pas) fred!*

‘Hoje não faz frio!’

(4a) [mesma situação climática em (1a)]

A: *Avui fa fred també?*

‘Hoje faz frio também?’

B: *No, avui no fa (pas) fred.*

‘Não, hoje não está frio.’

(4b) [Falante B vê o interlocutor A colocando um casaco pesado]

B: *Avui no fa (pas) fred.*

‘Hoje não está frio’

(Exemplos baseados em Schwenter 2006:6)

De acordo com o autor, a partícula negativa *pas* não é aceitável em (3a) e (3b), fazendo com que a negação canônica seja a única possível. Por outro lado, a Neg2 é aceitável, mas não obrigatória em (4a) e (4b). O que diferencia os casos em (3) de (4) é que em (3) não há nenhum elemento que serviria de gatilho no discurso para licenciar o *pas*. Ou seja, a Neg2 é sensível ao

status do discurso (4), e não ao status do ouvinte (3) da proposição negada, além disso, o autor aponta que a proposição não deve apenas estar ativada, mas também saliente no discurso no momento em que o falante enuncia a Neg2.

Além do catalão, Schwenter (2006) propõe uma análise do italiano que dispõe de uma estrutura negativa não canônica: *non V mica*. O elemento pós-verbal *mica* é derivado de um substantivo que anteriormente significava ‘migalha’. Atualmente, seu domínio de uso foi generalizado, fazendo com que seja semelhante funcionalmente à Neg2 do catalão. A seguir, há alguns exemplos que, similarmente, ilustram a hipótese de ativação:

(5a) A: *Chi viene a prenderti?*

‘Quem vem te buscar?’

B: *Non so. Ma Gianni non ha (#mica) la macchina.*

‘Não sei. Mas Gianni não tem o carro’.

(5b) A: *Chi viene a prenderti, Gianni?*

‘Quem vem te buscar, Gianni?’

B: *Non so. Ma Gianni non ha (mica) la macchina.*

‘Não sei. Mas Gianni não tem o carro’.

(Exemplos baseados em Schwenter 2006:8)

Em (5b) o item *mica* é possível, mas não obrigatório, porque a proposição “Gianni está indo buscar B” está ativada e saliente no contexto discursivo, além do mais, a partícula *mica* pode ser empregada, satisfatoriamente, quando a proposição negada está acessível ou acarretada no *common ground* do discurso. Entretanto, a maneira com que a proposição se torna parte do *common ground* é crucial para a ocorrência de *mica*, isto é, não é qualquer proposição acarretada pelo *common ground* que pode ser negada usando *mica*. Isso quer dizer, que como em catalão, a proposição negada por Neg2 deve ser velha no discurso (introduzida linguisticamente ou não) e ainda saliente no contexto discursivo.

O autor conclui as análises de ambas as línguas, afirmando que elas estariam no estágio 2 do Ciclo de Jespersen no que concerne suas aplicações de generalidade. A negação pós-verbal perdeu seu significado nominal original e foi generalizada para todos os tipos de predicado

verbal, entretanto ainda não é um elemento obrigatório coocorrendo com a negação pré-verbal, como ocorre no estágio 3 do Ciclo. Logo, a ideia de ênfase, na visão do autor, não é suficiente para a classificação de casos de Neg2 que ocorrem em catalão e italiano, fazendo com que o conceito de ativação, baseado no status discursivo dos elementos negativos inovadores e de saliência, se torne mais adequado para a justificativa da existência dessas estruturas não canônicas.

Além dos casos apresentados por Schwenter (2006), existem outros exemplos nos quais se aplicam uma análise pragmática baseada no conceito de ativação proposto pelo autor. Desde a proposta desta hipótese relacionada às motivações de uso de negações não canônicas, outros autores a testaram em outras línguas como o espanhol, inglês e italiano (López (2007), Wallage (2016) e Godard & Marandin (2006)). Além dos referidos trabalhos, Schwenter (2005) dedicou-se a testar o conceito em português brasileiro. Goldnadel et al. (2013) também a testou na variedade do português brasileiro falada na região sul do país. Esses últimos dois trabalhos serão referidos no capítulo 2 do presente trabalho.

López (2007) com o propósito de analisar uma situação de contato, analisa duas variedades do espanhol: o espanhol dominicano (ED) e o espanhol haitiano (EH). Especificamente, diferentes estratégias de negação presentes em ED são investigadas. De acordo com o autor, a negação nessa variedade apresenta vários padrões sintáticos, apresentados da seguinte maneira: Neg1 é definida como o padrão geral encontrado nas línguas hispânicas (e.g. *No quiero comer.*), já a Neg2 é classificada em três categorias; a) negação pré e pós-verbal (e.g. *Aquí no hay no.*), b) pré-verbal e final de oração (e.g. *No me gusta donde haiga problema no.*) e c) negação pré-verbal e outra palavra negativa (e.g. *Mi mamá no habla créole tampoco.*)<sup>13</sup>.

Sendo assim, os principais objetivos dessa investigação foram investigar se existe um processo de transferência das estruturas negativas nas variedades investigadas e também analisar as funções pragmáticas dessas estruturas. Foram realizadas entrevistas sociolinguísticas com quatro grupo de falantes: haitianos que usam espanhol como interlíngua, dominicano-haitianos que são bilíngues, aryanos que são bilíngues balanceados e um grupo de dominicanos monolíngues. A análise dos dados não apresentou nenhum caso de Neg 3 e uma média alta de Neg1, com um total de 91%. Além disso, somente o grupo de falantes

---

<sup>13</sup> Uma observação importante a ser feita acerca dessa classificação é que neste trabalho a estrutura c) mencionada por López (2007) como dupla negação é aqui desconsiderada como um subtipo de Neg2, sendo que só levamos em conta as estruturas a) e b) como sendo representativas da dupla negação.

monolíngues de espanhol dominicano que apresentaram um número mais significativo de estruturas com Neg2.

Uma vez que esse grupo foi o que manifestou um maior número de usos de Neg2, López (2007) selecionou 326 casos de negação produzidas pelo grupo monolíngue de ED e aplicou uma análise pragmática nos moldes propostos por Schwenter (2006). As estruturas negativas foram classificadas de acordo com o tipo de informação (nova ou conhecida).

Em um total de 270 Neg1, 69% (n=187) dos casos estavam em contexto de informação nova e 31% (n=83) em contexto de informação conhecida. Já em relação aos usos de Neg2 (tipos *a* e *b*), total de 21 casos, apareceram em contexto de informação nova em 23% (n=5) das vezes, e por outro lado, 77% (n=16) das ocorrências estavam em contexto de informação conhecida. O panorama geral dos resultados demonstra que a Neg1 nessa variedade está distribuída em ambos contextos (informação velha e nova). Em contraste, os casos de Neg2 apresentam uma restrição de contexto, sendo que a maioria dos casos (77%) aparece em contexto com conteúdo velho (ou ativado) corroborando a hipótese de ativação proposta por Schwenter (2006). Além disso, uma importante ressalva acerca dos dados com conteúdo novo deve ser feita. Na discussão das análises desses dados, López (2007) apresenta o seguinte exemplo como sendo representativo dos casos de Neg2 que estariam em contexto de informação nova:

(6) I: *A los haitianos sí.*

‘Aos haitianos sim.’

E: *¿No diga?*

‘Não diga?’

I: *Son verdad. Si preguntale a la gente de aquí. Cuando camino, **no camino sola no.***

‘São verdade. Se você perguntar para as pessoas daqui. Quando caminho, **não caminho sozinha não.**’

(Exemplos baseados em López 2007:227)

O referido exemplo, contrariamente à análise de López (2007), é um caso de Neg2 em contexto de conteúdo ativado no discurso. Isso se dá, porque a dupla negação sucede o enunciado “*cuando camino*” que tem a função de ativar este conteúdo no discurso, sendo este, na verdade, um caso de DN em contexto ativado. Ademais, este é o único exemplo que contradiz a hipótese de ativação apresentado por López, sendo assim, não podemos confiar inteiramente na análise de seus dados.

Além desses resultados, o autor analisou as partes do discurso nas quais ocorriam as estruturas negativas que foram classificadas da seguinte maneira: responder a uma pergunta, oferecer informação sem perguntar, responder a uma pergunta retórica e interrogar pelo sujeito. A Neg1 apareceu majoritariamente em contextos de resposta à pergunta e de oferta de informação sem perguntar (um total de 94%). Similarmente, os casos de Neg2 (tipos *a* e *b*) surgiram nos mesmos contextos com um total de 62% em resposta a pergunta e 38% em oferta de informação sem perguntar.

Em conclusão, o referido trabalho demonstrou que dentre os grupos analisados, os falantes de espanhol dominicano monolíngues que apresentaram o maior número de usos de dupla negação. Além disso, foram reconhecidas duas estratégias de negação (Neg1 e Neg2) utilizadas em contextos que apresentam uma proposição conhecida ou ativada no discurso. A pergunta final proposta pelo autor é quais são as motivações sociolinguísticas e pragmáticas para a escolha das mencionadas estratégias negativas.

Wallage (2016) propõe uma análise da evolução das estratégias de negação do inglês baseado em dados do *Middle English* e dos estágios iniciais do inglês moderno entre os anos de 1100 e 1700. Seu principal argumento é que a ativação pragmática é relevante no processo de gramaticalização do item de negação *not* e também do auxiliar *do*. Isso quer dizer que, as formas inovadoras surgem em contextos de discurso pragmaticamente ativado, seguindo a hipótese de Schwenter (2005, 2006) sobre diferentes estratégias de negação em línguas românicas.

Focando na gramaticalização de estratégias inovadoras de negação como consequência do Ciclo de Jespersen, o autor analisa a emergência do marcador de negação *not* durante o *Middle English*. Wallage (2016) contrapõe trabalhos prévios sobre o tópico (Hansen, 2009, Hansen & Visconti, 2009 e van der Auwera, 2009) que argumentam que esse processo em inglês foi impulsionado pela função pragmática de ênfase. Sendo assim, o autor utilizou um método quantitativo na análise de dados diacrônicos com o objetivo de saber se as formas



negativas inovadoras surgiram com funções pragmáticas específicas e também se essas restrições se perdem no curso do Ciclo de Jespersen.

Fazendo uma análise de incidências de negação (*ne*, *ne...not* e *not*) períodos entre 1150-1250, 1250-1350 e 1350-1420, Wallage (2016) classificou as proposições negativas em cinco tipos, dependendo do tipo de ativação pragmática:

(1) Negação da proposição antecedente: a proposição negativa nega a proposição anterior que foi explicitamente proferida no discurso.

Alle ðo men ðe swinkeð on ðessere swinkfulle world, alle he swinkeð  
All the men that labour in this toilsome world, all they labour  
for sumere hope ðe hie habbeð, ðe hem oft eaten ande beswinkð...  
for some hope that they have, that them often at end deceives...

Ac ðo ðe swinkeð for ðessere eadi hope, hie ne bieð naht  
But those that labour for this blessed hope, they NEG are not  
**becaht**  
deceived

All the men who labour in this toilsome world, they all labour for some  
hope they have which often deceives them in the end...But those who labour  
for this blessed hope, they are **not** deceived.  
(CMVICES1,33.385, *Vices and Virtues*, early 13th century.)

14

(2) Repetição de uma proposição antecedente: a proposição negativa repete a proposição anterior que foi explicitamente proferida no discurso.

3ef þu ne cnawest þe seolf...  
if you NEG know yourself... (CMANCRIW,II.80.941)

...3ef þu ne cnawest naut þe seolf  
...if you NEG know not yourself

(CMANCRIW,II.80.948, the *Ancrene Riwe*, c.1230.)

If you do not know yourself ... If you do not know not yourself

15

<sup>14</sup> “Todos os homens que trabalham nesse mundo penoso, todos eles trabalham por alguma esperança que eles têm que geralmente decepciona eles no final... Mas aqueles que trabalham por uma esperança abençoada, não são decepcionados.” (tradução livre)

<sup>15</sup> Se você não conhece você mesmo... Se você não conhece você mesmo não. (tradução livre)

(3) Cancelamento de uma inferência: a proposição negativa cancela uma implicatura que surge no discurso precedente.

and þe lage hadde þo alle þe mihtes þe haueð nu fulluht  
 and the law had then all the virtues that has now baptism  
 for ðat clensede þe man of sinne: swa doð nu fulluht **ac it ne**  
 for that cleansed the man of sin: as does now baptism **but it NEG**  
**openede hem noht þe blisse of heuene also fulcneng doð us.**  
 opened them not the bliss of heaven as baptism does us.

And that rite had then all the virtues which baptism now has, for that  
 cleansed man of sin even as baptism now does, but it opened **not** to them the  
 bliss of heaven as baptism does to us.

(CMTRINIT,87.1165, *Trinity Homilies*, 12th century.)

16

(4) Declaração de uma inferência: a proposição negativa explicitamente profere uma proposição que foi implicada pelo discurso precedente.

Ich nam noht giet sad of mine sines and forþi **ne mai ich**  
 I not-am not yet sated of my sins and therefore **NEG can I**  
**hie noht forlete.**  
 them not renounce

I am not yet sated of my sins and therefore I **cannot** renounce them  
 (CMTRINIT,75.1028, *Trinity Homilies*, 12th century.)

17

<sup>16</sup> E esse rito tinha então todas as virtudes que o batismo agora tem, para que o purificado homem do pecado, como o faz agora o batismo, mas não lhes abriu a bem-aventurança do céu como o batismo nos faz. (tradução livre)

<sup>17</sup> Eu não estou saturador dos meus pecados ainda e, portanto, eu não posso renunciar deles. (tradução livre)

(5) Proposições negativas que são novas no discurso: a proposição não é identificada pela proposição antecedente no discurso anterior e não é inferencialmente ligada ao discurso prévio.

and here wuneð on wanrede and þoleð his unwilled, hwile druie  
 and here dwells in distress and suffers his discomfort, sometimes dry  
 and hwile wete hwile chele wile hete hwile hunger  
 and sometimes wet somtimes cold sometimes hot sometimes hunger  
 wile þurst... hwile unhele hwile sorinesse and wile  
 sometimes thirst...sometimes sickness sometimes soreness and sometimes  
 werinesse and hwile wurmene cheu and fele oðre þe ich telle  
 weariness and sometimes worm's biting and many others that I tell  
 ne mai and ne mai wiðuten helpe him seluen þerwið werien  
 NEG can and NEG may without help himself therewith protect  
 and here he dwells in distress and endures discomfort, sometimes dry and  
 sometimes wet, sometimes cold and sometimes hot, sometimes hunger,  
 sometimes thirst, sometimes sickness sometimes soreness, sometimes  
 weariness and sometimes the biting of worms, and many others that I cannot  
 tell of, and may not protect himself against them without help  
 (CMTRINIT,123.1648, *Trinity Homilies*, 12th century)

18

(Exemplos baseados em Wallage 2016:205-207)

Os resultados principais mostraram que a distinção entre discursos pragmaticamente ativados e não ativados é relevante nos dados de 1150-1250, porque os contextos que apresentam o par *ne...not* geralmente negam proposições nas quais há conteúdo ativado, enquanto os contextos com a negação simples *ne* usualmente aparecem em proposições com conteúdo novo no discurso. Nos outros períodos, *ne...not* apresentam maiores usos nos dois tipos de proposições, sugerindo uma convergência nos contextos pragmáticas ao longo do tempo como pode ser observado nas tabelas dos resultados abaixo:

---

<sup>18</sup> e aqui ele habita na aflição e suporta desconforto, algumas vezes seco e algumas vezes molhado, algumas vezes frio e algumas vezes quente, algumas vezes na fome e algumas vezes na sede, algumas vezes na doença e algumas vezes na dor, algumas vezes no cansaço e algumas vezes na mordida das minhocas e muitas outras que eu não posso lembrar e pode não proteger ele mesmo contra eles sem ajuda. (tradução livre)

**Tabela 2: Resultados Wallage (2016) 1**

	1150–1250				1250–1350			
	ne	ne...not	not	Total	ne	ne...not	not	Total
Denial of antecedent p	27.2 % (n = 12)	72.8 % (n = 32)	– (n = 0)	44	10.7 % (n = 3)	85.7 % (n = 24)	3.6 % (n = 1)	28
Repetition of antecedent p	37.5 % (n = 3)	62.5 % (n = 5)	– (n = 0)	8	7.1 % (n = 1)	92.9 % (n = 13)	– (n = 0)	14
Cancellation of inference	12.8 % (n = 5)	84.6 % (n = 33)	2.6 % (n = 1)	39	– (n = 0)	89.7 % (n = 35)	10.3 % (n = 4)	39
Assertion of inference	17.1 % (n = 28)	82.3 % (n = 135)	0.6 % (n = 1)	164	1.9 % (n = 5)	88.7 % (n = 228)	9.3 % (n = 24)	257
<b>Total discourse-old</b>	<b>18.8 % (n = 48)</b>	<b>80.4 % (n = 205)</b>	<b>0.8 % (n = 2)</b>	<b>255</b>	<b>4.1 % (n = 9)</b>	<b>87.5 % (n = 300)</b>	<b>8.5 % (n = 29)</b>	<b>338</b>
<b>Discourse-new</b>	<b>85.2 % (n = 335)</b>	<b>14.5 % (n = 57)</b>	<b>0.3 % (n = 1)</b>	<b>393</b>	<b>39.0 % (n = 135)</b>	<b>50.9 % (n = 176)</b>	<b>10.1 % (n = 35)</b>	<b>346</b>
Counterfactual	92.3 % (n = 24)	7.7 % (n = 2)	– (n = 0)	26	68.8 % (n = 11)	31.2 % (n = 5)	– (n = 0)	16
<b>Total</b>	<b>407</b>	<b>264</b>	<b>3</b>	<b>674</b>	<b>155</b>	<b>481</b>	<b>64</b>	<b>700</b>

(Tabela retirada de Wallage 2016:210)

**Tabela 3: Resultados Wallage (2016) 2**

1350–1420			
ne	ne...not	not	Total
– (n = 0)	2.2 (n = 1)	97.8 % (n = 44)	45
– (n = 0)	15.4 % (n = 2)	84.6 % (n = 13)	15
– (n = 0)	10.8 % (n = 4)	89.2 % (n = 33)	37
– (n = 0)	15.5 % (n = 22)	84.5 % (n = 120)	142
– (n = 0)	<b>15.4 % (n = 29)</b>	<b>84.6 % (n = 215)</b>	<b>244</b>
<b>0.7 % (n = 2)</b>	<b>9.2 % (n = 27)</b>	<b>90.1 % (n = 265)</b>	<b>294</b>
33.3 % (n = 4)	25.0 % (n = 3)	41.7 % (n = 5)	12
6	59	480	545

(Tabela retirada de Wallage 2016:210)

A análise dos dados com regressão logística mostrou que a ativação pragmática é estatisticamente relevante e que ela apresenta um efeito constante durante os três períodos de tempo que foram analisados.

Por fim, este estudo contribui para a confirmação da hipótese de que ativação pragmática é um fator relevante na emergência de formas inovadoras de negação. Além disso, Wallage

(2016) conclui sua análise de dados afirmando que “a não marcação pragmática é uma consequência do processo de gramaticalização, ao invés de ser um fator no processo de gramaticalização por si, isto é, as restrições pragmáticas de *not* são mantidas durante a mudança, e são somente perdidas uma vez que as formas em competição desaparecem”. (Wallage, 2016:224, tradução livre).

Godard & Marandin (2006) investigam as propriedades semânticas e pragmáticas da dupla negação em italiano. Especificamente, os autores chamam o fenômeno de uma “construção de reforço negativo” ilustrado abaixo:

(7) a. *Paolo non viene*

Paolo NEG vem

b. *Nessuno viene / \*Nessuno non viene*

Ninguém vem / Ninguém NEG vem

c. *Paolo non vede nessuno / \*Paolo vede nessuno*

Paolo NEG vê ninguém / Paolo vê ninguém

(Exemplos baseados em Godard & Marandin 2006:175)

Como pode ser observado nos exemplos em (7), a negação em italiano apresenta uma assimetria na qual há uma coocorrência do item negativo *non* com uma palavra negativa (*nessuno* ‘ninguém’, *niente*, *nulla* ‘nada’). Ou seja, se a palavra negativa está em posição pré-verbal, o item negativo *non* não ocorre, porém se ela aparece depois do verbo, então *non* deve ocorrer. Entretanto, no registro informal existe a possibilidade de combinação entre palavras negativas e *non*, como pode ser observado no seguinte exemplo:

(8) *NIENTE non ho fatto*

Nada NEG fiz (‘Eu não fiz nada’)

(Exemplo baseado em Godard & Marandin 2006:175)

Godard & Marandin (2006) submeteram 40 informantes oriundos do norte da Itália a uma série de frases contendo negação do tipo exemplificado em (8) com o objetivo de realizar um teste de aceitabilidade.

Em síntese, os principais resultados apontaram para o fato de que os participantes julgaram as frases como contendo algum tipo de atitude do falante em relação à situação de fala. Além disso, os autores notaram que maioria das frases são denegativas e que elas devem estar ativadas (explícita ou implicitamente) no discurso para serem aceitas.

(9) A. *Pietro ha letto tutti gli scritti di Einstein*

‘Pedro leu todos os textos do Einstein’

B. *Scherzi, NESSUNO (non) ne ha letto*

‘Você está brincando, ele não leu nenhum deles’

(10) A. *Allora sono arrivati i pacchi?*

‘Então, os pacotes chegaram?’

B. *No, NESSUNO non ne è ancora partito!*

‘Não, nenhum deles foi mandado ainda’

(Exemplos baseados em Godard & Marandin 2006:178-179)

Godard & Marandin (2006) destacam o fato de que os enunciados em (9B) e (10B) não podem aparecer inesperadamente no contexto, mas sim em discurso em que o conteúdo sendo negado está ativado como é o caso dos exemplos referidos.

Em síntese, os autores concluem que além da forma padrão de reforço negativo em italiano, no qual há indefinidos no sistema negativo, existe outra alternativa, descrita nos modelos acima. Essa variação é composta na “reciclagem” da negação padrão e além disso, as restrições formais e pragmáticas (conteúdo ativado) são diferentes das encontradas na negação prototípica em italiano.

## Conclusão

Neste capítulo foi apresentado um panorama geral de estudos que se dedicam a estudar as motivações para o surgimento de estratégias alternativas de negação em diversas línguas sincrônica e diacronicamente. Este tópico foi introduzido com a apresentação e discussão do denominado Ciclo de Jespersen, que é uma das teorias aceitas na literatura especializada para descrever o fenômeno da negação abordado no presente trabalho. Jespersen (1917) propôs que formas negativas inovadoras emergem nas línguas por enfraquecimento fonético, o que resultaria em um processo de gramaticalização de itens semânticos.

Em contrapartida a essa vertente, foram introduzidas duas hipóteses recorrentes na área de estudos sobre negação que consideram fatores pragmáticos e discursivos para a explicação do surgimento de diferentes estratégias negativas. A primeira condiz à noção de negação enfática. Autores como van der Auwera (2009), Kiparsky & Condrovdi (2006), Larrivé (2010) e Detges & Waltereit (2002) analisam dados de algumas línguas como grego, francês, inglês etc. considerando que nos estágios iniciais do Ciclo de Jespersen há fases em que a negação inovadora é enfática, e por seu uso se tornar mais frequente, ela enfraquece e com o tempo se padroniza na língua.

Embora essa noção de ênfase seja amplamente utilizada na literatura, Schwenter (2006) argumenta que ela é precariamente definida, sendo difícil a concepção de uma análise formal baseada na ideia de ênfase. Em consequência, esse autor sugere uma investigação de estruturas alternativas de negação fundada na ideia de ativação (definida por Dryer, 1996). Nesta proposta, a negação inovadora surge em contextos nos quais há conteúdo ativado explícita ou implicitamente no discurso. Utilizando essa hipótese, Schwenter (2005, 2006) analisou algumas línguas românicas como o português brasileiro, catalão e italiano e encontrou essa função pragmática nos contextos que apresentam negação alternativa. Além de Schwenter (2005, 2006), autores como López (2007), Wallage (2016) e Godard & Marandin (2006) pesquisaram o espanhol dominicano, o inglês medieval e moderno e o italiano, respectivamente, e identificaram que nas etapas iniciais, a negação inovadora aparece em contextos restritos pragmaticamente por ativação.

Em suma, o presente trabalho, acompanhando a proposta de Schwenter (2005, 2006), irá descartar a ideia de ênfase como presente nas etapas iniciais da dupla negação em português brasileiro. Isso se dá, porque uma análise que leva em consideração a estrutura informacional

do discurso é mais analítica e usa um modelo mais testável do que uma análise baseada em um termo, como ênfase, difícil de se definir e aplicar em uma análise linguística. Este capítulo é relevante para a construção da linha de argumento que se seguirá nas próximas páginas, porque demonstra o background dos estudos anteriores sobre negação alternativas em outras línguas do mundo. Além disso, esse capítulo contextualizou uma hipótese pragmática que leva em consideração a estrutura informacional do discurso, que é a linha de estudos na qual a análise dos dados de dupla negação do português brasileiro apresentados nesta dissertação se encaixa.



## **2 FORMAS INOVADORAS DE NEGAÇÃO EM PORTUGUÊS**

### **Introdução**

Neste capítulo serão discutidos trabalhos que pesquisam o fenômeno da dupla negação em português. Em relação à variedade falada em Portugal (português europeu, PE), há ainda um número reduzido de estudos que a investiguem. Apresentam-se aqui duas pesquisas que abordam o fenômeno em português europeu (Hagemeyer, 2003 e Nunes, 2014).

Ao contrário do que é encontrado sobre o PE, há uma variedade de estudos que tratam desse tema e que se dedicam a investigá-lo em diferentes regiões do Brasil. As localizações geográficas mais amplamente estudadas e nas quais seus falantes apresentam maior número de usos é o Nordeste e o Sudeste do país. Autores como Furtado da Cunha (2007) e Cavalcante (2007) dedicaram-se a pesquisar as formas inovadoras de negação nos estados de Rio Grande do Norte e Bahia, respectivamente. Além dos citados autores, Sousa (2007, 2015), Camargos (2001) e Schwenter (2005) concentraram seus estudos na região Sudeste, nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Aqui também será apresentada a pesquisa feita por Seixas & Alkmin (2013) sobre dupla negação nos séculos XVIII e XIX em textos escritos, na qual as autoras propõem uma hipótese para o surgimento do fenômeno baseada na ideia de denegação. Por fim, haverá uma breve sumarização das pesquisas realizadas por Goldnadel et al. (2013) e Lima (2013), que tratam da variedade usada no extremo Sul do Brasil (Rio Grande do Sul). Os referidos trabalhos utilizam uma hipótese pragmática baseada na ideia de manutenção tópica. Essas últimas duas investigações são extremamente relevantes para esta dissertação, porque foram elas que deram impulso às hipóteses e análise de dados que serão discutidas no capítulo 3.

### **2.1 O sistema de negação em português: estudos prévios**

Se considerarmos as variedades de português existentes, há um amplo campo de estudos dos fenômenos de negação atuantes em português brasileiro. Por outro lado, o português europeu é majoritariamente identificado como uma variedade que não apresenta variação em estruturas negativas (Cavalcante, 2007).

Em contrapartida a essa concepção, Hagemeijer (2003) e Nunes (2014) reconhecem o surgimento da negação dupla nas últimas décadas em PE. O primeiro autor identifica a existência de Neg2 nessa variedade e propõe, indo ao encontro de estudos prévios sobre negação inovadora em outras línguas, que o item pós-verbal na dupla negação adiciona um “valor intensificador”. Ao surgir com uma proposta distinta da apresentada por Hagemeijer (2003), Nunes (2014) analisou corpora do PE distribuídos em 4 décadas (anos 70, 80, 90 e 2010) e aplicou um teste de percepção a 75 estudantes de Letras da Universidade Nova de Lisboa, a fim de investigar os contextos pragmáticos de uso da dupla negação em PE. Abaixo encontra-se a tabela dos resultados gerais das ocorrências de dois tipos de negação presentes nos corpora através dos anos em PE:

**Tabela 4: Distribuição das negativas em PE, Nunes (2014)**

Anos <sup>14</sup>	Número de entrevistas analisadas	Número total de palavras contidas nas entrevistas	Número de ocorrências de contextos com dupla negação	Número de ocorrências de contextos com negação pré-verbal
1970	25	18.128	0 / 0%	464 / 100%
1980	5	4.010	1 / 2%	46 / 98%
1990	20	25.621	9 / 1,7%	541 / 98,3%
2010	20	371.080	18 / 0,4%	5.276 / 99,6%

(Retirado de Nunes 2014:32)

Como podemos observar na tabela acima, a partir da década de 80 há o aparecimento de ocorrências de dupla negação nas entrevistas analisadas por Nunes (2014). Essa constatação é importante para a literatura porque indica que Portugal já apresenta, nos dias atuais, usos iniciais da DN.

Além dessa análise de corpus, Nunes (2014) realizou um teste de percepção com falantes residentes na cidade de Lisboa, a fim de verificar se havia aceitação da estrutura inovadora, baseada na suposição de que os falantes portugueses já estivessem usando duplas negações. Os resultados revelaram que em comunidades em que a dupla negação ainda aparece de forma incipiente, seu uso decorre de uma estratégia discursiva de manutenção tópica (a partir dos conceitos de tópico e comentário propostos por van Kuppevelt 1995)<sup>19</sup>. Por fim, o estudo de

<sup>19</sup> Essa hipótese será detalhada nas próximas linhas deste capítulo.

Nunes (2014), embora constitua uma iniciativa a ser aprofundada em estudos posteriores, apresentou um dado novo para a literatura especializada. Poucos autores reconheceram usos de dupla negação em Portugal, e, mesmo assim, os autores que reconhecem esses usos, os consideram invariavelmente expressão de alguma forma de ênfase.

Concentrando-se nos estudos sobre a negação em Português Brasileiro, Furtado da Cunha (2007) investiga o fenômeno das formas negativas inovadoras em português brasileiro falado e escrito na cidade de Natal, Rio Grande do Norte. A autora utiliza as noções de iconicidade e gramaticalização para explicar o fenômeno, que em sua análise constitui um processo de mudança linguística. A base de dados presente da pesquisa é proveniente do Corpus Discurso e Gramática (Furtado da Cunha, 1998) que é constituído de material falado e escrito. Os falantes foram distribuídos em grupos sociais constituídos a partir dos seguintes critérios: nível de escolaridade, sexo e classe social. Todos eram provenientes de escolas públicas ou privadas estando em três diferentes níveis de escolaridade (8<sup>o</sup>, 12<sup>o</sup> e nível universitário). O número total de *tokens* analisados foi de 156,612 palavras (136,312 palavras no gênero falado e 20,300 no escrito). Abaixo há um resumo dos resultados recolhidos por Furtado da Cunha (2007):

**Tabela 5: Dados de Furtado da Cunha (2007)**

Distribution of negative patterns according to register

School	Spoken (1465)			Written (184)		
	<i>Não + VP</i>	<i>não + VP + não</i>	<i>VP + não</i>	<i>não + VP</i>	<i>Não + VP + não</i>	<i>VP + não</i>
8th	293	67	05	55	0	0
12th	508	52	02	63	0	0
Univ.	497	39	02	66	0	0
Total	1298	158	09	184	0	0

(Retirado de Furtado da Cunha 2007: 1641)

Como se pode notar, há zero ocorrências das formas alternativas nos dados escritos, enquanto que nos falados há maior uso das formas inovadoras. Em geral, no gênero oral, a negação canônica ainda é a preferida pelos falantes e 10% (n=158) do total de negações é o do tipo Neg V' Neg (dupla negação). Outra observação levantada pela autora acerca dos resultados, é que as negações do tipo Neg V' Neg e V' Neg estão associadas com falantes mais jovens, gênero oral e estilo coloquial. Além disso, é observável que o fator classe social é

relevante nesses dados, porque quanto maior o nível de escolaridade dos falantes, menor é o uso das formas inovadoras. A autora aponta para o fato de que a pressão de regras normativas no ensino de português na escola possa ser significativa na interpretação desses resultados.

Outra conclusão feita por Furtado da Cunha (2007) acerca dessa pesquisa é que a negação padrão pré-verbal parece ser a forma menos marcada nesse dialeto. Isso se daria por três fatores: primeiro, em relação à frequência, pois a negação canônica é a que ocorre mais frequentemente; segundo quanto à complexidade estrutural, a Neg1 é a forma morfológicamente mais simples; e por último, em relação ao contexto de uso, a Neg1 é a negação menos restrita pragmaticamente.

Sendo assim, relacionada à função pragmática exercida pela dupla negação no corpus analisado, Furtado da Cunha (2007) traz à tona a ideia de pausa temática. De acordo com a autora, a pausa temática acontece quando há uma suspensão, interrupção ou digressão do principal referente no discurso. Em um quadro geral, o principal argumento da autora é baseado na ideia de reforço e ênfase já referidos no presente trabalho. Isto é, para Furtado da Cunha (2007) o item negativo pós-verbal surgiria como uma estratégia de reforço da negação já que a negação pré-verbal vem sofrendo erosão fonológica na fala (*num*). Sendo assim, os falantes estariam “reforçando” a negação, introduzindo o item negativo pós-verbal com o objetivo de evitar que o ouvinte mal interprete ou perca o conteúdo negativo da oração.

Logo, fica claro que, para a autora, essa mudança fonológica seja central para a emergência das formas inovadoras de negação em PB. Em relação ao possível desenvolvimento dessas formas, Furtado da Cunha (2007) acredita que, via um processo de reanálise, a negação enfática, atualmente representada por Neg2 e Neg3, irá perder o poder enfático e então tornar-se a negação padrão, causando o desaparecimento do item de negação pré-verbal. Em suma, o fenômeno da DN é considerado como uma etapa de um processo de gramaticalização das estratégias de negação sentencial do PB.

Ainda tratando de uma variedade presente no Nordeste do Brasil, Cavalcante (2007) analisou o português utilizado no interior do estado da Bahia. Nesse trabalho, o autor analisou um corpus que é constituído de entrevistas sociolinguísticas realizadas em 1994, provenientes de três comunidades afro-brasileiras, Cinzento, Rio de Contas e Sapé. A variedade estudada pelo autor é representativa de um dialeto de comunidades formadas a partir de antigos quilombos, que foram fortemente influenciadas por algumas línguas africanas. O autor analisou dezoito entrevistas, seis de cada comunidade, e coletou um total de 2.026 sentenças com itens negativos. Os resultados gerais podem ser vistos abaixo:

**Tabela 6: Dados de Cavalcante (2007)**

	<b>[Não V]</b>	<b>[Não V não]</b>	<b>[V não]</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Ocorrências</b>	1343	568	115	2026
<b>Frequência</b>	66%	28%	6%	100%

(Retirado de Cavalcante 2007: 24)

Em comparação com os dados analisados por Furtado da Cunha (2007), o corpus de Cavalcante (2007) apresenta mais usos de DN (um total de 28%), como é esperado na região do Nordeste. Além dessa recolha, o autor realizou uma análise estrutural das ocorrências negativas categorizando-as de acordo com tipo de frase em que aparecerem. A conclusão foi a de que o contexto de não-resposta desfavorece o aparecimento da estrutura com dupla negação, enquanto que os contextos de pergunta e de respostas diretas a favorecem, como pode ser observado na tabela abaixo:

**Tabela 7: Análise de Dados de Cavalcante (2007)**

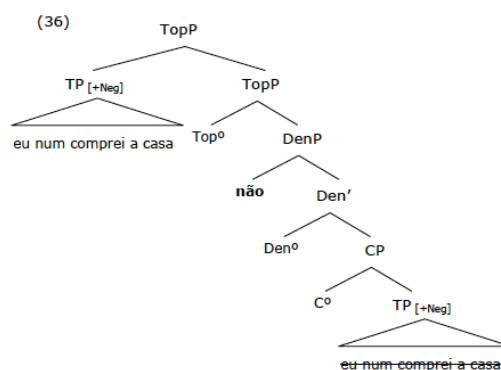
<b>TIPO DE FRASE</b>	<b>[Não V]</b>	<b>[Não V não]</b>	<b>[V não]</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Não-resposta</b>	<b>.55</b> 73% 1236	.46 24% 412	.43 2% 39	1687
<b>Pergunta</b>	.46 50% 26	<b>.59</b> 40% 21	<b>.62</b> 10% 5	52
<b>Resposta a <i>yes / no question</i></b>	.24 28% 81	<b>.68</b> 47% 135	<b>.83</b> 25% 71	287

Nível de significância: .000 para [Não V], .008 para [Não V não], .005 para [V não]

(Retirado de Cavalcante 2007: 32)

Cavalcante (2007) também propôs uma análise sintática da estrutura da dupla negação baseada no modelo sintático minimalista:

### Árvore Sintática 1: Análise Sintática de Cavalcante (2007)



(Retirado de Cavalcante 2007: 25)

Em suma, as principais considerações feitas pelo autor sobre as três estratégias negativas são as seguintes: a Neg1 seria uma estrutura não marcada, que é utilizada em contextos de negação de uma sentença declarativa, já a Neg2 é utilizada para recusar oferta e sugestões ou para rejeitar uma asserção previamente mencionada ou pressuposta pelos interlocutores, além disso, esse tipo de estratégia seria desfavorável em orações encaixadas. Em relação aos contextos de ocorrência de Neg3, o autor afirma que esse uso não aparece em sentenças encaixadas, nem em construções que envolvem topicalização. Por fim, o contexto pergunta/resposta favoreceu o aparecimento de Neg3 nos dados.

De uma forma geral, Cavalcante (2007) considera que há uma relação de proporcionalidade com os fatores isolamento e presença africana em uma comunidade e o número de ocorrências de Neg2 e Neg3. Os contextos favorecidos para a ocorrência das negações inovadoras seriam os que possuem pressupostos ativados, por um interlocutor, numa situação de diálogo. Além disso, na visão do autor, essas variáveis conjugam, simultaneamente, aspectos linguísticos e discursivos entre si, e fatores sociais estão presentes no fenômeno. Por fim, o autor considera que a Neg2 e 3 seriam o resultado de contato linguístico.

Ao analisar dados de entrevistas sociolinguísticas realizadas com falantes de Mariana (Minas Gerais, MG), Sousa (2007) considera que a dupla negação faz parte de um processo de gramaticalização das estratégias negativas em PB, indo ao encontro da análise proposta por Furtado da Cunha (2007). Para a autora, há uma redução fonética dos item negativo pré-verbal, o que ocasionaria o aparecimento da estratégia da dupla negação.

O principal objetivo de sua investigação foi discutir em qual etapa de gramaticalização encontra-se a negação em PB. Os resultados de uma análise acústica das formas negativas

apontaram para o fato de que a negação em PB se manifesta foneticamente de cinco maneiras: [não], [num], [nu], [ũ] e [nʻ]. Além disso, Sousa (2007) aponta que as formas [num] e [nu] não podem ocorrer sozinhas em respostas às perguntas, não podem ser topicalizadas e não podem ocorrer em contextos pós-verbais.

Assim sendo, baseada nas análises acústicas conduzidas nos dados a autora propõe que em PB há uma tendência à redução da duração dos segmentos negativos. Em suma, a autora propõe a hipótese de que a negação em PB caminha para a etapa de afixo, dentro do processo de gramaticalização. Ou seja, no que concerne à dupla negação, ela se encaixaria dentro de uma etapa desse processo de redução fonética dos itens negativos. Em seus dados, há um total de 85% (785) de ocorrências do tipo Neg1 e 15% (133) de Neg2. Além disso, constatou que o item negativo pré-verbal é reduzido 83% das vezes na negação canônica e 99% das vezes quando ocorre na dupla negação, como pode ser observado abaixo:

**Tabela 8: Dados de Sousa (2007)**

	Negativa Pré-verbal			Dupla negativa			Total
	Nº	%	PR	Nº	%	PR	
<i>F. Plena</i>	129	16	.61	1	0	.65	130
<i>F. Reduzidas</i>	656	83	.38	132	99	.93	788
<b>Total</b>	785			133			918

(Retirado de Sousa 2007: 81)

Em relação às funções pragmáticas em que a negação se manifesta em PB, Sousa (2015), em um artigo posterior, desenvolve uma análise na qual classifica as duas negações inovadoras (Neg2 e Neg3) de acordo com suas estruturas sintáticas e restrições pragmáticas. Especificamente, a autora argumenta que diferença entre as três estruturas de negação não está relacionada precisamente com ênfase, pressuposição ou ativação de conteúdo, mas sim com sua interpretação como negação de evento, proposicional ou metalinguística. De acordo com esta abordagem, cada tipo de negação formal em PB tem uma interpretação diferente. Nesta proposta, Sousa (2015) justifica a sua hipótese com dados criados e julgados por sua própria intuição nativa.

Uma das principais ênfases do artigo é discutir a hipótese lançada por Schwenter (2005, 2006). Primeiramente, a autora valida a crítica de Schwenter em relação à ideia de ênfase, afirmando que essa proposta não é suficiente para diferenciar e classificar as formas inovadoras de negação em PB. Isso se dá porque, de acordo com Sousa (2015), se o item pré-verbal *não* ainda é capaz de receber proeminência prosódica, bem como negar a sentença por conta própria, não é lógico considerar a coocorrência de outro elemento negativo como tendo uma única função de reforço ou ênfase. Por outro lado, a autora tampouco corrobora a ideia de ativação. O contraexemplo apresentado é o seguinte:

(11) A: Você sabia que o professor Pedro foi assaltado?

B: Nossa! Falando do Pedro, eu **não** entreguei o trabalho dele **não**.

(Retirado de Sousa 2015: 34)

A análise proposta por Sousa (2015) do exemplo anterior é de que, nesse contexto, a dupla negação sinaliza a introdução de conteúdo novo no discurso (a não entrega do trabalho do professor Pedro). No entanto, se excluirmos o excerto “Falando do Pedro” a sentença se torna pouco aceitável pragmaticamente com a presença da dupla negação. Sendo assim, parece que essa informação de alguma maneira introduz o conteúdo “as aulas do professor Pedro” ou um tópico mais generalizado, no qual a ideia de que B não entregou o trabalho do professor Pedro não é conteúdo novo, pois depende do gatilho “Falando do Pedro”. Ademais, esse é o único exemplo apresentado pela autora como contrário à ideia de ativação proposta por Schwenter (2005, 2006). Como já foi referido no capítulo 1, o autor considera que o conteúdo deve estar explícito ou implícito no discurso, análise que Sousa (2015) parece não considerar em sua totalidade.

Após uma breve apresentação de outros exemplos criados pela própria autora e a testagem de hipóteses relacionadas à negação metalinguística e negação semântica, Sousa (2015) propõe o seguinte quadro com um resumo das restrições pragmáticas e sintáticas presentes nos três tipos de negação do PB:



**Tabela 9: Funções pragmáticas e estrutura sintáticas dos três tipos de negação proposta por Sousa (2015)**

Table 1  
Distribution of Neg1, Neg2 and Neg3 in BP.

Context	Neg1	Neg2	Neg3
1. Semantic negation	✓	✓	*
2. Metalinguistic negation (presupposition, scalar value, expression)	✓	✓	✓
3. New information	✓	✓	*
4. Inferable/explicitly activated information	✓	✓	✓
5. Complement clauses	✓	✓	*
6. Conditional clauses	✓	✓	*
7. Relative clauses	✓	✓	*
8. Infinitive clauses	✓	*	*
9. Temporal clauses	✓	*	*
10. Narrative	✓	*	*

(Retirado de Sousa 2015: 36)

Em suma, Sousa (2015) conclui que, além das diferenças entre a negação canônica e as formas inovadoras, existem distinções sintáticas e semânticas/pragmáticas entre a Neg2 e Neg3. Sendo assim, ela considera que essas duas formas são fenômenos separados. Isso se dá porque a negação pós-verbal não ocorreria em todos os tipos de cláusulas e para introduzir conteúdo novo no discurso, uma vez que se restringe aos contextos de resposta. Já a dupla negação não ocorreria com infinitivos, orações encaixadas temporais e contextos narrativos, sendo irrestrita quanto ao tipo de informação transmitida (nova ou conhecida). Por fim, Sousa (2015) classifica a Neg2 e a negação canônica como negações semânticas e a pós-verbal como uma estrutura marcando foco pragmático.

Tratando da mesma variedade analisada por Sousa (2007), falada em Minas Gerais, Camargos (2001) discute os resultados quantitativos da análise de estratégias negativas coletados previamente por Camargos (1998). Neste corpus há ocorrências de negação produzidas por falantes divididos por faixa etária (classificados como velhos, medianos e jovens<sup>20</sup>). Além disso, esses dados são resultantes de um teste de produção linguística aplicado pelo autor.

Camargos (2001) propõe uma descrição bruta dos dados, ao invés de propor uma investigação das razões do surgimento das estratégias negativas inovadoras em PB. Essa classificação geral por ser observada abaixo:

<sup>20</sup> Não há uma definição do que o autor considera como jovem, mediano e velho no artigo.

**Tabela 10: Dados em Camargos 2001**

<b>Estratégia</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
NEGV	687	70%
NEGVNEG	265	27%
VNEG	28	3%

(Retirado de Camargos 2001:4)

Nesse corpus há um número razoável de usos de dupla negação (27% do total). Além do levantamento dos usos de negação, o autor realizou uma análise fonética da realização da partícula negativa (pré-verbal) presente nas três estruturas pesquisadas.

De acordo com o autor, o item negativo pré-verbal na dupla negação é raramente realizado na sua forma plena “não”, enquanto que na negação canônica ele é quase sempre realizado, resultado que vai ao encontro com o encontrado por Sousa (2007). O autor, então, sugere que a negação está passando por um processo de mudança linguística, na qual os jovens parecem utilizar uma maior porcentagem de negação inovadora do que os falantes mais velhos, como pode ser observado na tabela seguinte:

**Tabela 11: Faixa Etária nos Dados em Camargos 2001**

<b>Tipo de NEG</b>	<b>NEGV</b>	<b>NEGVNEG</b>	<b>VNEG</b>
	<b>Quantidade %</b>	<b>Quantidade %</b>	<b>Quantidade %</b>
<b>Velhos</b>	81	17	2
<b>Medianos</b>	72	23	5
<b>Jovens</b>	49	44	7

(Retirado de Camargos 2001:2)

Esses dados revelam uma impressionante distribuição dos dados de dupla negação entre a população jovem (44% de usos de Neg2). Além disso, o autor submeteu os dados a uma

análise estatística no programa Varbrul e encontrou que os grupos de fatores (a) faixa etária e (b) posição do item negativo em relação ao verbo foram selecionados pelo programa como relevantes para a análise. Logo, Camargos (2001) conclui que os jovens estariam provocando uma mudança linguística do fenômeno.

Tratando do mesmo fenômeno em PB, Schwenter (2005) propõe uma hipótese importante sobre as motivações para o surgimento de diferentes estratégias de negação. Através de uma análise de dados, o autor demonstra que há importantes diferenças pragmáticas entre as três estratégias negativas coexistentes em PB. Como foi previamente mencionado, Schwenter (2005) critica estudos que consideram que as formas não canônicas de negação em PB são enfáticas, formas de reforço negativo ou que negam conteúdo pressuposto. Como consequência a essa crítica, este autor afirma que diferenças na estrutura informacional seriam as motivadoras para o surgimento das diversas estratégias.

O principal argumento do autor é que, baseado no framework sobre estrutura informacional proposto por Prince (1992), a dupla negação em PB é sensível ao status do discurso e não ao status do ouvinte. Para ilustrar seu argumento, Schwenter (2005) realizou uma análise de entrevistas sociolinguísticas do corpus do PEUL<sup>21</sup> e também submeteu alguns contextos a julgamentos de falantes nativos do Rio Janeiro. O autor considera o seguinte exemplo:

(12a) [a falante está andando na rua quando de repente lembra que esqueceu de desligar fogão]

A: Nossa eu não desliguei o fogão (#não)!

(Retirado de Schwenter 2005:1434)

De acordo com o autor, a construção dupla não é possível neste contexto porque a proposição sendo negada é conteúdo novo no discurso, ou seja, não há nenhum “gatilho” que seja implícito ou explícito no discurso que ative a proposição “desligar o fogão”. Além disso, Schwenter argumenta que a pouca aceitabilidade de (12a) não pode ser explicada por uma proposta baseada no conceito de ênfase. Isso se dá porque mesmo que se considere que o

---

<sup>21</sup> Entrevistas sociolinguísticas realizadas por pesquisadores da UFRJ no início dos anos 80 com residentes do Rio de Janeiro advindos da classe baixa.

enunciado em (12a) seja enfático, a DN, nesse caso, não é aceitável. Podemos observar outro exemplo proposto pelo autor:

(12b) A: Você desligou o fogão né?

B: Nossa! Não desliguei não!

(Retirado de Schwenter 2005:1435)

Em contrapartida ao exemplo apresentado em (12a), o autor introduziu um gatilho que torna o conteúdo “desligar o fogão” ativado no discurso. Ao fazer isso, é possível notarmos que o enunciado em B se torna aceitável com a Neg2. Schwenter (2005) defende que a única diferença entre os exemplos em (12a) e (12b), é que em (12b) há o gatilho que ativa o conteúdo no discurso introduzido por A, e, assim, torna o status informacional do discurso como conhecido, tornando possível o aparecimento da dupla negação.

Em relação à ideia de pressuposição introduzida por Schwegler (1991) para explicar as restrições pragmáticas da dupla negação em PB, Schwenter (2005) também questiona essa proposta. Ela diz que a proposição negada por um item negativo é pressuposta entre os interlocutores, porém Schwenter afirma que a proposição não é necessariamente pressuposta, mas sim ativada no discurso. Ou seja, o autor muda o foco do conteúdo ativado pelos interlocutores para o discurso. Sendo assim, como no exemplo apresentado em (12a), o conteúdo principal da proposição é conhecido pela falante A, entretanto é novo no discurso por não ter sido introduzido por nenhum gatilho implícito ou explícito, tornando somente a Neg1 possível.

Seguindo na mesma linha de argumento, o autor considera o seguinte excerto retirado de um e-mail trocado por ele e uma falante nativa do Rio de Janeiro:

(13) . . . a verdade é que eu não sei se uso esse tipo de pronome em espanhol, teria que me “ouvir” com mais cuidado pra ver – mas em principio acho que **não uso não**. Ou, se uso, tenho certeza que é errado!

(Retirado de Schwenter 2005:1440)

A análise proposta pelo autor é de que a falante admite que não sabe se usa um certo tipo de pronome ao falar espanhol, e que ela precisaria ouvir a si mesma para saber com certeza. Entretanto, mesmo que a própria falante esteja admitindo que ela NÃO ACREDITA que usa o pronome espanhol, ela usa a dupla negação para negar a proposição ativada (e não algo pressuposto), isto é, para negar que ela use esse tipo de pronome.

Por fim, depois de fazer uma breve análise de outras estruturas inovadoras de negação (como a Neg3 e concordância negativa), nas quais também admite a ideia da negação de conteúdo ativado, Schwenter (2005) propõe a seguinte tabela com um resumo das restrições pragmáticas das negações não canônicas em PB:

**Tabela 12: Análise da Negação em PB por Schwenter 2005**

<b>Negação em PB pelo status de informação da proposição negada</b>			
<i>Forma</i>	<i>Novo no Discurso</i>	<i>Inferível</i>	<i>Diretamente Ativado</i>
<b>Neg1</b>	OK	OK	OK
<b>Neg2</b>	#	OK	OK
<b>NEG3</b>	#	#	OK

(Baseado em Schwenter 2005:1452)

Sendo assim, para o autor há uma hierarquia de restrições nas formas negativas em PB, na qual a negação canônica é mais flexível, sendo possível quando nega conteúdo novo no discurso, inferível e diretamente ativado, enquanto que a Neg2 não nega conteúdo novo e a Neg3 somente nega conteúdo diretamente ativado. Logo, a contribuição de Schwenter, de uma forma geral, acrescenta que há restrições de cunho discursivo e relacionadas ao contexto nos usos de formas não canônicas de negação, sendo essa uma pesquisa relevante para o presente trabalho por considerar esses fatores em sua análise da negação.

Em suma, foram apresentados uma série de trabalhos relevantes na literatura da negação em língua portuguesa nesta seção. Aqui foram descritas pesquisas que tratam do fenômeno de diversas maneiras, por um viés baseado na ideia de ênfase, reforço e gramaticalização (Furtado da Cunha 2007, Sousa 2007, 2015), outro baseado em uma análise sintática da estrutura e na

ideia de pressuposição pragmática (Camargos 2001 e Cavalcante 2007), e por fim, a pesquisa de Schwenter (2005) que explica o fenômeno utilizando um conceito baseado no status do discurso. Além da exposição das referidas hipóteses, esses autores apresentam dados quantitativos relevantes para o presente trabalho, porque podemos sumarizar um panorama geral de usos de negação em português a partir das investigações analisadas:

**Tabela 13: Estudos sobre Estratégias Negativas em Português: Resumo**

<b>Localização Geográfica/Estudo</b>	<b>Anos dos Dados</b>	<b>Porcentagem/ Nº de Neg1</b>	<b>Porcentagem/ Nº de Neg2</b>
Cinzento, Rio de Contas e Sapé, BA/Cavalcante (2007)	Década de 90	66%/1343	28%/568
Belo Horizonte, MG/Camargos (2001)	Década de 90	70%/687	27%/265
Mariana, MG/Sousa (2007)	Década de 2000	85%/785	15%/133
Natal, RN/Furtado da Cunha (2007)	Década de 2000	88%/1298	10%/158
Portugal/Nunes (2014)	Décadas de 70, 80, 90 e 2000.	99,6%/5.276	0,4%/18

É possível notar que nas regiões Nordeste e Sudeste há um número razoável de usos de dupla negação, enquanto em Portugal a porcentagem ainda é bem baixa (0,4%). Nas próximas seções serão apresentadas outras duas hipóteses pragmáticas para a explicação do fenômeno e dados da região Sul do Brasil.

## **2.2 Hipóteses Pragmáticas para a Dupla Negação em PB: Denegação**

Nesta dissertação serão analisados dados da região Sul do Brasil. Como já foi atestado em trabalhos prévios sobre o mesmo tópico (Goldnadel et al., 2013 e Lima, 2013), essa

localização geográfica apresenta uma porcentagem baixa de usos de dupla negação e zero ocorrências de Neg3, sugerindo que as estratégias negativas inovadoras no Sul do Brasil estão em seus estágios iniciais de uso. Por outro lado, nas regiões do Nordeste e Sudeste do país foram encontrados usos mais significativos (mais de 10% de usos) do fenômeno, como demonstrado na seção anterior. Considerando essas observações, nesta seção será apresentada uma investigação que analisa o fenômeno de um ponto de vista histórico, para que possamos entender quais eram as funções pragmáticas da dupla negação em um período anterior ao século XX.

Seixas & Alkmin (2013) investigaram o português escrito nos séculos XVIII e XIX em textos de autores brasileiros. Os principais objetivos das autoras foram pesquisar a implementação (período em que a estrutura aparece nos textos investigados), transição (percurso do processo de mudança de Neg1 a Neg2) e origem da dupla negação (testar duas hipóteses pragmáticas (Biberauer & Cyrino, 2009 e Schwenter, 2005)).

As autoras analisaram uma amostra constituída de 17 textos de brasileiros escritos entre os séculos XVIII e XIX: correspondências privadas (cartas e bilhetes), jornais (correspondências publicadas em jornais e editoriais de jornais), peças de teatro e obras literárias em prosa (consideração dos diálogos). Além disso, os períodos investigados foram divididos de duas maneiras: 1ª e 2ª metade dos séculos XVIII e XIX. Os resultados da coleta de dados de Seixas & Alkmin (2013) apontaram para um total de 11 estruturas diferentes de negação no corpus ([NãoV], [NãoVNão], [VNão], [NegVNeg], [AdvV], [QuantV], [NemV], [SemV], [Não+Elipse], [Nem+Elipse] e [QuantNV]) distribuídas em um total de 3473 ocorrências.

**Tabela 14: Resultados de Seixas & Alkmin (2013)**

ESTRUTURA	Nº DE OCORRÊNCIAS				TOTAL
	séc. XVIII	%	séc. XIX	%	
[NãoV]	585	20,1	2324	79,9	2909
[NãoVNão]	1	3,1	31	96,9	32
[VNão]	0	0	4	100	4
[NegVNeg]	32	21,7	115	78,3	147
[AdvV]	17	13,1	113	86,9	130
[QuantV]	10	16,4	51	83,6	61
[NemV]	12	14,8	69	85,2	81
[SemV]	14	20,9	53	79,1	67
[Não+Elipse]	3	14,3	18	85,7	21
[Nem+Elipse]	1	6,2	15	93,8	16
[QuantNV]	1	20	4	80	5
TOTAL	676	19,5	2797	80,5	3473

(Retirado de Seixas & Alkmin 2013:90)

Se nos concentrarmos na estrutura da dupla negação, as autoras encontraram um total de 32 ocorrências com DN das quais 1/676 (0,1%) aparece no século XVIII e 31/2797 (1,1%) no século XIX. Sendo assim, é possível notar que os usos do fenômeno ainda são bem baixos nesses períodos. Além dessas considerações acerca da frequência de uso da DN, as autoras notaram a seguintes mudanças em sua estrutura:

A estrutura [NãoVNão] apresenta mudanças em sua configuração – primeiramente (século XVIII e 1ª metade do século XIX) a estrutura apresenta os dois não com uma certa distância um do outro, distribuídos em orações mais longas e complexas. Na 2ª metade do século XIX, no entanto, as estruturas [NãoVNão] apresentam-se de forma diferenciada das anteriormente mencionadas, isto é, têm a estrutura mais simples e os dois itens *não* encontram-se próximos. (Seixas & Alkmin 2013: 96)

Tal fato é interessante, porque, de fato, a negação dupla atualmente não aparece em estruturas mais complexas como as primeiras encontradas por Seixas & Alkmin no século XVIII e início do XIX, apontando para uma mudança em sua estrutura.

Com o objetivo de entender as funções semântico-pragmáticas que a dupla negação cumpre nos períodos analisados, as autoras testaram a proposta de Biberauer & Cyrino (2009) que sugere que a dupla negação é natural em contextos pressuposicionais. De acordo com Biberauer & Cyrino (2009), a negação pressuposicional ocorre em certas condições pragmáticas relacionadas às expectativas do falantes e do ouvinte. Além de considerar essa



definição de pressuposição, Seixas & Alkmin (2013) propõem que a DN cumpre uma função de denegação, ou seja, “se no ato assertivo, um dos interlocutores acredita que o outro não sabe o que ele sabe, no de denegar o falante acredita que sabe melhor e que o ouvinte sabe errado” (Seixas & Alkmin 2013:97). De acordo com as autoras, o exemplo seguinte ilustra essa função:

#### Quadro 4: Exemplo de Denegação, Seixas & Alkmin 2013

“FLORÊNCIA - Filhinho, há de ser um fradinho muito bonito. JUCA, chorando - Não quero ser frade! FLORÊNCIA - Então, o que é isso? JUCA - Hi, hi, hi.. Não quero ser frade! FLORÊNCIA - Menino! AMBRÓSIO - Pois não te darei o carrinho que te prometi, todo bordado de prata, com cavalos de ouro. JUCA, rindo-se - Onde está o carrinho? AMBRÓSIO - Já o encomendei; é coisa muito bonita: os arreios todos enfeitados de fitas e veludo. JUCA - Os cavalos são de ouro? AMBRÓSIO - Pois não, de ouro com os olhos de brilhantes. JUCA - E andam sozinhos? AMBRÓSIO - Se andam! De marcha e passo. JUCA - Andam, mamãe? FLORÊNCIA - Correm, filhinho. JUCA, saltando de contente - Como é bonito! E o carrinho tem (...) JUCA - Primo Carlos! CARLOS, tomando-o no colo - Juquinha! Então, prima, tenho ou não razão? Há ou não plano? JUCA - Primo, você também é frade? Já lhe deram também um carrinho de prata com cavalos de ouro? CARLOS - O que dizes? JUCA - Mamãe disse que havia de me dar um muito dourado quando eu fosse frade. (Cantando) Eu quero ser frade.. (Etc, etc) CARLOS, para Emília - Ainda duvidas? Vê como enganam esta inocente criança! JUCA - **Não enganam não, primo, os cavalos andam sozinhos.** CARLOS, para Emília - Então? EMÍLIA - Meu Deus! CARLOS - Deixa o caso por minha conta. Hei de fazer uma estralada de todos os diabos, verão.. EMÍLIA - Prudência! CARLOS - Deixa-os comigo. Adeus, Juquinha, vai para dentro com tua irmã. (Bota-o no chão) JUCA - Vamos, mana. (Sai cantando) Eu quero ser frade.. (Emília o segue) CENA IX CARLOS, só - Hei de descobrir.”

(Retirado de Seixas & Alkmin 2013:102)

Seixas & Alkmin (2013) analisam a sentença com DN “*Não enganam não, primo, os cavalos andam sozinhos*” como uma denegação, pois ela denega a pressuposição de que Juca é enganado com a promessa feita por Ambrósio (de que ele iria ganhar um carrinho de prata com cavalos de ouro que andam se se tornar frade). Isto é, a dupla negação denega algo que o falante acredita que sabe melhor e que o ouvinte sabe errado, neste caso, de que o falante está sendo enganado. Em suma, além do já referido, as autoras identificaram outros 31 casos nos quais a dupla negação cumpre a função de denegação no discurso, ou seja, o total de 32 ocorrências de DN encontradas são casos de denegação.

Além de testar a hipótese de Biberauer & Cyrino (2009), as autoras analisaram os contextos com DN à luz da teoria proposta por Schwenter (2005) relacionada à ideia de ativação. Dessa maneira, o resultado dessa análise apontou que dentre o total de estruturas que apresentam dupla negação no corpus, 22 delas negam conteúdo dado no contexto discursivo e outras 10 ocorrências negaram uma informação nova no discurso. No entanto, Seixas & Alkmin (2013) oferecem apenas 1 exemplo deste último tipo:

### Quadro 5: Exemplo em Seixas & Alkmin 2013

“Tenho passado algumas noites no Club, muitas no Cassino e na Campesina, e nunca encontrei tanta satisfação, tanta alegria, como naquelle deserto, no meio de daquela gente boa e amavel, simples e agradável, sem ostentação, sem orgulho, tal qual Deus a creou. **Não vem a propósito dizer-se que quem tem um olho na terra dos cegos é rei; não, de maneira alguma se póde dizer isso.** Eu era dentre todos o mais instruido, porém não o melhor; cada um delles valia doze de mim.”

(Retirado de Seixas & Alkmin 2013:104)

Para Seixas & Alkmin a sentença com DN “*Não vem a propósito dizer-se que quem tem um olho na terra dos cegos é rei; não, de maneira alguma*” denega a informação apresentada pelo provérbio “Quem tem um olho na terra dos cegos é rei”, que não seria dada no contexto discursivo.

A dupla negação denega algo que o falante acredita que sabe melhor, no caso de que ele não era o mais instruído naquele lugar, e que o ouvinte sabe errado, no caso que poderia erroneamente inferir, a partir das informações dadas no discurso, que o falante era o mais instruído de todos. Ou seja, como Schwenter (2005) evidencia em seus exemplos, a sentença que contém a DN seria não aceitável se ocorresse totalmente fora do contexto, realmente comentando sobre algo novo no discurso, ou seja, introduzindo conteúdo novo. Nesse caso, o falante nega um provérbio com a intenção de denegar uma inferência<sup>22</sup> que poderia ser feita baseada nas informações dadas previamente no discurso. Sendo assim, o exemplo apresentado por Seixas & Alkmin (2013), que seria ilustrativo de um caso que negaria uma informação nova no discurso, parece ser mais um caso de denegação de conteúdo ativado no discurso, contrariamente a análise das autoras. Ademais, não é possível avaliar se os outros 9 exemplos referidos pelas autoras são contrários à ideia de ativação, por não estarem transcritos no artigo.

Por fim, a principal contribuição Seixas & Alkmin (2013) foi a identificação de uma função pragmática (denegação) da estrutura da DN. Além dessa contribuição, as autoras descreveram como a estrutura da DN mudou a sua configuração em tempo real: “i) primeiramente (no século XVIII e na 1ª metade do século XIX) a estrutura apresentava os dois *nãos* com uma certa distância um do outro, distribuídos em orações mais longas e complexas; ii) posteriormente, na 2ª metade do século XIX, no entanto, as estruturas [NãoVNão] apresentavam-se de forma diferenciada das anteriormente mencionadas, isto é, tinham a

<sup>22</sup> Schwenter (2005) reconhece que a informação dada no discurso também por ser obtida por inferência.

estrutura mais simples e os dois itens não encontravam-se próximos” (Seixas & Alkmin 2013:107). Em suma, para fins desse trabalho, iremos considerar a função pragmática de denegação de conteúdo ativado na análise dos dados por ela se mostrar relevante, podendo ser encontrada em quantidade expressiva em corpora que apresentem usos incipientes da estrutura da dupla negação.

### **2.3 Hipóteses Pragmáticas para a Dupla Negação em PB: Manutenção Tópica**

Na tabela 13, na qual apresentamos um panorama geral de estudos sobre a dupla negação em PB, é possível notar que há uma porcentagem que varia entre 10 e 28 por cento de usos dessa estrutura nas regiões Nordeste e Sudeste do Brasil. Esta tendência se mostra constante em outras pesquisas que consideram as mesmas regiões (Schwegler, 1991, Roncarati, 1996, Souza & Lucchesi, 2004, Reimann & Yacovenco, 2011). Em contraste, estudos prévios (Goldnadel et al. 2013, Lima 2013 e Nunes 2014) que investigaram o português falado nos três estados do Sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) reportaram porcentagens reduzidas de usos nessa região em dados que datam dos anos 80 e 90. Além disso, os referidos autores encontraram uma função pragmática cumprida pela dupla negação nesses dados intitulada “manutenção tópica”. Nesta seção iremos sumarizar brevemente os referidos estudos.

Goldnadel et al. (2013), expandindo a discussão sobre as possíveis causas para o surgimento da estratégia da dupla negação em PB, procuram buscar uma explicação pragmática para o surgimento de formas inovadoras de negação sentencial presentes no Sul do Brasil. Com este objetivo, os autores analisaram dados de entrevistas sociolinguísticas do VARSUL realizadas nas três capitais dos estados que compõem a região Sul do Brasil: Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre.

Os autores buscam acrescentar novos elementos de análise ao panorama dos estudos do fenômeno das diferentes estratégias de negação existentes no PB ao incluir dados da região Sul. Além disso, há o propósito de verificar se essa região apresenta níveis representativos de negações não-canônicas e também de avaliar a influência dos fatores linguísticos e sociais nesses eventuais usos.

A motivação principal da pesquisa foi a verificação da hipótese de Schwenter (2005) sobre conteúdos ativados no discurso. Os autores argumentam que, levando em consideração a

grande extensão territorial do Brasil, seria possível a ocorrência de diversos estágios das estratégias negativas dependendo da região estudada. Além disso, a região Sul, por ser uma área geográfica considerada conservadora e que apresenta poucas ocorrências de dupla negação, seria ideal para a verificação da hipótese de Schwenter. Outro aspecto interessante apontado nessa investigação é que as regiões Nordeste e Sudeste, por demonstrarem mais ocorrências de Neg2 e Neg3, apresentariam menos restrições de uso.

Os dados analisados foram baseados em entrevistas do VARSUL (9 de Curitiba, 11 de Porto Alegre e 9 de Florianópolis) realizadas entre as décadas de 80 e 90. Os resultados das ocorrências das três estratégias de negação foram os seguintes:

**Tabela 15: Resultados de Goldnadel et al. 2013**

	NEG1	NEG2	NEG3	TOTAL
Porto Alegre	1402 / 99,4%	8 / 0,6%	0	1410
Curitiba	1371 / 97,4%	37 / 2,6%	0	1408
Florianópolis	1018 / 95,6%	47 / 4,4%	0	1065

(Retirado de Goldnadel et al. 2013:50)

Algumas observações levantadas pelos autores sobre os resultados gerais é de que a estrutura com negação pós-verbal não aparece em nenhuma das capitais estudadas. Além disso, dentre as cidades, Porto Alegre parece ser a mais conservadora em relação aos usos de DN com apenas 0,6% total de usos. Considerando que Florianópolis é a cidade com maior número de ocorrências, os autores fizeram uma análise mais detalhada desses dados, utilizando uma análise estatística com o programa Varbrul.

Os resultados da análise foram os seguintes: (1) há um favorecimento da dupla negação em contexto de resposta e o seu aparecimento em uma posição inicial do turno, (2) a DN aparece, de uma forma geral, em orações absolutas, (3) a maioria das ocorrências possuem um status informacional de veiculação de conteúdo ativado, porém há cinco casos em que essa condição não se aplica e (4) nível de instrução apresentou influencia na quantidade de usos, ou seja, quanto maior o grau de escolaridade, menores foram as ocorrências de dupla negação. Em conclusão, as variáveis consideradas estatisticamente relevantes (por ordem de significância estatística) foram: status informacional do conteúdo negado (ativado ou não ativado), tipo de oração, escolaridade e posição da frase no turno.

Ademais, este estudo oferece algum suporte para a suposição de Schwenter, a de que orações com dupla negação cumprem a função pragmática de vincular conteúdo ativado. Isso se dá porque, como já foi referido, a variável status informacional do conteúdo negado revelou-se como a mais relevante pelo programa estatístico. É importante mencionar que, de acordo com os autores, os contraexemplos à hipótese encontrados nos dados apresentam algumas características que podem interferir no uso da dupla negação, que exigiriam mais alguma reflexão a respeito de fatores intervenientes, não necessariamente invalidam a hipótese levantada por Schwenter (2005).

Em síntese, a principal contribuição do trabalho de Goldnadel et al. (2013) foi a de apontar a importância da investigação de uma abordagem pragmática para o fenômeno da dupla negação na região Sul do Brasil, pelo fato de que a variável linguística mais relevante estatisticamente foi a relacionada ao status do discurso. Por outro lado, essa investigação é preliminar e, de acordo com os autores, necessita da inclusão de mais dados e consideração de mais fatores pragmáticos em suas análises futuras.

Seguindo na mesma linha de pesquisa, Lima (2013), também motivada pela hipótese levantada por Schwenter de ativação, dá início à formulação de uma proposta que considera fatores pragmáticos na explicação da motivação para o surgimento de estratégias alternativas de negação no Sul do Brasil. A autora também usa o banco de dados do VARSUL para elaborar sua hipótese, analisando um número restrito de ocorrências de dupla negação.

Os resultados indicaram que grande parte das sentenças com Neg2 analisadas cumprem a função pragmática de sinalizar manutenção tópica. Essa proposta diz que a dupla negação cumpre a função de marcar continuidade tópica (manutenção de tópico). Sendo assim, o fenômeno estaria sujeito a duas restrições:

1. veicular proposições que expressam conteúdo tópico ativo ou acessível;
2. ser seguida por porção de texto que mantém o tópico em curso.

O que o referido trabalho indica é que, além da ativação, o uso de enunciados de dupla negação relaciona-se à topicalidade do conteúdo expresso. Em sua perspectiva, a dupla negação cumpre a função de manutenção tópica, o que remete a uma concepção de acordo com a qual a estrutura inovadora exerce um papel na organização do discurso, sendo um recurso que o falante

dispõe para indicar o tópico desenvolvido. Além disso, a autora afirma que a DN pode cumprir essa função em diferentes posições no turno (início, meio ou final). O exemplo a seguir contém uma dupla negação em meio de turno:

(14) I: Gente ruim não veste ninguém. Que nem eu. Olha, eu nunca briguei com ninguém, nunca. Eu vivo com todo mundo.

F: Não, eu sou assim, sabe? Eu fico brava e já saio na hora. Gostou de mim assim, gostou, não gostou, larga de mão.

I: Não é que ela e briguenta, é que ela é, assim bem-

E: Espontânea.

F: Ai! Coisa de fresco. Isso mesmo. Eu não tenho. Eu entro em qualquer lugar<sup>1</sup>. Se for preciso eu entrar falar com um doutor, eu entro e falo com o doutor. Se for preciso eu entrar numa repartição, sabe? Cada repartição, cada coisa eu sei entrar, eu sei sair, sabe? **Eu não tenho esse negócio de vergonha comigo não<sup>1</sup>.** Se for preciso eu conversar com um mendiguinho, eu converso com aquele mendiguinho do jeito dele, sabe? Converso com ele, me ponho ali no lugar dele, faço tudo do jeitinho que ele gosta, assim de conversar. Se tiver que conversar com uma pessoa mais ou menos, eu converso com aquela pessoa do tipo que aquela pessoa- eu sei que aquela pessoa vai me entender, entendeu? Se for pra mim conversar com aquela gente mais acima um pouquinho do que eu, eu sei entrar e sair direitinho, minha filha, isso eu tenho que ter absoluta certeza, né? Mas a gente tem que ser assim.

I: Tem, tem, (PR CTB 08)

(Retirado de Lima 2013:96)

Nesse exemplo, a falante inicia seu turno dizendo a frase “eu não tenho” que pode ser inferida pelas seguintes sentenças como que ela não tenha vergonha ou pudor, pois diz “Eu entro em qualquer lugar. Se for preciso eu entrar falar com um doutor, eu entro e falo com o doutor”. A partir dessa proposição, a entrevistada elabora as razões de o porquê de ela ser uma pessoa extrovertida. Já no meio de turno há a sentença que contém a dupla negação “Eu não tenho esse negócio de vergonha comigo não” na qual ela retoma o tópico introduzido no início

do turno pela proposição “Eu não tenho”. Logo após a DN, a falante continua comentando o mesmo tópico adicionando mais informações de o porquê de ela ser uma pessoa extrovertida. Sendo assim, Lima (2013) propõe que a função pragmática da dupla negação no contexto em (14) é a de veicular uma proposição que expressa conteúdo ativo ou acessível, que neste caso é de que a falante é uma pessoa extrovertida e, além disso, há uma porção de texto que mantém o tópico em curso.

Em conclusão, a autora contribui para a compreensão do quadro mais geral das funções pragmáticas que pertencem ao campo de estudos da estrutura informacional de enunciados ao propor uma função pragmática que aparece na maioria de seus dados. Entretanto, Lima (2013) ressalta a limitação do número de casos analisados em sua pesquisa e propõe que investigações futuras apliquem sua hipótese de manutenção tópica a uma porção mais representativa de dados.

## **Conclusão**

Neste capítulo foram apresentados diversos trabalhos relevantes para esta pesquisa, porque eles situam o quadro de estudos no qual a presente dissertação se insere. Primeiramente, foram apresentados estudos que se concentram em investigar as estratégias inovadoras de negação em português utilizando dados quantitativos. Eles foram analisados qualitativamente através de duas principais linhas de explicações para a ocorrência dos fenômenos investigados: uma que considera ênfase/reforço como a motivação para o uso de Neg2 e Neg3 (Hagemeyer 2003, Furtado da Cunha 2007) e outra que leva em consideração questões pragmáticas do discurso (Camargos 2001, Schwenter 2005, Sousa 2007, 2015, Cavalcante 2007, Nunes 2014). Essa série de trabalhos é fundamental para situar o leitor no panorama geral de estudos sobre negação em português.

Considerando os referidos trabalhos, ficou claro com a apresentação da tabela 13 que já há usos consideráveis da estratégia de DN nas regiões Nordeste e Sudeste do Brasil. Por outro lado, os autores Goldnadel et. al. (2013) e Lima (2013) concentraram seus estudos em uma região pouco estudada no país sobre esse fenômeno e que apresenta números mais reduzidos de usos, o Sul do Brasil. Combinados, os autores encontraram poucas ocorrências de DN no corpus estudado (VARSUL). Além disso, Lima (2013) reconhece, em seus dados, uma função pragmática relacionada ao status do discurso intitulada manutenção tópica. Se compararmos esses referidos estudos com o realizado por Seixas & Alkmin (2013) sobre o mesmo fenômeno,

na escrita dos séculos XVIII e XIX, podemos concluir que ambos apresentam números baixos de ocorrências de DN. Além disso, Seixas & Alkmin (2013) também reconhecerem uma função pragmática em seus dados relacionada ao status do discurso, chamada denegação.

Em suma, o presente trabalho irá testar as duas últimas hipóteses apresentadas (Lima 2013 Seixas & Alkmin 2013) por considerarem questões pragmáticas e também porque trabalham com corpora que apresentam poucos usos do fenômeno, situação semelhante encontrada no corpus estudado nesta dissertação. O próximo capítulo irá tratar dos métodos, descrição e análise dos dados.



## **3 A DUPLA NEGAÇÃO NO SUL DO BRASIL – ANÁLISE DE DADOS DO VARSUL**

### **Introdução**

Considerando o panorama geral de estudos sobre fenômenos inovadores de negação, esta pesquisa procurou contribuir com uma análise dados de uma região pouco estudada, o Sul do Brasil. Com este fim, foram investigadas um total de 45.144 palavras em um corpus dividido em 3 três cidades do Sul do Brasil. Sendo assim, aqui serão apresentados a descrição, metodologia e o resultado da análise dos dados.

Este capítulo é dividido em 6 seções, na primeira é introduzido o framework relacionado à tópico proposto van Kuppevelt (1995). Na segunda seção serão apresentadas as motivações que levaram à pesquisa do tópico sobre dupla negação e os objetivos principais desta investigação. A terceira seção é dedicada à descrição dos dados utilizados neste trabalho: a caracterização do projeto que compôs as entrevistas sociolinguísticas, a apresentação do perfil dos falantes e do tamanho do corpus analisado. Já a quarta seção descreve a metodologia da análise dos dados, ou seja, quais foram os critérios específicos na classificação de cada função pragmática e tipo de oração das ocorrências de negação encontradas no corpus. Na seção de número 5, há a apresentação dos resultados gerais da análise. E, por fim, a sexta seção se dedica a exposição do desenvolvimento da hipótese central deste trabalho.

### **3.1 Conceito de Tópico: van Kuppevelt (1995)**

Assumimos aqui os conceitos de tópico e comentário propostos por van Kuppevelt (1995). Antes da apresentação desses conceitos é necessário esclarecer as convenções adotadas pelo autor. A letra F (maiúscula) é utilizada para indicar a presença de um *feeder*, responsável por estabelecer um tópico discursivo. A letra Q (maiúscula) é usada para indicar a presença de uma (sub)questão que estabelece um (sub)tópico sentencial. A letra A (maiúscula) é usada para indicar presença de uma resposta uma (sub)questão, que consiste no comentário ao tópico estabelecido anteriormente. Os parênteses angulados (< >) são usados para indicar que uma determinada (sub)questão que estabelece um (sub)tópico não foi realizada explicitamente.

Para van Kuppevelt (1995) o termo tópico estabelece uma relação intrínseca de *aboutness* dos enunciados e seria elaborado por questões. Esse processo de elaboração de questões que compõem o discurso envolve três parâmetros funcionais: *feeder*, questões que constituem o tópico e subquestões que constituem o subtópico. O autor afirma que a construção do tópico é realizada através de questões hierarquicamente organizadas no discurso. Abaixo há um exemplo que ilustra essa definição:

(15) A: Late yesterday evening I got a lot of telephone calls.

Q<sub>1</sub> B: Who call you up?

A<sub>1</sub> A: John, Peter and Harry called me up.<sup>23</sup>

(Retirado de van Kuppevelt 1995:113)

Neste diálogo o tópico é introduzido pela Q1 *Who call you up?* Ou seja, esta questão é induzida contextualmente e é explícita. Outro exemplo de questões que induzem a criação de tópicos pode ser observado abaixo:

(16) F<sub>1</sub> A: Students are no longer allowed to take more than 6 years over their first degree.

Q<sub>1</sub> B: Whose decision has this been?

A<sub>1</sub> A: This has been the decision of the Minister of Education and Science.

Q<sub>2</sub> B: What is the reason for this decision?

A<sub>2</sub> A: It has been decided to cut the education budget drastically.

Q<sub>3</sub> B: When will the measure become operative?

A<sub>3</sub> A: The measure will become operative at the beginning of the new academic year.

Q<sub>4</sub> B: What is expected to be the effect of this measure?

---

<sup>23</sup> A: Ontem à noite eu recebi várias ligações.

Q1 B: Quem te ligou?

A1 A: O John, o Peter e o Harry me ligaram. (Tradução livre)

A<sub>4</sub> A: One expects in the years to come student number will do down substantially.<sup>24</sup>

(Retirado de van Kuppevelt 1995:122)

**Figura 1: Estrutura de Questão-Resposta em van Kuppevelt (1995)**

Question-answer structure:



(Retirado de van Kuppevelt 1995:122)

Como se pode notar no exemplo em (16) as questões explícitas constituem diferentes tópicos sentenciais, que se sucedem como desenvolvimento do tópico discursivo estabelecido pelo *feeder*. Ademais, na Figura 1, podemos observar a estrutura dessas questões no discurso, que é linear e não hierárquica, ou seja, uma questão não está intrinsicamente ligada a outra nesse caso, embora todas constituam, em seu conjunto, um tópico discursivo.

Além de questões explícitas que estabelecem o tópico, van Kuppevelt (1995) identifica a existência de questões implícitas, conceito importante para compreender o modo como avança o discurso. Como foi explicado o tópico é elaborado através de questões, porém essas questões podem ser ou não proferidas no discurso. Uma questão que é implícita é aquela que o falante antecipa que irá surgir na mente do ouvinte na interpretação das sentenças de um discurso. Em outras palavras, o falante entende que o ouvinte necessita de uma resposta de uma questão induzida implicitamente para a compreensão e interpretação satisfatória do discurso proferido. Abaixo há um exemplo, no qual parênteses angulados significam que a questão é implícita:

<sup>24</sup> A: Os alunos não são permitidos a fazer mais do que 6 anos em seu primeiro grau universitário. B: Quem decidiu isso? A: Essa decisão foi feita pelo ministro da educação e ciência. B: Qual foi a razão para essa decisão? A: Isso foi decidido para cortar a verba educacional drasticamente. B: Quando que essa medida vai ser operada? B: A medida será operada no início do novo ano acadêmico. B: Qual é efeito esperado dessa medida? A: É esperado que nos próximos anos o número de estudantes será reduzido drasticamente.

(17) A: Today the workers of the Philips computer division went on strike.

<Q<sub>1</sub>> <Why?>

A<sub>1</sub> They are very worried about the manager's new economy plans.

<Q<sub>2</sub>> <Why?>

A<sub>2</sub> According to these plans, the managers would consider moving the production section abroad.

<Q<sub>3</sub>> <Why are the workers so worried about this?>

A<sub>3</sub> This would imply that 300 of all those employed in this division would be dismissed.

<Q<sub>4</sub>> <Why are the workers so worried about this?>

A<sub>4</sub> The imminent dismissal would concern the lowest-paid.<sup>25</sup>

(Retirado de van Kuppevelt 1995:116)

No trecho acima, retirado pelo autor de uma notícia de jornal, nenhuma das perguntas entre parênteses foi realmente realizada. São perguntas virtuais, que parecem estar norteando as escolhas textuais efetivamente realizadas. Sendo assim, as questões supostas parecem estar contribuindo para a construção do texto. Essas questões poderiam ter sido feitas explicitamente, não acarretando mudança em sua compreensão lógica. Então, fica aparente a importância do conceito de tópico que é estruturado através de questões implícitas ou explícitas.

Além do conceito de questão, outra concepção definida por van Kuppevelt (1995) que nos interessa neste trabalho é a de *feeder*. Essa noção vem do fato de que as questões explícitas e implícitas que constituem o tópico sentencial não surgem do nada, elas são contextualmente induzidas por eventos que podem ou não ser linguísticos. Esses eventos são denominados *feeders*, sendo unidades sem um tópico intrínseco. Em outras palavras, são porções de discurso ou eventos não linguísticos responsáveis pelo estabelecimento de temas sobre os quais o discurso pode desenvolver-se. Um exemplo de *feeder* linguístico pode ser observado abaixo:

---

<sup>25</sup> A: Hoje os trabalhadores da divisão de computadores da Philips entraram em greve. Eles estão muito preocupados sobre os planos de nova economia dos diretores. De acordo com esses planos, os diretores considerariam mudar a seção de produção para fora do país. Isto implicaria que 300 de todos os empregados desta divisão ficaria desempregados. E a demissão iminente preocuparia os que recebem baixos salários. (Tradução livre)

(18) (a) F<sub>1</sub> John is ill.

(b) + Q<sub>1</sub><sup>a</sup> What does he suffer from?

+ Q<sub>1</sub><sup>b</sup> For how long already?

+ Q<sub>1</sub><sup>c</sup> What is the reason?

+ Q<sub>1</sub><sup>d</sup> When do you expect him to recover?<sup>26</sup>

(Retirado de van Kuppevelt 1995:121)

De acordo com o autor, a noção de *feeder* é essencialmente funcional porque ele funciona como um “gatilho” para o início da conversação, ou seja, é como se o contexto estivesse esvaziado e o *feeder* servisse para preenchê-lo. Além disso, qualquer parte do discurso pode servir como *feeder*. Sendo assim, no exemplo (18) a frase “*John is ill*” funciona como *feeder*, pois ela proporciona um grupo de indeterminações, representadas por + Q<sub>1</sub><sup>a</sup> - + Q<sub>1</sub><sup>d</sup>. Portanto, essas indeterminações podem dar origem a questões formadoras de tópico sentencial.

Eventualmente, uma resposta a uma questão que estabelece um tópico sentencial não é satisfatoriamente respondida. São casos em que ainda resta uma subquestão a ser respondida a fim de que se possa considerar que tenha sido dada uma resposta completa ao tópico introduzido. A diferença entre questão e subquestão é que as subquestões não são autônomas no discurso, sendo sempre dependentes de uma questão superordenada que constituiu o (sub)tópico sentencial. A seguir há uma ilustração desse conceito:

(19) F<sub>1</sub> A: Marry is worried.

Q<sub>1</sub> B: Why?

A<sub>1</sub> A: John, her husband, wants to buy a DAT-recorder.

Q<sub>2</sub> B: Why is she worried about that?

A<sub>2</sub>: A: She is worried about that because he doesn't have enough money, so he has to borrow it.

<sup>26</sup> F: John está doente. Q1a: O que ele tem? Q1b: Por quanto tempo já? Q1c: Qual é a razão? Q1d: Quando você espera que ele se recupere?

Q<sub>3</sub> B: Why is that a problem?

A<sub>3</sub> A: He already has a lot of debts.

(Retirado de van Kuppevelt 1995:124)

O exemplo acima mostra como as afirmações de A não foram suficientes para a compreensão total da situação sobre o porquê da preocupação de Mary, e, assim, diversas subquestões foram introduzidas a fim de solucionar essa incompreensão. É nesse sentido que as subquestões servem como um apoio a algo que não foi totalmente compreendido anteriormente.

Outro conceito essencial estabelecido por van Kuppevelt (1995) é o de comentário. O comentário consiste em uma resposta dada a uma (sub)questão. Abaixo há o seguinte exemplo:

(20) F A: This weekend Jim sold his old car.

Q<sub>1</sub> B: To whom?

A<sub>1</sub> A: He sold it to someone living in his own apartment building.

Q<sub>2</sub> B: Who was it?

A<sub>2</sub> A: The new tenant from Holland.

(Retirado de van Kuppevelt 1995:114)

O contexto acima demonstra que os comentários A<sub>1</sub> e A<sub>2</sub> são respostas às questões que constituem os tópicos. Logo, o discurso, de uma forma geral, seria derivado de uma estrutura hierarquizada de tópico-comentário que é induzida contextualmente, como foi demonstrado nos exemplos apresentados.

Tomando em conta a definição dos conceitos acima propostos por Kuppevelt, nas próximas seções será apresentada uma análise de dados que considera o framework desse autor.

### 3.2 Motivação e Objetivos

Como já constatado em estudos prévios (Goldnadel et al. 2013 e Lima 2013), o Sul do país apresenta limitados usos da estrutura negativa dupla (entre 0,6% e 4,4%). Em virtude disso, pode-se considerar que, na região Sul, a negação simples, na década de 90, ainda consistia na estrutura predominante. Trata-se, portanto, de uma região propícia à investigação sobre as motivações para o surgimento de Neg2, a forma incipiente e inovadora.

Como referido por Goldnadel et al. (2013), devemos considerar que o Brasil apresenta uma extensão territorial imensa, o que leva ao fato de que diferentes estágios de mudança linguística possam ocorrer paralelamente no país. Em relação ao fenômeno da dupla negação, esse argumento se torna plausível se observarmos a variação percentual de usos dessa estrutura. Na seguinte tabela, já apresentada no capítulo 2, há a introdução dos dados recolhidos por Goldnadel et al. (2013) para fins de comparação:

**Tabela 16: Estudos sobre DN em PB: Comparação com os Dados do Sul**

<b>Região do Brasil</b>	<b>Localização Geográfica/Estudo</b>	<b>Porcentagem/ Nº de Neg1</b>	<b>Porcentagem/ Nº de Neg2</b>
Nordeste	Cinzeno, Rio de Contas e Sapé, BA/Cavalcante (2007)	66% (n = 1343)	28% (n = 568)
	Natal, RN/Furtado da Cunha (2007)	88% (n = 1298)	10% (n = 158)
Sudeste	Belo Horizonte, MG/Camargos (2001)	70% (n = 687)	27% (n = 265)
	Mariana, MG/Sousa (2007)	85% (n = 785)	15% (n = 133)
Sul	Florianópolis, SC/Goldnadel et al. (2013)	95,6% (n = 1018)	4,4% (n = 47)
	Curitiba, PR/ Goldnadel et al. (2013)	97,4% (n = 1371)	2,6% (n = 37)
	Porto Alegre, RS/ Goldnadel et al. (2013)	99,4% (n = 1402)	0,6% (n = 8)

Como já foi referido, podemos notar na tabela acima que a região Sul apresenta números inferiores de usos de DN em relação às outras regiões do Brasil. Esses dados fazem supor que o Sul, por ser uma região geográfica na qual o fenômeno se encontra em usos iniciais de Neg2.

Em relação às funções pragmáticas que estariam atuantes nessa região, iremos considerar as hipóteses pragmáticas relacionadas aos conceitos de denegação e manutenção de tópico. A função de denegação foi identificada no trabalho de Seixas & Alkmin (2013), em estágios iniciais de uso da dupla negação, em textos escritos dos séculos XVIII e XIX, sendo essa também uma função encontrada nos dados que serão aqui analisados. Além dessa, a manutenção de tópico também será uma função investigada nos dados, por ter se mostrado relevante em uma pesquisa que utilizou dados provenientes da mesma região aqui estudada



(Lima, 2013). Sendo assim, as referidas considerações foram as motivadoras para a elaboração das seguintes perguntas de pesquisa:

- (1) Quais são as porcentagens de uso das estruturas negativas no corpus estudado?**
- (2) Quais são os tipos de oração que favorecem o uso da dupla negação na variedade falada no Sul do Brasil?**
- (3) Quais são as restrições pragmáticas que regem o uso da dupla negação?**
- (4) Quais são as diferenças de contexto pragmático e tipo de oração entre a negação canônica e a dupla?**

### **3.3 Descrição dos Dados da Pesquisa**

O corpus utilizado nesta pesquisa foi recolhido do banco de dados do projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), que contém dados linguísticos e socioculturais para estudos de fonologia, morfologia, sintaxe, léxico e discurso. Este projeto tem por objetivo geral a descrição do português falado de áreas socioculturalmente representativas do Sul do Brasil. As seguintes universidades formam uma parceira na manutenção do projeto: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Paraná. A coleta de dados iniciou-se no Rio Grande do Sul em 1988, e nos demais estados em 1990.

Além disso, o projeto é constituído do Banco de Dados VARSUL e Amostra Digital VARSUL. O Banco de Dados é formado por 288 entrevistas transcritas (cada uma tem uma duração média de 60 minutos) de zonas urbanas que foram realizadas em quatro cidades de cada um dos três estados da região Sul do Brasil: Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja), Santa Catarina (Florianópolis, Blumenau, Lages e Chapecó) e Paraná (Curitiba, Pato Branco, Londrina e Irati).

Os participantes foram classificados, primeiramente, de acordo com a escolaridade, que foi controlada por três graus de instrução, primário, ginásio e 2º grau. Entretanto, essa classificação foi substituída, nos dias atuais, pela classificação por anos de estudo (divisão em

até quatro, oito ou onze anos de instrução)<sup>27</sup>. A idade dos participantes foi dividida em duas faixas etárias: de 25 a 50 anos de idade e de 51 anos de idade em diante. Além dessas classificações os falantes também foram divididos de acordo com os sexos, feminino e masculino.

As cidades selecionadas para a pesquisa realizada nesta dissertação foram as três capitais dos estados que compõem o Sul do Brasil: Curitiba (Paraná), Florianópolis (Santa Catarina) e Porto Alegre (Rio Grande do Sul). Isso se deu pelo fato de estas cidades serem grandes centros urbanos que são representativos dos três estados estudados. Sendo assim, somando as três capitais, foi escolhido um total de 36 entrevistas (12 de cada estado) para a análise que será apresentada.

As entrevistas foram selecionadas usando o seguinte critério: procurou-se combinar os três fatores sociais em que os informantes foram classificados para que tivéssemos uma boa representação de falantes em nossa análise. Ou seja, selecionamos 6 mulheres e 6 homens, divididos nas duas faixas etárias (3 homens e 3 mulheres com idades entre 25 e 51 anos e 3 homens e 3 mulheres com mais de 51 anos). Em relação ao grau de instrução, foram selecionadas 4 pessoas em cada categoria de graus de instrução (quatro, oito ou onze anos de escolaridade).

Apesar de considerarmos os referidos fatores sociais na seleção das entrevistas, uma importante ressalva acerca deste estudo deve ser feita: este estudo não se ocupa em considerar fatores sociais na interferência do uso de dupla negação. Isso se dá porque o foco deste trabalho é compreender quais são funções pragmáticas que a estrutura da dupla negação exerce no discurso. Todavia, reconhecemos que fatores sociais devem exercer algum tipo de influência no uso da dupla negação, porém eles não são considerados nesta investigação. Outro fator importante a ser mencionado é que não será feita uma análise estatística dos dados, mas sim um levantamento da porcentagem de usos. Por fim, apresentamos o número total de palavras presente em cada cidade estudada:

---

<sup>27</sup> Essas informações foram retiradas do site do VARSUL (<http://www.varsul.org.br/>).

Tabela 17: Número Total de Palavras no Corpus

Cidade	Curitiba/PR	Florianópolis/SC	Porto Alegre/RS	TOTAL
Número de Palavras	17.636	14.076	13.432	45.144

### 3.4 Metodologia

Com o propósito de responder às perguntas de pesquisa relacionadas à porcentagem de usos das estruturas negativas, suas restrições pragmáticas e o tipo de oração no qual acontecem, foi realizada uma coleta de dados no corpus do VARSUL. Primeiramente, foram levantadas todas as ocorrências de dupla negação presentes nas entrevistas escolhidas do corpus. Neste trabalho, consideramos que a negação é do tipo Neg2 quando há a presença no mesmo item negativo (não) em posições pré e pós-verbais, como pode ser observado no exemplo abaixo retirado dos nossos dados:

(21) E: A senhora consegue identificar da onde que a pessoa é, pelo jeito que ela fala?

F: Olha, se aparece nordestino, **não é difícil não**.

E: Aí dá pra ver.<sup>28</sup>

[POA 02, L1162]

Todos os casos com dupla negação encontrados nos dados das três cidades foram analisados e classificados. Já em um segundo momento, fizemos uma coleta parcial das ocorrências da negação canônica, na qual há um item negativo (não) em posição pré-verbal, ilustrado abaixo:

(22) E: Porque votou no Brizola?

F: É, eu acho ele um bom candidato, depois no segundo turno eu votei pro Lula.

<sup>28</sup> A letra F representa a palavra “falante”, a letra E “entrevistador” e a letra I a palavra “interventor”.

Mas é como eu te disse, **eu não tenho partido**, eu vou mais pela pessoa, né?

[POA 09, L682]

Como já mencionado, o levantamento dos casos com Neg1 foi parcial, elaborado da seguinte maneira: levando em consideração que cada entrevista apresenta uma média de 1200 linhas, a busca por negações canônicas iniciava-se pela linha 600. A partir daí, coletava-se 1 em cada 10 ocorrências de Neg1 (a décima de cada grupo, até chegar a 6 ocorrências). O total recolhido foi de 72 negações simples em cada cidade, somando um conjunto 216 Neg1 analisadas em todo o corpus.

O critério de seleção acima foi realizado com o objetivo de recolher um número possível de ser analisado de Neg1, considerando a limitação de tempo e extensão deste trabalho, e também para que as ocorrências fossem selecionadas da forma mais aleatória possível. Ademais, decidimos iniciar a busca a partir da linha 600 de cada entrevista, porque a partir desse momento os falantes já estariam menos atentos à fala e o curso dos temas discutidos estaria mais natural.

Assim sendo, a principal razão pela qual escolhemos analisar as ocorrências de Neg1 no corpus é a de que nos propusemos a entender quais são as funções pragmáticas exercidas pela negação canônica, e também em que tipo de oração ela aparece, para que pudessemos estabelecer uma comparação realista com as características da dupla negação nessa região. Além do mais, é importante compreender se as restrições pragmáticas e oracionais, atuantes nos contextos em que ocorrem a Neg2, ainda estão ativas nos contextos com Neg1. Em suma, na tabela abaixo encontram-se o número total de ocorrências de Neg1 e Neg2 recolhidas no corpus:

**Tabela 18: Número Total de Negações no Corpus**

<b>Cidade</b>	<b>Ocorrências de Neg1</b>	<b>Ocorrências de Neg2<sup>29</sup></b>	<b>Total de Negações</b>
Curitiba	2.419 (72 foram analisadas)	50	2.469
Florianópolis	2.392 (72 foram analisadas)	50	2.442
Porto Alegre	2.178 (72 foram analisadas)	27	2.205

Não apenas a recolha de dados foi efetuada, como também a classificação das 216 ocorrências de Neg1 e 127 de Neg2 de acordo com as funções pragmáticas exercidas pelas negativas e os tipos de oração em que se encontravam. Em relação às questões pragmáticas, as seguintes funções foram consideradas na análise:

- a) Manutenção de Tópico;
- b) Denegação;
- c) Satisfação Imediata ao Tópico Quantitativo;
- d) Satisfação Imediata ao Tópico Qualitativo.

As funções a) e b) foram baseadas, como já mencionado, nos trabalhos de Lima (2013) e Seixas & Alkmin (2013). Já as funções c) e d) seguem a classificação de tópico quantitativo e qualitativo proposto por van Kuppevelt (1995). De acordo com o autor, a satisfação ao tópico quantitativo se dá quando os falantes fornecem uma informação que responde às incertezas de seus interlocutores. Ou seja, há uma adição de um dado novo ao contexto.

Por outro lado, a satisfação ao tópico qualitativo ocorre com a introdução de conteúdo que não contribui para a satisfação direta das demandas de informação geralmente feitas pelo interlocutor. Sendo assim, essa satisfação ao tópico qualitativo tem como propósito dar algum

<sup>29</sup> Todas ocorrências de Neg2 foram analisadas.

suporte às ideias do falante, não adicionando conteúdo novo ao discurso. Por fim, a introdução das funções c) e d) foram, principalmente, importantes na classificação das ocorrências de Neg1, considerando que elas são as mais comuns no corpus. Para fins ilustrativos, nos seguintes trechos apresentamos exemplos de cada função considerada na análise dos dados:

(23) **a) Manutenção de Tópico**

E: E o problema da violência urbana aqui no Cristal? Assalto, essas coisas.

F: Olha, está difícil, né? Está difícil<sup>1</sup>. Tem gente que aí que não bota mais o nariz na rua de noite, né?

E: É perigoso?

F: Escureceu, fica em casa porque é, está muito violento, sabe? Inclusive a gente ouve falar, de vez em quando assalto aqui, assalto ali, morte pra cá e pra lá, eu que tudo que é canto tem, né? E aqui no Cristal, **não está fácil não**<sup>1</sup>. Eu acho que é pouco policiamento, às vezes, tem guardas aqui na frente da nossa casa, que passam, principalmente no período escolar, mas é assim: eles têm um horário determinado e quando chega na hora que a gente precisa mesmo duma pessoa na rua fazendo um policiamento, não tem mais porque foram recolhidos.

[POA 02, L286]

O exemplo acima foi classificado como manutenção tópica pelo fato de que a dupla negação em “Não está fácil não” retoma o tópico introduzido anteriormente pelo falante por “Está difícil”. Sendo assim, essa proposição com DN organiza o discurso e mantém o tópico sendo discutido, depois de o falante adicionar as justificativas de o porquê da situação de violência do bairro estar difícil. O próximo exemplo contém uma Neg2 com função de denegar uma informação ativa no discurso:

(24) **b) Denegação**

F: ...porque essa construção começou, iniciou agora mês passado. Quem entra lá no fundo da igreja já vê que já não dá mais para entrar, já não dá mais pra estacionar carros, né? Porque já estão fazendo aquelas escavações, que tem que fazer com

estacas, que o terreno ali não é muito firme, e já tem uma quantidade de material, brita, e ferro, e caixas para encher de cimento já, pra andamento da construção. E a gente vai indo, vai acreditando, é, vai caminhando em cima da água, é como eu te digo, vai caminhando em cima da água e vai indo. Não dá pra olhar pras condições, sabe? Se a gente começar a olhar, começar a dúvidas, é capaz de afundar, **não afunda não**, porque Jesus não vai deixar.

[POA 02, L976]

Neste exemplo, o falante denega a proposição “é capaz de afundar”, ou seja, ele introduz a ideia de que a igreja possa afundar pelas justificativas apresentadas anteriormente, entretanto, ele não quer que o seu interlocutor pense isso e, assim, denega essa proposição utilizando a dupla negação em “não afunda não”. A seguir exemplificamos casos de satisfação de tópico qualitativo e quantitativo:

(25) **c) Satisfação Imediata ao Tópico Quantitativo**

E: Tu disseste que já trabalhaste de garçom também.

F: É, **não foi propriamente de garçom**, é que eu trabalhei. Vamos dizer assim, eu era um faz tudo na Cristóvão Colombo, defronte a Brahma, não sei se você conhece.

[POA 03, L607]

(26) **d) Satisfação Imediata ao Tópico Qualitativo**

(falando sobre a possibilidade do falante ser ator)

E: É, porque jeito o senhor tinha, né? Vê que guardou o papel dos outros!

F: Ah hã

E: Podia ser um grande ator!

F: É, eu fui convidado muito. Aí depois eu me arrependi **porque não continuei**, né? Porque ele achava que eu tinha muita calma, que eu era assim-

E: Ainda está em tempo!

[FLOR 05, L626]

Como van Kuppevelt (1995) argumenta, a diferença entre a satisfação imediata ao tópico quantitativo e qualitativo é a de que a primeira oferece uma resposta ao interlocutor e adiciona uma informação nova ao discurso como em “não foi propriamente de garçom”. Por outro lado, a satisfação imediata ao tópico qualitativo em (26) não acrescenta exatamente uma nova informação, mas oferece algum suporte às ideias do falante com a frase “porque não continuei”. Nela não há a satisfação imediata a uma questão introduzida pelo interlocutor, sendo que ele já sabe que o falante não se tornou ator: portanto, a negação simples nesse contexto somente adiciona um comentário a um tópico qualitativo. É importante salientar que além das quatro funções pragmáticas demonstradas acima, encontramos alguns casos que foram classificados como “indefinidos” pelo fato de eles não se encaixarem em nenhuma de nossas análises.

Além de compreender quais são as principais funções pragmáticas exercidas pela negação em nosso corpus, também temos o objetivo de identificar em quais tipos de oração a dupla negação geralmente ocorre. Sousa (2015) concluiu através de seus dados que a Neg2 aparece em orações relativas, condicionais e de complemento.

Já Cavalcante (2007), ao analisar estruturalmente as ocorrências das três estratégias de negação, reportou que a Neg1 ocorre majoritariamente (73% dos casos) em contextos de não-resposta, enquanto que a Neg2 se distribui em contextos de pergunta e resposta a uma *yes/no question* (40% e 47% respectivamente).

Por fim, baseadas em uma análise diacrônica, Seixas & Alkmin (2013) reportaram uma mudança da estrutura da Neg2, na qual os dois itens negativos apareciam mais distantes um do outro e em orações mais complexas nos textos do século XVIII, enquanto que, no século XIX, a dupla negação ocorre em contextos mais simples e com os itens negativos mais aproximados um do outro. Levando em consideração os referidos estudos, consideramos a seguinte lista de tipos de orações (com exemplos do corpus) em nossa análise de dados:



Tabela 19: Tipos de Oração Pesquisados no Corpus

Tipo de Oração	Exemplos
<b>Absoluta</b>	<p>F: Nós moramos aqui no Estreito. Eu morei aqui há vinte e cinco anos. Com vinte e cinco anos eu me casei, aí tive que morar depois em Barreiros.</p> <p>E: Tua esposa te obrigou?</p> <p>F: Não, <b>não me obrigou não</b>. Fui por livre e espontânea vontade.</p> <p>[FLOR 10, L10]</p>
<b>Principal</b>	<p>E: Tu disseste que já trabalhaste de garçom também.</p> <p>F: É, <b>não foi propriamente de garçom</b>, é que eu trabalhei. Vamos dizer assim, eu era um faz tudo na Cristóvão Colombo, defronte a Brahma, não sei se você conhece.</p> <p>[FLOR 03, L607]</p>
<b>Coordenada</b>	<p>É a orientação que eles davam normalmente, né? Sair dali, <b>não tomar banho de sol</b>, ter uma proteção, coisas desse nível, né?</p> <p>[FLOR 03, L633]</p>
<b>Subordinada</b>	<p>Então o doutor mandou que ele fizesse regime, comesse bastante verdura, salada. Então leva salada. Eu já preparo a salada naquele potezinho de vianda, quer dizer que preparo a salada lá ele tempera porque a alface que ele gosta, e tomate né? Então eu já boto ali picadinho, ele só tempera quando vai. E bastante verdura dentro que ele vela, quer dizer, ele leva comida que <b>não precisa nem esquentar</b>, porque já está quente.</p> <p>[FLOR 05, L610]</p>

### 3.5 Resultados

Nesta seção serão apresentados os resultados gerais das recolha e análise dos dados do banco do VARSUL. Abaixo há os resultados percentuais de negação simples e dupla no corpus:

**Tabela 20: Resultados das Ocorrências de Neg1 e Neg2 no Corpus**

<b>Neg1</b>	<b>Neg2</b>	<b>Nº Total de Negações</b>
98%	2%	100%
(n = 6.989)	(n = 127)	(n = 7.116)

**Tabela 21: Resultados das Ocorrências de Neg1 e Neg2 nas 3 Cidades**

<b>Cidade</b>	<b>Neg1</b>	<b>Neg2</b>	<b>Nº Total de Negações</b>
<b>Florianópolis, SC</b>	98% (n = 2.419)	2% (n = 50)	100% (n = 2.469)
<b>Curitiba, PR</b>	98% (n = 2.392)	2% (n = 50)	100% (n = 2.442)
<b>Porto Alegre, RS</b>	99% (n = 2.178)	1% (n = 27)	100% (n = 2.205)

Como podemos evidenciar, é claro o fato de que a porcentagem de dupla negações na região Sul do Brasil apresentava números bem reduzidos (entre 1% e 2%) de usos entre o final dos anos 80 e início dos 90. Além disso, a cidade de Porto Alegre parece ser a mais conservadora das três, por ser a que menos tem usos de negação dupla no corpus (apenas 1% de ocorrências).

Dessa maneira, esses fatos nos remetem às perguntas 2 e 3 de pesquisa que indagam quais seriam, então, as funções pragmáticas exercidas por essa estrutura, que pode se dizer inovadora, na região no Sul do Brasil. Com o intuito de responder a essas questões, foram linguisticamente analisadas um total 343 ocorrências de negação em nosso corpus (n = 127 de Neg2 e n = 216 de Neg1) distribuídas entre as três cidades pesquisadas, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba. A seguir, apresentamos os resultados gerais para cada cidade em relação às funções pragmáticas e estruturas oracionais da Neg2.

**Tabela 22: Distribuição da Função Pragmática da Neg2:****Curitiba/PR**

<b>Neg2</b>	
<b>Função Pragmática</b>	<b>Porcentagem/n</b>
Manutenção de Tópico	38% (n = 19)
Denegação	50% (n = 25)
Satisfação Imediata ao Tópico Quantitativo	12% (n = 6)
TOTAL Neg2: 100% / (n = 50)	

**Tabela 23: Distribuição do Tipo de Oração da Neg2:****Curitiba/PR**

<b>Neg2</b>	
<b>Tipo de Oração</b>	<b>Porcentagem/n</b>
Absoluta	74% (n = 37)
Principal	6% (n = 3)
Coordenada	14% (n = 7)
Subordinada	6% (n = 3)
TOTAL Neg2: 100% / (n = 50)	

**Tabela 24: Distribuição da Função Pragmática da Neg2:****Florianópolis/SC**

<b>Neg2</b>	
<b>Função Pragmática</b>	<b>Porcentagem/n</b>
Manutenção de Tópico	28% (n = 14)
Denegação	54% (n = 27)
Satisfação Imediata ao Tópico Quantitativo	18% (n = 9)
TOTAL Neg2: 100% / (n = 50)	

**Tabela 25: Distribuição do Tipo de Oração da Neg2:****Florianópolis/SC**

<b>Neg2</b>	
<b>Tipo de Oração</b>	<b>Porcentagem/n</b>
Absoluta	68% (n = 34)
Principal	12% (n = 6)
Coordenada	10% (n = 5)
Subordinada	10% (n = 5)
TOTAL Neg2: 100% / (n = 50)	

**Tabela 26: Distribuição da Função Pragmática da Neg2:****Porto Alegre/RS**

<b>Neg2</b>	
<b>Função Pragmática</b>	<b>Porcentagem/n</b>
Manutenção de Tópico	70% (n = 19)
Denegação	22% (n = 6)
Satisfação Imediata ao Tópico Quantitativo	7% (n = 2)
TOTAL Neg2: 100% / (n = 27)	

**Tabela 27: Distribuição do Tipo de Oração da Neg2:****Porto Alegre/RS**

<b>Neg2</b>	
<b>Tipo de Oração</b>	<b>Porcentagem/n</b>
Absoluta	48% (n = 13)
Principal	18% (n = 5)
Coordenada	26% (n = 7)
Subordinada	7% (n = 2)
TOTAL Neg2: 100% / (n = 27)	

Ao observarmos os dados apresentados nas tabelas acima, podemos estabelecer algumas diferenças significativas entre as três capitais investigadas. A primeira é em relação às funções pragmáticas exercidas pela dupla negação. Aparentemente, as três cidades não são homogêneas em relação a esse dado: a DN em Porto Alegre cumpre, majoritariamente, a função de manutenção de tópico com 70% casos; enquanto que a denegação foi a função mais encontrada com DN nas cidades de Curitiba e Florianópolis (50% e 52% dos casos).

Tal fato pode ser indicador de que essas duas cidades, que também apresentam um maior número de uso em relação a Porto Alegre, já estejam estendendo as funções pragmáticas da dupla negação, sendo que elas estão mais distribuídas. Outro fato interessante apontado por esses dados é que, nas cidades de Curitiba e Florianópolis, a dupla negação não está restrita somente às funções de manutenção e denegação: 10% (Curitiba) e 18% (Florianópolis) dos casos de DN são de satisfação imediata ao tópico, função mais comum, geralmente cumprida pela Neg1.

Passando à observação dos dados classificados em relação ao tipo de oração, podemos notar que a dupla negação acontece nas três capitais, usualmente, nas seguintes estruturas:

oração absoluta, principal e coordenada (97% somadas em Curitiba, 90% em Florianópolis e 93% em Porto Alegre). Sendo assim, neste quesito, as capitais não se comportam de forma muito distinta. Ademais, este resultado é esperado, (como comprovado por outros estudos: Cavalcante, 2007; Seixas & Alkmin, 2013 e Sousa, 2015) considerando o fato de que a DN é uma estrutura inovadora nestes locais e não seria esperado que ela aparecesse em construções mais complexas. Agora vamos partir para os resultados das análises da Neg1 nas três cidades:

**Tabela 28: Distribuição da Função Pragmática da Neg1:**

**Curitiba/PR**

Neg1	
<b>Função Pragmática</b>	<b>Porcentagem/n</b>
Manutenção de Tópico	7% (n = 5)
Denegação	29% (n = 21)
Satisfação Imediata ao Tópico Quantitativo	19% (n = 14)
Satisfação ao Tópico Qualitativo	43% (n = 31)
Indefinida	1% (n = 1)
TOTAL Neg1: 100% / (n = 72)	

**Tabela 29: Distribuição do Tipo de Oração da Neg1: Curitiba/PR**

Neg1	
<b>Tipo de Oração</b>	<b>Porcentagem/n</b>
Absoluta	61% (n = 44)
Principal	10% (n = 7)
Coordenada	15% (n = 11)
Subordinada	14% (n = 10)
TOTAL Neg1: 100% / (n = 72)	

**Tabela 30: Distribuição da Função Pragmática da Neg1:****Florianópolis/SC**

Neg1	
<b>Função Pragmática</b>	<b>Porcentagem/n</b>
Manutenção de Tópico	1% (n = 1)
Denegação	14% (n = 10)
Satisfação Imediata ao Tópico Quantitativo	14% (n = 10)
Satisfação ao Tópico Qualitativo	71% (n = 51)
TOTAL Neg1: 100% / (n = 72)	



**Tabela 31: Distribuição do Tipo de Oração da Neg1: Florianópolis/SC**

Neg1	
<b>Tipo de Oração</b>	<b>Quantidade/Porcentagem</b>
Absoluta	33% (n = 24)
Principal	33% (n = 23)
Coordenada	22% (n = 16)
Subordinada	12% (n = 9)
TOTAL Neg1: 100% / (n = 72)	

**Tabela 32: Distribuição da Função Pragmática da Neg1: Porto Alegre/RS**

Neg1	
<b>Função Pragmática</b>	<b>Quantidade/Porcentagem</b>
Manutenção de Tópico	1% (n = 1)
Denegação	10% (n = 7)
Satisfação Imediata ao Tópico Quantitativo	30% (n = 22)
Satisfação ao Tópico Qualitativo	54% (n = 39)
Indefinida	4% (n = 3)
TOTAL Neg1: 100% / (n = 72)	

**Tabela 33: Distribuição do Tipo de Oração da Neg1:****Porto Alegre/RS**

Neg1	
Tipo de Oração	Quantidade/Porcentagem
Absoluta	53% (n = 38)
Principal	21% (n = 15)
Coordenada	17% (n = 12)
Subordinada	10% (n = 7)
TOTAL Neg1: 100% / (n = 72)	

De acordo com os resultados apresentados nas tabelas acima, a função pragmática menos exercida pela negação simples é a de manutenção tópica. Esse dado é predominante nas três cidades analisadas com 7% (Curitiba), 1% (Florianópolis) e 1% (Porto Alegre) de usos. Da mesma maneira, a denegação não é uma função abundante com usos de Neg1, apresentando menos de 29% de usos nas três cidades. Por outro lado, a Neg1 aparece, predominantemente, em contextos pragmáticos de satisfação a tópicos quantitativos e qualitativos (com uma preferência a tópicos qualitativos: 43%, 51% e 74% dos usos). Tal constatação revela uma importante questão sobre o fenômeno aqui pesquisado: a dupla negação está cumprindo funções pragmáticas especializadas (manutenção tópica e denegação), as quais a negação simples possivelmente não mais desempenhe.

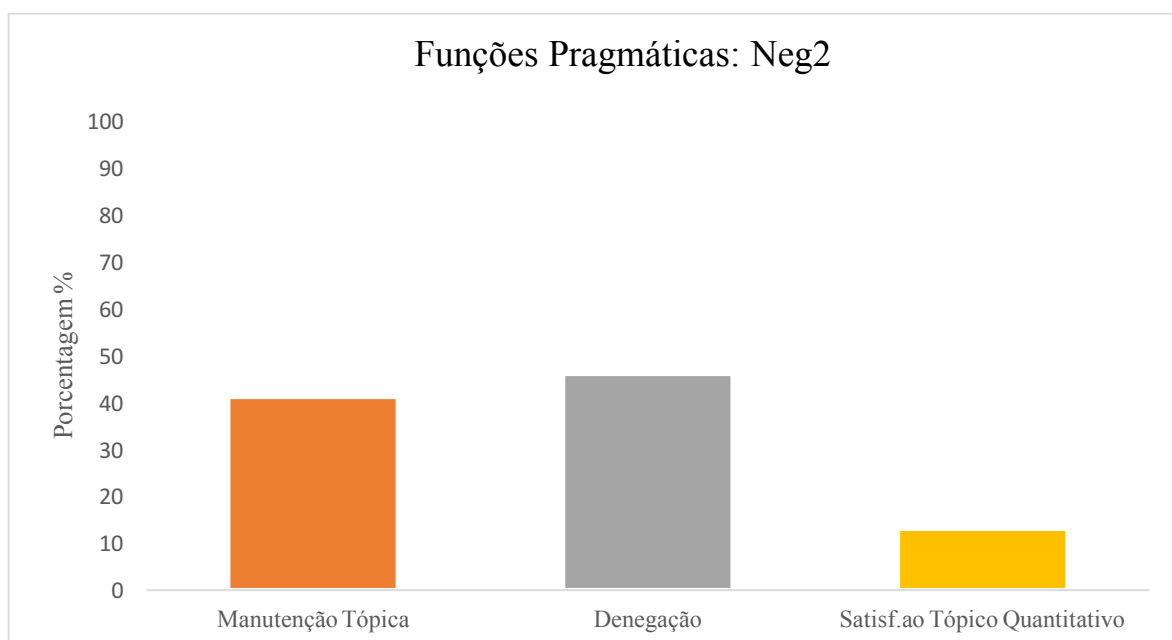
Em relação ao tipo de oração, em Porto Alegre e Curitiba a Neg1 aparece em maiores números com orações principais e absolutas. Já em Florianópolis, a negação simples se manifesta em tipos oracionais mais distribuídos. Entretanto, apesar da Neg1 estar menos distribuída em diferentes tipos oracionais em Porto Alegre e Curitiba, podemos constatar que

ela não é restrita aos dois tipos mais comuns, porque ter aparecido em números médios (sempre mais em mais de 10% dos usos) nos outros dois contextos (oração coordenada e subordinada).

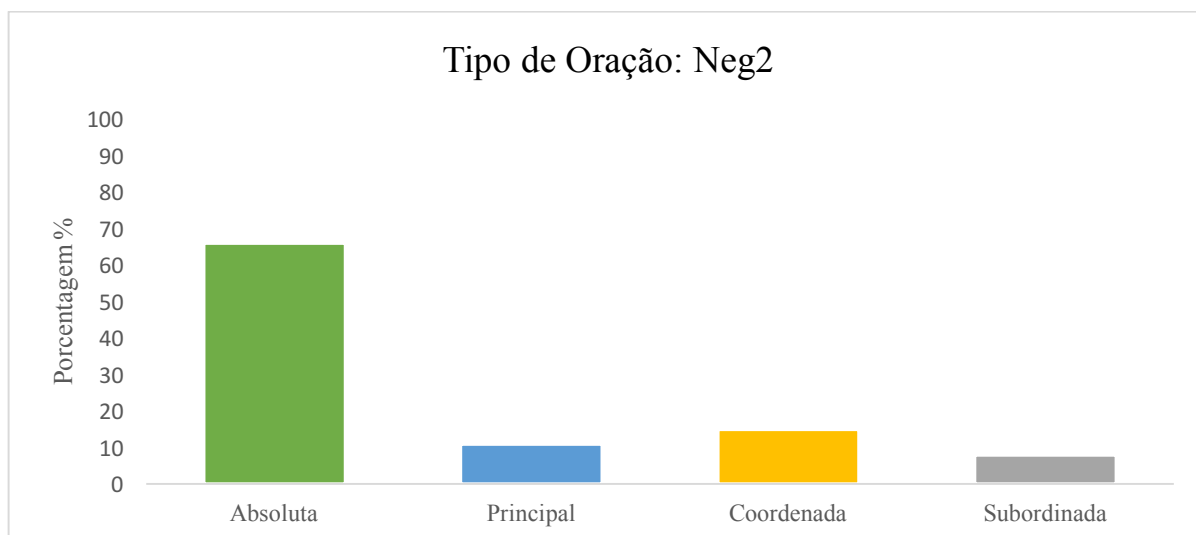
Em conclusão, os resultados gerais mostraram que havia um uso reduzido (menos de 2%) de dupla negação na região Sul do Brasil entre os anos 80 e 90, indicando que nesse período esse fenômeno ainda se encontrava em seus períodos iniciais de uso. Além disso, a DN parece exigir restrições pragmáticas para a sua ocorrência, sendo que as funções pragmáticas de manutenção de tópico e denegação foram as mais encontradas nos dados com dupla negação nas três cidades em geral.

Especificamente sobre essas funções, Porto Alegre, além de ser a capital com o menor número de usos de DN, mostrou uma preferência de usos da dupla negação em contextos de manutenção tópica, enquanto que Curitiba e Florianópolis, preferencialmente, utilizam a DN em contextos de denegação. Ademais, foi identificado que os tipos oracionais em que a Neg2 mais aparece são os de oração principal e absoluta nas três cidades. Por fim, quando a Neg2 é comparada com a negação simples podemos concluir que a segunda, em poucos casos, aparece com as funções pragmáticas de manutenção tópica e denegação, fato que sugere que essas funções são mais atuantes para o uso de DN. Abaixo há dois gráficos com a porcentagem dos dados combinadas das cidades pesquisadas em relação às funções pragmáticas e tipos de oração:

**Gráfico 1: Funções Pragmáticas da Dupla Negação na Região Sul do Brasil**



**Gráfico 2: Tipos de Oração da Dupla Negação na Região Sul do Brasil**



### 3.5.1 Análise Pragmática

Após a exposição dos dados percentuais da negação e das tabelas com os resultados gerais da análise linguística realizada, iremos apresentar nesta subseção uma amostra de alguns contextos analisados em cada cidade para justificar a classificação das funções pragmáticas de ambas estruturas com Neg1 e Neg2.

Os primeiros dados demonstrados são os da cidade de Porto Alegre. Como previamente mencionado, essa capital apresenta usos majoritários de DN com a função de manutenção tópica. Abaixo podemos observar um trecho que ilustra essa tendência nos dados:

(27) E: E o Olívio aqui, o que que a senhora acha?

F: Ai, péssimo<sup>3</sup>! Nem fala, péssimo. A gente dizia que o negrão era ruim, mas esse é pior, né?

E: Porque que a senhora acha ele tão ruim assim?

F: Ele não faz nada<sup>2</sup>. Ele não faz anda por ninguém, só na rádio, né? Eu escuto muito e vejo que ele não faz nada. Reclamação dele de tudo que é lado. Eu acho ele péssimo. PT não ganha mais<sup>1</sup>. Acho que nem o PMDB, né?

E: É. Quem vai sobrar?

F: Vai sobrar eu acho. **Mas o PT, eu acho que se candidata não ganha mais não<sup>1</sup>**. Só se o povo gosta de sofrer. Eu, como não gosto, nem votei nele também.

E: E assim no bairro, assim, vocês chegaram a pedir alguma coisa pra Prefeitura?

F: Mas a mãe da Rose mesmo, Dona Judite, vive pedindo, essa Sociedade que eles têm aí também, mas **não faz nada não<sup>2</sup>**. Não pode, não tem dinheiro. O que ele fez com os ônibus! De sete passou pra quatorze de repente assim. Foi ele né?

E: Foi ele e o aumento da gasolina também, né?

F: É, mas tanto assim, de sete passou cem por cento, né? Já tinha subido, né? Era de cento e pouco e foi pra sete, depois de repente foi pra quatorze, ele disse que não ia subir, pegou as empresas e tomou conta e piorou as linhas. **Eu não gosto dele não<sup>3</sup>**.

[POA 06, L943]

No exemplo acima há três ocorrências da estrutura da dupla negação. Cada uma delas foi numerada de 1 a 3. O primeiro caso de dupla negação em, “Mas o PT, eu acho que se candidata não ganha mais não” é um caso de manutenção tópica, porque como podemos observar, a falante no turno anterior declara que o “PT não ganha mais”. Sendo assim, a DN serve como uma “repetição” para negar e manter o tópico introduzido anteriormente, pois, após a sentença contendo a Neg2, a falante expõe as razões de o porquê que o partido não deva ganhar uma nova eleição. Esse exemplo ilustra um caso de DN em meio de turno, no qual o falante indica que quer continuar falando sobre o mesmo tópico e o faz nas linhas seguintes.

Partindo para o exemplo de número 2, no qual a dupla negação em “Não faz nada não” retoma a exposição do falante realizada oito linhas acima com a sentença “Ele não faz nada”. Essa primeira afirmação é feita com o intuito de responder à pergunta do entrevistador de o porquê a falante não gostar do político Olívio. Após dar sua resposta, a falante prossegue apresentando as suas razões, e então depois de o discorrer de oito linhas a falante retorna ao tópico utilizando a dupla negação.

Finalmente, no terceiro exemplo com DN, a sentença “Eu não gosto dele não” retoma o tópico introduzido logo no início do turno. A falante afirma “Ai, péssimo” para responder à pergunta acerca de sua opinião sobre o político Olívio. Após essa sentença, ela lista várias razões para a sua opinião e ao final do turno, com o passar de 12 linhas de interação com o

entrevistador, ela utiliza a dupla negação para reafirmar sua opinião com “Eu não gosto dele não”. Abaixo há apresentação de mais dois exemplos do mesmo tipo de função no corpus:

- (28) F: Não ia haver acerto mesmo, porque eu ia querer no mínimo, sem exagero na época, isso foi em novembro, eu ia querer assim, ó, fora de brincadeira, mil por semana. Ele não ia me pagar<sup>1</sup>, ele conversou com rapaz que trabalhava com um irmão do Ari tem uma estofaria aqui adiante, e ele ofereceu trezentos pro rapaz: “Não, me dá quinhentos eu venho trabalhar contigo”. Ele não aceitou. Não me daria mil, tranquilamente, embora eu calcule que eu mereça. **Mas não daria não**<sup>1</sup>.

[POA03, L761]

- (29) E: O senhor costuma frequentar a igreja?

F: Não<sup>1</sup>. Eu ia. Inclusive eu comungava todos os domingos, tempo do colégio São Pedro, né? Colégio dos Irmãos Maristas, mas agora, depois passou, aí bem de vez em quando eu vou, né? Não é certo, **não tenho o hábito de ir todos os domingos não**<sup>1</sup>.

[POA 09, L370]

Em ambos casos acima a dupla negação aparece em final de turno e a estrutura discursiva dos dois exemplos é similar. Em (28) o falante está descrevendo sua situação em seu último emprego, sendo assim, ao introduzir a negação simples em “Ele (seu chefe) não ia me pagar”, o falante nega esta proposição. Logo após essa sentença, o falante desenvolve um pouco mais o tópico, contando uma história de o porquê ele achar que o chefe dele não iria pagá-lo o quanto gostaria. Ao final desse desenvolvimento, o falante utiliza a dupla negação, “Mas não daria não” como uma forma de manter e retomar o tópico “O chefe não iria pagar o quanto ele achava que merecia”.

Da mesma maneira, o falante, no exemplo (29), responde a uma pergunta introduzida pelo entrevistador (se frequentava a igreja) com uma negação simples “Não”. Em seguida, o falante conta uma mini história para justificar o porquê de ele não ir mais a igreja e, ao final, encerra o discurso empregando o uso da dupla negação em “não tenho o hábito de ir todos os domingos não” para manter o tópico e reafirmar sua resposta.

Os exemplos apresentados da cidade de Porto Alegre compõem um total de 27 ocorrências que foram encontradas no corpus desta capital. Além disso, esses contextos podem ser configurados como os prototípicos para a ocorrência de DN em Porto Alegre. Isso se dá porque neles a Neg2 funciona como manutenção tópica e a está geralmente em orações absolutas e principais.

Considerando os dados das outras cidades analisadas, observamos que a função pragmática mais preferida pela DN nesses locais é de denegação (com 50% de usos em Curitiba e 54% em Florianópolis). Sendo assim, abaixo são apresentadas análises de trechos com Neg2 que cumprem essa função:

(30) F: Esse aqui, meus patrões. Essa eu acho que... Aqui era um aniversário meu, sabe?

E: Aqui é laço, olha lá.

F: É.

E: O tal laço. (risos geral)

F: Mas essa aqui não sou eu com o laço. Espera aí. Não sou. Eu bati essa fotografia. É... Essa aqui é minha amiga.

E: Também adotou o laço.

F: Essa é minha irmã mais nova. Eu bati essa fotografia. Eu não estou aqui. Olhe minha casa, que o meu pai desenhava bonito. Tudo isso são desenhos. Sabe?

E: Nossa! E seu pai fazia isso como trabalho também? Não?

F: Ele pintava as casas. **Eu não estou aqui, não.**

I: Ele fazia folha de papel, assim de papelão, né? e desenhava e ia pintando em toda a casa os desenhos.

E: Que bacana!

[CUR14, L1531]

Neste caso de DN em Curitiba há um caso de denegação. A falante está mostrando um álbum de fotos de sua família e amigos para o entrevistado. Ela aponta para várias pessoas e comenta sobre elas nas fotos. Todavia, parece que o entrevistador se engana sobre uma das



fotos e acha que a falante estava presente nela pois fala “O tal do laço” que, aparentemente, foi algo mencionado pela falante como algo que ela usava quando era mais jovem. Sendo assim, a falante afirma, duas vezes, que não era ela na foto e, por fim, utiliza a dupla negação para denegar essa proposição que ela acredita que o entrevistador pressupõe com a frase “Eu não estou aqui não”.

Esse exemplo ilustra a definição de denegação proposta por Seixas & Alkmin (2013): no ato de denegar o falante acredita que sabe melhor e que o ouvinte sabe errado. Neste caso, a falante sabe melhor que não era ela na foto e quer denegar uma proposição ela acredita que o ouvinte sabe errado. Abaixo apresentamos outro exemplo dos dados de Curitiba que contém uma DN com a função de denegar:

(31) E: Bom, o Senhor falou que trabalhou a vida toda contrariado daí. Mas é... como tesoureiro da DR, é, não foi importante o Senhor ter feito Contabilidade, que daí-

F: Bom, ajudou, é lógico, porque você vê quem trabalha com dinheiro tem que saber fazer o livro-caixa, tudo, né? Quer dizer, ajudou, lógico, né? Mas não é que fosse uma função que precisasse ser contador, né? **Não precisava não**. Uma pessoa ser contador na época [tinha que]- [que]- precisava cursar um Ginásio ou era só [com]-com- Ah! tinha que ter o Ginásio pra daí fazer o que era considerado o científico, né? Equivalente ao Científico. Não precisava fazer.

[CUR15, L1016]

No exemplo em (31) há uma dupla negação que cumpre a função de denegar uma pressuposição que o falante quer impedir que entre no *common ground* da conversa. O entrevistador inicia o turno questionando se o falante deveria ter feito contabilidade para trabalhar como tesoureiro na empresa DR. O falante, então, explica que para ocupar aquele posto ele não precisava ter feito nenhum curso de contabilidade: “Não precisava não”. Sendo assim, ele denega uma ideia que o interlocutor possa ter e, erroneamente, introduza no *common ground* do discurso. Por fim, os exemplos em (30) e (31) são também ilustrativos do tipo de oração em que a DN mais ocorre nos dados de Curitiba que é a absoluta (74% dos casos). Concentrando-nos na cidade de Florianópolis, podemos observar o seguinte trecho:

(32) E: E tua esposa, ela gosta também desse tipo de música?

F: Ela gosta de musiquinha estrangeira, gosta. Também gosta de muitas nacionais né? Ela gosta dessa Sula Miranda, diz que a Sula Miranda – Tem outra né? É melhor que a Sula Miranda. A Gal Gosta também, ela gosta também.

E: E você gosta da Gal?

F: Não. Eu gosto é, por causa de vanerão, eu gosto de Chitãozinho e Xororó, Milionário e José Rico porque eles têm umas músicas boas para dançar vanerão. **Mas lambada eu não gosto não.**

E: Mesmo de olhar?

F: Olhar ainda vai, pra dar uma espiada, ainda vai.

[FLOR10, L410]

Neste exemplo o falante usa a dupla negação em, “Mas lambada eu não gosto não” como uma forma de denegar uma possível interpretação do entrevistador dos seus gostos musicais. Ao responder à pergunta do entrevistador “E tua esposa, ela gosta também desse tipo de música?”, o falante diz que sua mulher gosta de Sula Miranda, cantora do ritmo lambada. Em seguida, ele lista quais são as suas próprias preferências musicais e ao final desse turno o falante usa a dupla negação. Sendo assim, a DN serve como uma denegação à ideia de que ele, por conviver com sua esposa que gosta do ritmo lambada, também aderisse a esse ritmo. Novamente, esse é um caso bem ilustrativo da noção de denegação introduzida por Seixas & Alkmin (2013). À continuação, observamos o seguinte trecho dos dados de Florianópolis:

(33) E: Mas, hoje, agora, depois da mudança econômica, vocês continuam fazendo churrasco?

F: Continuamos fazendo churrasco.

E: Não afetou, o Plano não afetou vocês?

F: Não afetou em nada não.

E: Ótimo!

F: Esse dinheiro.

E: Não ficaram com dinheiro preso?

F: Não, **não fiquei sócio do Brasil não.**

[FLOR10, L1227]

O caso de DN em (33) também ilustra um exemplo de denegação. Nele, o entrevistador introduz um tópico relacionado à crise econômica enfrentada pelo Brasil no início dos anos 90 ao perguntar para o falante se, apesar da mudança econômica, ele continuava a fazer churrasco. O falante, então, afirma que continua fazendo churrasco. Em seguida, o entrevistador menciona o plano Collor, que foi um conjunto de reformas econômicas proposto pelo então presidente do Brasil, Fernando Collor, no ano de 1990. O entrevistador também se refere a ideia de ficar com “dinheiro preso”, isso porque uma das medidas do plano era que 80% de todos os depósitos do overnight, das contas correntes ou das cadernetas de poupança que excedessem a NCz\$ 50mil (cruzado novo) fossem congelados por 18 meses. Sendo assim, remetendo-se à ideia de que quem tinha o dinheiro confiscado pelo governo ficaria “sócio do Brasil”, o falante denega a ideia de que estaria nessa situação ao utilizar a DN “não fiquei sócio do Brasil não”. Notamos aqui que o falante denega uma ideia que pode ser introduzida no discurso ao utilizar a dupla negação. Em suma, as duas estruturas da Neg2 que foram apresentadas em (32) e (33) também são representativas do tipo de oração mais comum nas ocorrências de DN encontradas nos dados de Florianópolis: a absoluta com 68% dos casos.

Por fim, para estabelecer uma comparação com os exemplos apresentados acima, iremos expor dois trechos que são prototípicos das funções pragmáticas mais exercidas pela Neg1 nos dados analisados. A primeira é a função de satisfação a tópico quantitativo:

(34) (falando sobre um filme)

E: E quem era o ator? Você lembra o nome?

F: **Não lembro.** Sei que o ator era um baita de um forte.

[POA10, L467]

(35) E: A senhora participa das reuniões da paróquia assim?

F: **Não**, eu só vou à missa. Só à missa. Às vezes nem dá pra ir, às vezes o negócio da casa que vem trabalhar aí, né?

[POA06, L767]

Nos dois exemplos acima a negação canônica serve para negar um tópico quantitativo, ou seja, o falante adiciona um dado novo em (34) ao dizer que não lembrava o nome do ator do filme que estava se referindo e em (35) a falante nega a ideia de que iria em reuniões da sua igreja. A negação desses tópicos introduz informações novas ao discurso que foram requisitadas pelo entrevistador. Assim sendo, esses casos apresentados em (34) e (35) são também típicos das funções pragmáticas mais exercidas pela Neg1 em todos os dados analisados (satisfação a tópicos quantitativos e qualitativos). A seguir há dois exemplos da segunda função pragmática mencionada:

(36) (falando sobre a opinião do falante em relação à prefeitura)

E: Mas você viu alguma melhora imediata? Se antigamente estava ruim e foi resolvido, o que vocês pediram?

F: Não, de imediato, não. É só uma que vai vir de lá, pra ser serviço, né? Por isso a gente, eles prometem muito e **não fazem**, não cumprem a metade do que prometem.

[FLOR10, L612]

(37) F: Então, sabe que isso é muito importante, sabe o que que é? Então a pessoa faz uma previsão: “Eu vou entregar o serviço”. Pra ti no caso: “Olha, eu vou entregar o carro sexta-feira.” **Se eu não entregar sexta-feira** vai ficar meio ridículo, meio xarope, sabe? Você vai entender, mas no fundo, no fundo você: “Pô, mas Eduardo não cumpriu com a palavra”. No seu íntimo, né? Você pode de boca assim: “Bah Eduardo, não tudo bem, não esquenta, tudo bem”. Mas no fundo você não ficar satisfeita.

[FLOR 03, L780]

Em ambos casos a satisfação à tópico qualitativo com o uso da Neg1 se dá com a introdução de conteúdo que não contribui para a satisfação direta das demandas de informação

geralmente feita pelo interlocutor, que são os casos de satisfação ao tópico quantitativo já apresentados anteriormente. Ou seja, “não fazem” em (36) e “se eu não entregar sexta-feira” não acrescentam informações solicitadas diretamente pelo entrevistador, mas contribuem para a construção do background ou justificativas das respostas aos tópicos centrais.

### **3.6 Desenvolvimento da Hipótese Central**

De modo geral, nesta dissertação foram demonstrados uma série de resultados que contribuem para a compreensão do fenômeno da dupla negação utilizada no Sul do Brasil. A recolha e análise dos dados aqui apresentados tiveram como objetivo responder à quatro perguntas de pesquisa propostas na seção 3.1 deste capítulo. A primeira estava relacionada às porcentagens de usos das estratégias negativas investigadas neste trabalho. Em suma, foi constatada uma presença majoritária de ocorrências da negação canônica nos dados analisados. Como reportado, encontramos um total de 98% (n = 6.989) de usos da estrutura de Neg1 no corpus. Por outro lado, corroboramos os estudos de Goldnadel et al. (2013) e Lima (2013) ao constatarmos que a dupla negação na região Sul do Brasil aparecia em números reduzidos de uso, com um total de 2% (n = 127) de ocorrências no corpus investigado.

Nos remetendo à segunda pergunta de pesquisa que indaga quais são os tipos de oração que favorecem o uso da Neg2, em geral, concluímos que essa estratégia negativa aparece, predominantemente, em orações absolutas (com 66% dos usos). Especificamente, em relação aos dados isolados das três capitais estudadas, notamos que não há uma diferença notável entre eles. Em Curitiba a DN aparece, principalmente, em orações absolutas (74% dos usos), assim como em Florianópolis (68%) e Porto Alegre (48%). Através desses resultados, pode-se notar então que a dupla negação no Sul do Brasil é pouco flexível em relação à estrutura oracional na qual aparece.

Concentrando-nos na pergunta de número 3 em relação às funções pragmáticas exercidas pela dupla negação na região Sul do Brasil, em primeiro lugar, houve uma consistência que dominou os resultados na análise dos dados: a Neg2 aparece, majoritariamente, em contextos em que denega uma proposição ou em que realiza manutenção tópica.

A denegação e manutenção tópica, apesar de cumprirem a diferentes objetivos na organização do discurso, apresentam uma característica em comum: ambas devem aparecer com conteúdos que estão ativados no discurso (de acordo com a proposta de Schwenter, 2005,

2006) que parece ser uma restrição inerente a essas funções. Isto é, para a denegação ser *felicitous*, o falante deve ter uma proposição ativada no discurso (que pode ser explícita ou implícita), a qual ele deseja rejeitar a introdução no *common ground* da conversa. Observamos o exemplo retirado do corpus abaixo:

(38) (falando sobre jogar e apitar jogo de futebol)

E: Quem é bom a gente sempre procura, né?

F: Ah, eu um dia desses eu que eu ia ter que jogar o dia inteiro mesmo. **E não sou de roubar, não.** Não é da casa, do esporte, se for possível, eu não queria, assim, chegar daqui pra jogar lá em Biguaçu, lá em Santo Antônio, na Palhoça. Se eles ganhassem de um a zero, porque mereceram. Se eles perderem lá de oito, porque perderam também. Fui eu pra campo, fui apitar uma partida em Araranguá, não foi nosso time. Apitei duas lá em Passo Fundo, lá no Rio Grande do Sul. Nosso time é que ganhou. Do meu time aqui, desses quatro, tem um que é de coroa.

[FLOR19, L751]

A dupla negação presente em “E não sou de roubar não” evita que a possível conclusão feita pelo interlocutor (de que juiz de futebol rouba) entre no discurso. Entretanto, essa denegação só se torna possível porque os conteúdos relacionados a futebol e ser juiz de uma partida estão ativados no discurso. Nas linhas anteriores, o falante introduz esses tópicos e, a partir deles, pode haver uma inferência que o falante denega com usos da Neg2. Dessa forma, é importante notarmos como essa restrição de ativação de conteúdo é inerente à função pragmática de denegação.

Não apenas a ativação é necessária para a possibilidade da existência da denegação, como também é para a manutenção tópica. Observamos o seguinte exemplo:

(39) E: Me diz, foi fácil encontrar colégio pras crianças aqui? Pro menino, né?

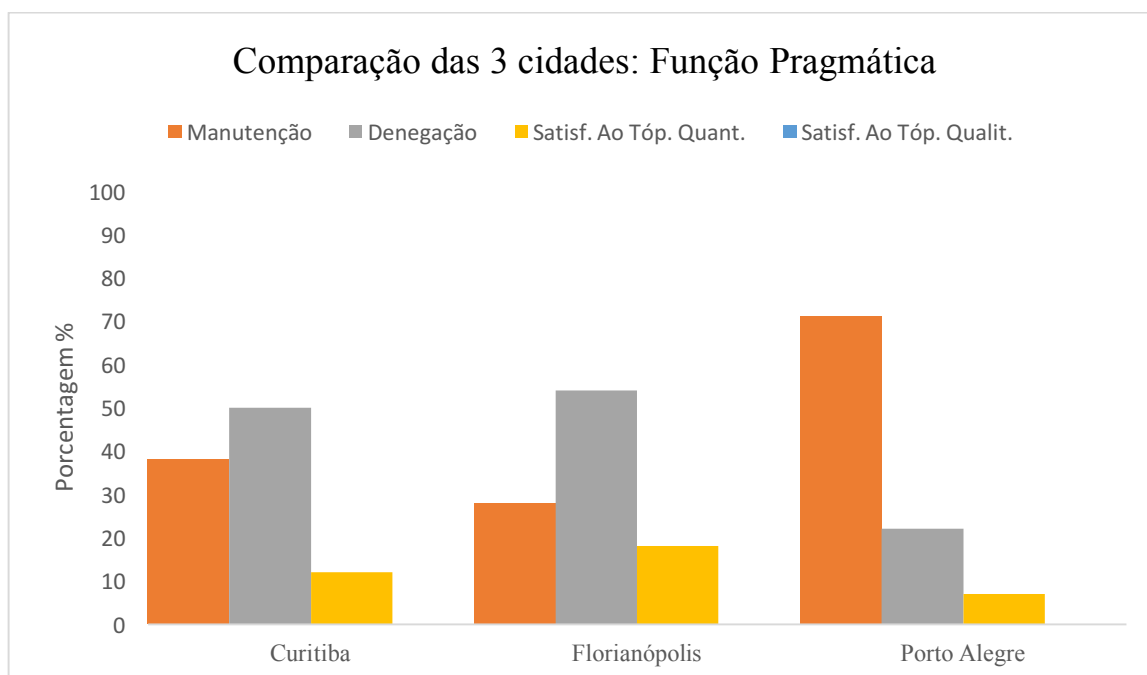
F: Foi<sup>1</sup>. Eu tive que fazer, como ele já fez o pré o ano passado, então ele já tinha uma vaga mais ou menos garantida, né? No Leopoldina. E aí ele já está ali, já fez

matrícula, já vai começar daqui a pouco. **Não foi difícil não**<sup>1</sup>. Meu outro agora vai entrar no pré ali, o ano que vem ele já entra no primeiro ano, também.

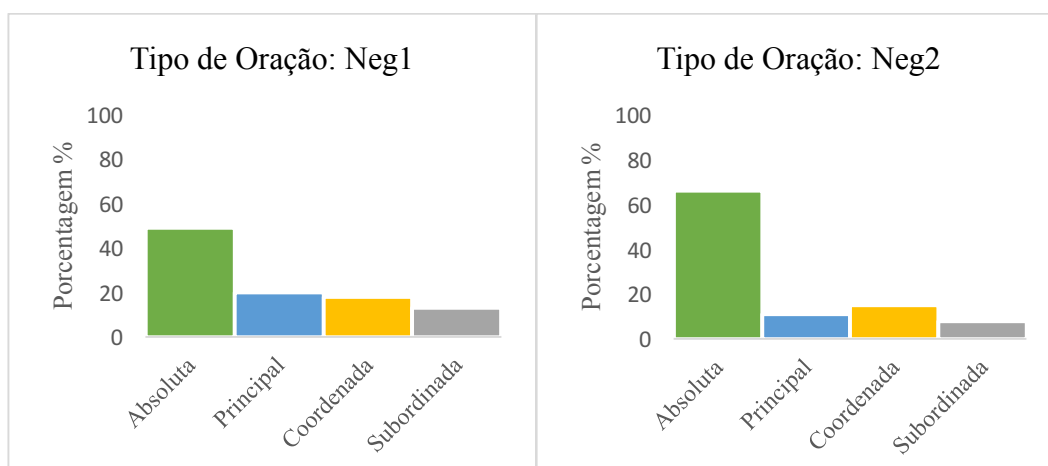
[POA08, L206]

No exemplo acima, o falante responde à pergunta do entrevistador logo no início do turno com a frase “Foi” (afirmando que foi fácil encontrar colégio para seus filhos). Em seguida, o falante desenvolve melhor sua resposta ao introduzir mais informações para justificar sua resposta central e, então, utiliza a dupla negação “Não foi difícil não” como uma forma de manter o tópico. O que podemos notar em relação às características da manutenção tópica é que, também, a ativação é condição necessária para sua felicidade. O falante só pôde retomar e indicar a possibilidade da manutenção tópica com a DN, porque o conteúdo “ser fácil de encontrar colégio para os filhos” foi ativado no discurso anteriormente com a pergunta do entrevistador.

Apesar das referidas similaridades entre as três cidades investigadas em relação às funções pragmáticas exercidas pela Neg2, encontramos uma principal diferença sobre esse dado: além de Curitiba e Florianópolis apresentarem mais usos de DN do que Porto Alegre, as duas cidades mostraram uma ocorrência maior de casos distribuídos entre as funções de denegação e manutenção tópica. Isto é, parece que há uma correlação entre uma maior porcentagem de usos e uma extensão dos contextos pragmáticos em que a Neg2 acontecer, como pode ser observado abaixo:

**Gráfico 3: Comparação das 3 cidades: Função Pragmática**

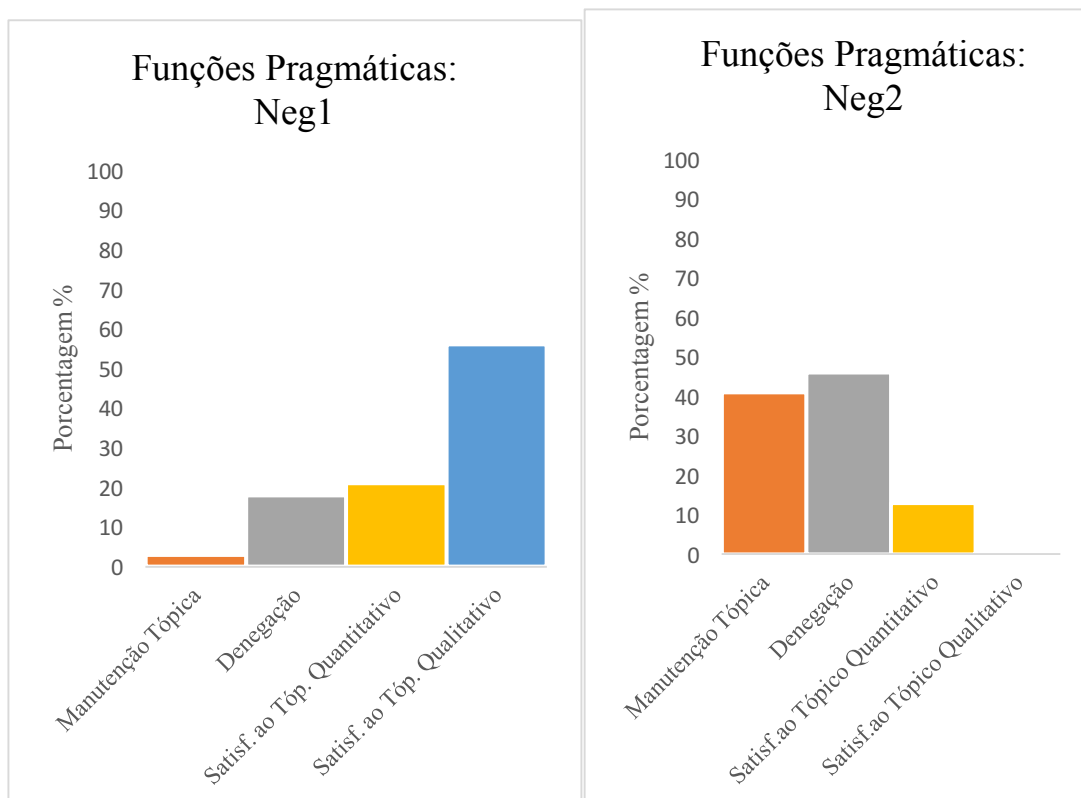
Adicionalmente a esses resultados, focamos na comparação entre as estruturas oracionais e restrições pragmáticas exercidas pela Neg1 e Neg2, com o intuito de responder à quarta pergunta de pesquisa. Em primeiro lugar, a negação simples apareceu mais distribuída em relação ao tipo de oração, em comparação com a dupla negação. Este fato é previsível se considerarmos que a negação simples é a estratégia preferida entre os falantes, permitindo que ela apareça com menos restrições estruturais. Abaixo há um gráfico comparativo dos dados gerais em relação tipo de oração:

**Gráfico 4: Comparação dos Tipos de Oração**



Já em relação à comparação entre as funções pragmáticas exercidas pelas duas estratégias negativas, observamos que há uma diferença fundamental entre ambas. A dupla negação cumpre duas funções pragmáticas específicas (manutenção tópica e denegação) que a Neg1 praticamente não desempenha mais:

**Gráfico 5: Comparação das Funções Pragmáticas**



Esses resultados revelam um dado importante à literatura especializada: quando uma estratégia inovadora na língua surge, a sua forma mais conservadora, gradualmente, cede suas funções ao novo fenômeno. Como podemos observar no gráfico acima, a Neg1 é a única estratégia negativa que cumpre a função de satisfação de tópico qualitativo, que por outro lado, a Neg2 nunca cumpre nos dados.

No caso da dupla negação, aparentemente, ela está sendo restringida por contextos pragmáticos que já pouco atuam no uso da Neg1. A manutenção tópica, por exemplo, apareceu em 3% dos dados gerais com negação simples, enquanto que em Porto Alegre apresenta 70% de usos.

Em conclusão, os fatos apresentados até este momento contribuem para a elaboração das seguintes hipóteses sobre os usos de dupla negação em português brasileiro:

- a) O Sul do Brasil apresentava usos iniciais da dupla negação nos 80 e 90;**
- b) Há uma correlação entre a frequência de uso de estratégias negativas inovadoras e a expansão dos seus contextos pragmáticos;**
- c) A dupla negação no Sul do Brasil cumpre majoritariamente duas principais funções pragmáticas que são caracterizadas pela condição inerente de ativação de conteúdo no discurso:**
  - 1) A de manutenção tópica, na qual o a estrutura negativa inovadora serve para retomar o tópico discursivo e sinalizar a sua manutenção;**
  - 2) E a de denegação, na qual o falante denega um conteúdo que ele deseja evitar que entre no *common ground* do discurso.**
- d) Em relação a sua estrutura sintática, a dupla negação, no Sul do Brasil, é restrita a estruturas oracionais sintaticamente menos complexas.**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação foi apresentada, inicialmente, uma revisão bibliográfica que discutiu o panorama geral de estudos sobre as diferentes estratégias negativas encontradas em várias línguas faladas. Dentre as teorias investigadas, há duas correntes principais de estudos: uma que descreve, em uma perspectiva formal, a dupla negação como pertencente a uma etapa do Ciclo de Jespersen. Tal hipótese entende que a DN surge como uma forma de reforço ao enfraquecimento fonético que o item negativo original sofre. A segunda corrente, olha para o fenômeno de uma perspectiva pragmática/discursiva. Dentre os estudos que consideram esses fatores como motivacionais para o surgimento da dupla negação, há a proposta defendida por Schwenter (2005, 2006), que considera que a ativação de conteúdo no discurso é uma condição necessária para a possibilidade de ocorrência da DN em português brasileiro.

Este trabalho contribui para a proposta de Schwenter (2005, 2006) ao analisar dados de fala da região Sul do Brasil. Com o objetivo de compreender: 1) quais eram as porcentagens de uso das estruturas negativas; 2) quais eram os tipos de oração e contextos pragmáticos que favorecem o uso da dupla negação; e 3) quais são as diferenças de contexto pragmático e tipo de oração entre a negação canônica e a dupla; foram analisadas linguisticamente e classificadas 343 ocorrências de negação em um corpus de entrevistas sociolinguísticas realizadas nas três capitais do Sul do Brasil (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre) entre o fim dos anos 80 e início dos 90.

Os principais resultados da análise apontaram para uma série de características relevantes da negação no Sul do Brasil. Primeiramente, foi atestada uma porcentagem que varia de 1 a 2% de usos de dupla negação ( $n = 127$ ) no corpus investigado, corroborando prévios estudos que afirmam que o Sul do Brasil apresenta usos iniciais da estrutura da dupla negação. Em segunda lugar, os usos de dupla negação, no corpus investigado, são pragmaticamente restritos a duas principais funções: a de denegação (46% das ocorrências,  $n = 58$ ) e a de manutenção tópica (41% das ocorrências,  $n = 52$ ). Além disso, a DN aparece, majoritariamente, em orações simples (absoluta e principal, somando 77% dos usos). Em relação às diferenças encontradas entre as três capitais, notamos que há correlação entre a frequência de uso da estratégia negativa inovadora e a expansão dos seus contextos pragmáticos. Ou seja, nas cidades onde a dupla negação apresenta valores maiores de usos (Curitiba e Florianópolis), as suas ocorrências estão mais distribuídas em relação aos contextos pragmáticos. Por outro lado, Porto

Alegre (a capital com menos usos no corpus) apresentou, quase que categoricamente, usos de DN com uma única função pragmática: manutenção tópica.

Por fim, quando os dois tipos de negação, Neg1 e Neg2, são comparados, constatamos que a negação canônica cumpre funções pragmáticas distintas das que cumprem a dupla negação: 78% as ocorrências de Neg1 analisadas, cumprem as funções de satisfação de tópicos quantitativos e qualitativos. Além disso, a Neg1 é a única estratégia negativa que cumpre a função de satisfação de tópico qualitativo, que por outro lado, a Neg2 nunca cumpre nos dados. A Neg1 apresenta seus usos mais distribuídos em relação ao tipo de oração em que pode acontecer.

Em conclusão, a dupla negação, nos dados analisados, é restrita a duas principais funções pragmáticas que apresentam uma condição necessária: a ativação de conteúdo no discurso, como constatou Schwenter (2005, 2006). Isso se dá porque a denegação e manutenção tópica são funções intrinsecamente ativadas no discurso, esse aspecto é parte da definição de ambas funções. Essa constatação vai ao encontro da crítica, proposta por Schwenter (2005, 2006), em relação à ideia da ênfase como explicação para surgimento do fenômeno. Como afirma o autor, é difícil nos debruçarmos em uma suposta “função” que é vagamente definida na literatura. Ademais, a ideia de pressuposição (na concepção de conhecimento compartilhado entre o falante e o ouvinte) não se aplica às análises dos nossos dados, sendo que em todas as ocorrências de DN sempre havia algum tipo de gatilho discursivo, representados pelas noções de manutenção tópica e denegação, que previamente ativava o conteúdo que seria negado pela dupla negação.

Além disso, parece, também, que a hipótese relacionada à erosão fonética não é suficiente para explicar os resultados aqui apresentados. A simples redução fonética não explica o porquê de a dupla negação aparecer em contextos tão restritos pragmaticamente. A DN, nessa proposta, deveria estar em competição com os contextos em que a Neg1 acontece, sendo que a explicação para o seu surgimento seria somente o enfraquecimento da partícula pré-verbal. Entretanto, ao examinarmos os dados aqui demonstrados, fica evidente que a dupla negação serve como um recurso expressivo da língua para indicar alguma função pragmática, que, aparentemente, a Neg1 quase não expressa mais. Ou seja, existe uma divisão pragmática clara entre as duas estratégias negativas disponíveis na variedade falada no Sul do Brasil.

Em conclusão, a principal contribuição deste trabalho foi demonstrar a importância de questões pragmáticas na análise do surgimento de fenômenos linguísticos inovadores. Dentre o

panorama de estudos apresentado e a conclusão da análise dos resultados do corpus investigado, concluímos que uma reflexão pragmática relacionada ao discurso apresenta relevância metodológica e teórica para a compreensão do sistema da negação em português brasileiro.

## REFERÊNCIAS

- BIBERAUER, T.; CYRINO, S. 2009. Negative developments in Afrikaans and Brazilian Portuguese. No prelo.
- CAMARGOS, M. 2000. A negativa: uma análise qualitativa. Disponível em: <http://www.ufop.br/ichs/conifes/anais/LCA/clca03.htm>. Acessado 14 de janeiro de 2016.
- CAVALCANTE, R. 2007. *A negação pós-verbal no português brasileiro: análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-descendentes*. 2007. 160f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- DETTGES, U.; WALTEREIT, R. 2002. Grammaticalization vs. Reanalysis: a Semantic-Pragmatic Account of Functional Change in Grammar. *Zeitschrift für Sprachwissenschaft*. v. 21, n. 2, p. 151–195.
- DRYER, M. S. 1996. Focus, pragmatic presupposition, and activated propositions. *Journal of Pragmatics*. v. 26, p. 475-523.
- FÁBUNMI, A. F. 2013. Negation in Sixteen Yorùbá Dialects. *Open Journal of Modern Linguistics*. v. 3, n. 1, p. 1-8.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. 2001. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. *Delta*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 1-30.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. 2007. Grammaticalization of the strategies of negation in Brazilian Portuguese. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 39, p. 1638-53.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. 2007. Grammaticalization of the strategies of negation in Brazilian Portuguese. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 39, p. 1638-53.
- GODARD, D.; MARANDIN, J. 2006. Reinforcing Negation: the case of Italian. In: MÜLLER, S. *Proceedings of the 13th International Conference on Head-Driven Phrase Structure Grammar*, Varna: CSLI Publications. p. 174-194.

GOLDNADEL, M. 2016. Funções pragmáticas de enunciados de dupla negação: análise de dados de Curitiba (PR). *ReVEL*, edição especial, n. 13, 2016.

GOLDNADEL, M. 2015. Funções pragmáticas de enunciados de dupla negação: análise de dados do Projeto VARSUL. No prelo.

GOLDNADEL, M. et al. 2013. Estratégias Alternativas de Negação Sentencial na Região Sul do Brasil: Análise da Influência de Fatores Pragmáticos a Partir de Dados do Projeto VARSUL. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v.21, n. 2, p. 35-74, jul. /dez. 2013.

HAGEMEIJER, T. 2003. Elementos polares na periferia direita: negação aparentemente descontínua, afirmação enfática e tags. *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, p. 465-476.

HANSEN, M. M. 2009. The grammaticalization of negative reinforcers in Old and Middle French: a discourse–functional approach. In: HANSEN, M. M.; VISCONTI, J. *Current Trends in Diachronic Semantics and Pragmatics*. Bingley: Emerald, p. 227-251.

HANSEN, M. M.; VISCONTI, J. 2009. Current Trends in Diachronic Semantics and Pragmatics. In: HANSEN, M. M.; VISCONTI, J. *Current Trends in Diachronic Semantics and Pragmatics*. Bingley: Emerald, p. 1-21.

HOEKSEMA, J. 2009. Jespersen recycled. In: GELDEREN, E. V. *Cyclical change*. Amsterdam: John Benjamins, p. 15-34.

ISRAEL, M. 1998. *The rhetoric of grammar: scalar reasoning and polarity sensitivity*. PhD dissertation, UCSD.

JESPERSEN, O. 2010. Negation in English and other languages. In: JESPERSEN, O. *Selected writings of Otto Jespersen*. New York: Routledge. p. 2-80.

KIPARSKY, P.; CONDORAVDI, C. 2006. Tracking Jespersen's Cycle. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~kiparsky/Papers/lesvosnegation.pdf>. Acessado 21 de janeiro de 2016.

LARRIVÉE, P. 2010. The pragmatic motifs of the Jespersen cycle: Default, activation, and the history of negation in French. *Lingua*. v. 120, p. 2240–2258

LARRIVÉE, P. 2011. The role of pragmatics in grammatical change: The case of French preverbal *non*. *Journal of Pragmatics*, v. 43, p.1987-1996.

LIMA, S. L. 2013. *Motivações pragmáticas para o surgimento de estruturas de dupla negação: uma análise a partir de dados da região Sul do Brasil*. 2013. 110f. Dissertação (Mestrado em Gramática, Semântica e Léxico) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

LIPSKI, J. M. 2001. Strategies of double negation in Spanish and Portuguese. Disponível em: <http://www.personal.psu.edu/jml34/negation.pdf> (10/15/2010). Acessado 10 de dezembro de 2016.

LÓPEZ, L. A. O. 2007. La negación en la frontera dominico-haitiana. In: POTOWSKI, K.; CAMERON, R. *Variantes y usos (socio)lingüísticos. Spanish in contact: policy, social and linguistic inquiries*. John Benjamins. p. 211-236.

NUNES, L. L. 2014. *Motivações pragmáticas para o uso de dupla negação: um estudo do fenômeno em português europeu*. 68f. Monografia de final de curso. (Letras em inglês e português) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

NURSE, D. et al. 2010. *Verbal Categories in Niger-Congo Languages*. St. Johns: Memorial University of Newfoundland.

REIMANN, C. A.; Yacovenco, L. C. A dupla negação no português falado em vitória/es: traço da identidade linguística capixaba? *Anais do Congresso Nacional de Estudos Linguísticos*, 2011.



RONCARATI, C. N. S. 1996. A negação no português falado. In: RONCARATI, C. N. S.; MOLLICA, M. C. M. (orgs.). *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 97-112.

SCHWEGLER, A. 1991. Predicate negation in contemporary Brazilian Portuguese: a change in progress. *Orbis*, Leuven, v. 34, p. 187-214.

SCHWENTER, S. A. 2005. The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese. *Lingua*, Amsterdam, v. 115, p. 1427-56.

SCHWENTER, S. A. 2006. Fine-Tuning Jespersen's Cycle. In: BIRNER, B.; WARD, G. *Drawing the Boundaries of Meaning: Neo-Gricean Studies in Pragmatics and Semantics in Honor of Laurence R. Horn*. Amsterdam: Benjamins. p. 327-344.

SEIXAS, V; ALKMIN, M. 2013. Negação sentencial em textos setecentistas e oitocentistas: [NãoVNão] em foco. *Veredas on-line*, Juiz de Fora, v.17, n. 2, p. 83-113.

SOUSA, A. S. 2004. As estruturas de negação em uma comunidade rural afro-brasileira: Helvécia - BA. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/souza.doc>. Acessado 2 de dezembro de 2016.

SOUSA, L. T. 2007. A gramaticalização do não no português brasileiro e a etapa do processo. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, n. 2, p. 1-16.

SOUSA, L. T. 2015. Three types of negation in Brazilian Portuguese. *Lingua*. v. 159, p. 27-46.

van der AUWERA, J. V. D. 2009. The Jespersen Cycles. In: GELDEREN, E. V. *Cyclical change*. Amsterdam: John Benjamins. p. 35-71.

van KUPPEVELT. 1995. Discourse structure, topicality and questioning. *J. Linguistics*. Cambridge, Cambridge University Press, v. 31, p. 109-147.

VARSUL. Disponível em: <http://www.varsul.org.br/>. Acessado em 5 de junho de 2016.

WALLAGE, P. 2015. Identifying the role of pragmatic activation in changes to the expression of English negation. In: LARRIVÉE, P.; LEE, C. (eds.). *Negation and polarity: Experimental perspectives*. Springer International Publishing Switzerland, p. 199-227.